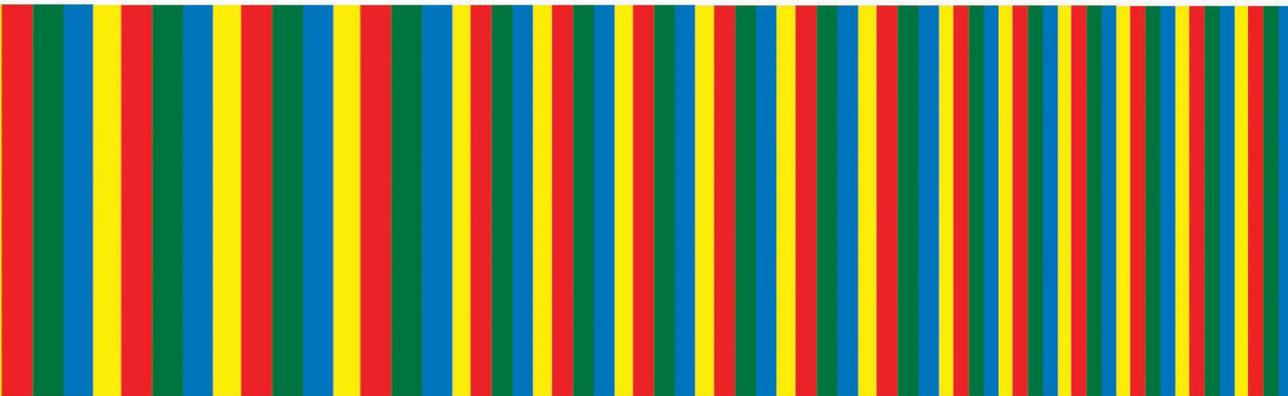




Revista Internacional em
Língua Portuguesa

**30
ANOS**

a construir redes
de ensino superior
em português



**Revista
Internacional**

em Língua
Portuguesa

30 ANOS

A CONSTRUIR REDES
DE ENSINO SUPERIOR
EM PORTUGUÊS

Publicação Anual da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP)

A RILP cumpre as normas de referência do Catálogo Latindex – sistema de Informação Internacional de Revistas Científicas e do European Reference Index for the Humanities (ERIH) da European Science Foundation (ESF).

A Revista Internacional em Língua Portuguesa, editada desde o ano de 1989, é uma publicação interdisciplinar, da Associação das Universidades de Língua Portuguesa. Criada para aprofundar o conhecimento sobre o português, expressa hoje o conhecimento em português, num espaço de intervenção, que em perfeita igualdade participem os membros da comunidade de utilizadores de português no mundo, nas suas diversas formas de expressão e difusão, das ciências humanas, sociais e da natureza, com destaque para a ligação entre o espaço geográfico dos que utilizam a língua portuguesa.

Fundador: Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP)

Director: Presidente da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (Rui Martins)

Conselho de acompanhamento científico: Conselho de Administração da AULP - Rui Martins (Universidade de Macau), Francisco Noa (Universidade Lúrio), Jaime Arturo Ramírez (Universidade Federal de Minas Gerais), João Gabriel Silva (Universidade de Coimbra), Orlando da Mata (Universidade Mandume Ya Ndemufayo), Judite Nascimento (Universidade de Cabo Verde), Lourenço do Rosário (Universidade Politécnica de Moçambique), Albano Ferreira (Universidade Katyavala Bwila), João Sobrinho Teixeira (Instituto Politécnico de Bragança), Tomaz Santos (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), Aires Bruzaca de Menezes (Universidade de S. Tomé e Príncipe), Rui Jandi (Universidade Lusófona da Guiné), Francisco Miguel Martins (Universidade Nacional Timor Lorosa'e).

Coordenação editorial: Cristina Montalvão Sarmiento e Pandora Guimarães

Revisão: Sandra Moura e Pandora Guimarães

Montagem e arranjo gráfico: Pandora Guimarães

Capa/contracapa: Pandora Guimarães

Impressão e acabamentos: Sersilito - Empresa Gráfica, Lda.

Tiragem: 500 exemplares

Editor: Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP)

Depósito Legal: 28038/89

ISSN: 2182-4452

Preço deste número: 10,00 Euros

Correspondência e oferta de publicações deve ser dirigida a:

Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP)

Avenida Santos Dumont, n.º 67, 2º, 1050-203 LISBOA

Tel: 217816360 | Fax: 217816369 | Email: aulp@aulp.org

Para referência de números anteriores consultar: www.aulp.org

Todos os artigos desta edição são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

RILP

Revista Internacional em Língua Portuguesa

30 ANOS
A CONSTRUIR REDES
DE ENSINO SUPERIOR
EM PORTUGUÊS

Associação das Universidades de Língua Portuguesa

Índice

Introdução

30 anos a construir redes de ensino superior em português

Rui Martins e Cristina Montalvão Sarmento 11

I

IDENTIDADE

A institucionalização da AULP

1. O primeiro Secretário-Geral da AULP (1986-2002)

Manuel Coelho da Silva..... 17

2. Três anos como Secretário-Geral da AULP (2002/2005). O resto da minha vida como militante da construção do ELCO – Espaço Lusófono do Conhecimento

José Alarcão Troni 27

3. A vida associativa e o Secretariado Geral da AULP (2006-2010; 2014-2016)

Cristina Montalvão Sarmento 35

II

TESTEMUNHOS

O impacto das presidências

1. Da Europa: os esforços portugueses

Adriano Pimpão 45

João Guerreiro 47

2. O impulso da América do Sul: o Brasil

Clélio Campolina Diniz 53

3. Empenho africano: Angola, Cabo Verde e Moçambique

João Sebastião Teta 59

António Correia e Silva 65

Jorge Ferrão 69

Judite Nascimento 75

4. Os encontros no sul da China e a atual presidência da AULP da RAEM, China

Rui Martins e Jorge Rangel 81

5. A experiência do sudoeste asiático - Timor-Leste

Francisco Martins 117

III

CONTRIBUTOS CIENTÍFICOS

As edições e os projetos associativos

1. A história e registo dos encontros da AULP: Atas

Cristina Montalvão Sarmiento e Pandora Guimarães 125

2. A Revista Internacional em Língua Portuguesa: da língua à cultura científica

Cristina Montalvão Sarmiento 139

3. A recuperação da cultura científica: obras comemorativas

Pandora Guimarães 159

4. Prémio Fernão Mendes Pinto, uma iniciativa da AULP

João Guerreiro 169

IV

MEMÓRIAS

Locais e publicações

1. Encontros AULP 175

Portugal (1989 - Lisboa; 1990 - Évora; 1992 - Estoril; 1994 - Estoril; 1996 - Lisboa; 2000 - Ponta Delgada; 2001 - Viseu; 2005 - Lisboa; 2011 - Bragança); Brasil (1995 - Recife; 1997 - Rio de Janeiro; 2004 - São Paulo; 2008 - Brasília; 2013 - Belo Horizonte); África (1999 - Moçambique; 2002 - Angola; 2007 - Cabo Verde; 2009 - Angola; 2012 - Moçambique; 2015 - Cabo-Verde); Macau (1998/2003/2006/2010/2014)

2. Presidências AULP 177

3. Índices da Revista Internacional em Língua Portuguesa 179

INTRODUÇÃO

30 anos a construir redes de ensino superior em português

A *Revista Internacional em Língua Portuguesa* (RILP) vem sendo publicada desde o início da fundação da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) em 1986, e tem sido o meio da expressão da sociedade científica que se expressa em português.

Maria Helena Mira Mateus, dirigiu a primeira série composta por dezassete números e, José Augusto Seabra, coordenou a segunda série com três números, série interrompida com o seu desaparecimento. A terceira série, a partir de 2008, ganhou feição institucional e temática e perfaz com este que agora se dá à estampa, um total de trinta números. São 30 anos a criar redes de ensino superior em português.

Esta revista é um caso nacional único de internacionalização do centro linguístico original, o português, para o universo multilateral das culturas que lhe foram sendo historicamente associadas, alheia às variações políticas que o tempo impõe. Implícita está a consciência do grau de reconhecimento e influência internacional que as políticas de língua promovem para determinadas línguas ou podem promover para a língua portuguesa.

A justificação de necessidade do lançamento de uma nova série impôs-se de per si. As necessidades de acompanhar os novos tempos editoriais obrigam a implementar outras regras. Motivo pela qual, a RILP foi, entretanto, preparada editorialmente no Secretariado para registo, passou a estar referenciada no catálogo internacional LATINDEX, sistema internacional de informação internacional de revistas científicas, cujas exigências numa primeira fase, impuseram a sua anualidade, um conselho de acompanhamento científico e um processo de revisão de conteúdos que a transformou numa adequada revista científica tendente à circulação internacional.

Numa segunda fase que marcará a IV série a iniciar em 2017, a RILP será submetida à pressão de se converter em semestral, condição para integrar outros catálogos de referência científica, nomeadamente o SCIELO a que será submetida para apreciação, cumprindo assim critérios internacionais que tenderão em reverter a RILP numa revista mais atrativa no universo das publicações internacionais.

Ao completar trinta anos de existência a Associação das Universidades de Língua Portuguesa, publica este número comemorativo, que visa também marcar o fim da III série, abrindo a Revista à chamada livre de artigos no âmbito internacional.

A historiografia institucional permitirá aos vindouros dispor de informação que vai estando dispersa e tenderá a ultrapassar as limitações da nossa própria humanidade sempre restrita comparada com o tempo que uma ideia que ganha corpo institucional pode durar.

Após uma primeira parte em que é possível compreender a institucionalização da AULP e da sua identidade a partir dos depoimentos dos sucessivos gestores do secretariado geral da Associação, uma segunda parte recolhe os testemunhos de consecutivos presidentes institucionais e das Universidades que representavam tornando perceptível dinâmicas, intenções e empenhamentos assim como a dinâmica gerada no âmbito associativo. Não foi possível recolher os testemunhos de todos, uns por ausência no mundo físico, outros porque a distância não favoreceu a sua recolha, em que destacamos em particular o Prof. Doutor Brazão Mazula de Moçambique, mas estamos em querer que a leitura atenta deste número a todos fará justiça.

Uma terceira parte, faz jus ao acervo coletivo que em conjunto e com o esforço combinado foi possível registar em obra escrita. A historiografia dos Encontros e o seu registo em Atas; uma síntese do conteúdo da RILP e o impulso da reimpressão de obras caras às diversas culturas; e, finalmente, o lançamento do prémio de mérito académico sobre o trabalho científico, são completadas com uma última parte em que o elenco dos Encontros e das Presidências, somadas à recolha dos índices da RILP, permitirá, no futuro, apenas a consulta deste número para as investigações a que tantas vezes somos solicitados a contribuir.

Nesta introdução, uma última palavra é dedicada à equipe da sede. A vida de uma Associação deste tipo implica uma gestão de recursos criteriosa, sejam humanos ou materiais. Desde o início da criação da AULP, na sua retaguarda está o labor do Sr. Rogério Rei, ao qual a estabilidade económica e saudável equilíbrio financeiro a ele tudo deve. É um labor quotidiano, discreto, de boa vontade e boa-fé como é raro encontrar. Por isso lhe é devido um especial agradecimento.

Importa recordar ainda os contributos, ainda que aqui não testemunhados, da Dra. Analídia Perdigão e do Prof. Doutor Gabriel Feio, que exerceu as funções de secretário-geral interino após a saída do Dr. Alarcão Troni, assim como o empenho da Mestre Teresa Botelho, secretária executiva nos anos de 2011- 2013, mesmo quanto as orientações do Conselho de Administração não foram coincidentes com a orientação da sua gestão.

O impulso e apoio à atividade editorial teve no Mestre Suzano Costa, secretário executivo nos anos 2008-2012, uma dedicação exemplar interrompida pelo desejo de completar o seu prosseguimento formativo até ao mais alto nível do Doutoramento, o que a AULP apoia e a quem se augura e deseja êxitos pessoais e profissionais. Ao longo da última década, a Dra. Sandra Moura, soube construir paulatinamente a sua formação e hoje é a peça-chave de um secretariado estável

e conhecedor. Mais recentemente, a Dra. Pandora Guimarães da área de comunicação soube imprimir um entusiasmo criativo e um apoio às edições que se considera inestimável e da qual a AULP já não prescinde.

Ao completar o trigésimo ano de atividade a AULP ganhou vida própria e não obstante algumas dificuldades de percurso tem sabido acompanhar o tempo e a dinâmica que este determina, augurando-se uma continuidade frutuosa para o projeto que lhe está implícito: a criação de uma rede de conhecimento ao nível do ensino superior ancorada na partilha de uma língua comum e das diversas culturas que lhe foram sendo associadas.

Cristina Montalvão Sarmiento
Rui Martins

I - IDENTIDADE
A institucionalização da AULP

1. O primeiro Secretário-Geral da AULP (1986-2002)

Manuel J. Coelho da Silva

Secretário Geral da AULP (1986-2002)

No início eram dezasseis

Olhar o passado ajuda a perceber o presente e a projetar o futuro. É uma frase feita, eu sei, mas é também aquela que melhor traduz este revisitar da história da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP).

Quando um pequeno grupo de dirigentes, representando 16 instituições de ensino e investigação de nível superior, oriundos de cinco países de língua portuguesa¹, se reuniram na cidade da Praia, em Cabo Verde e, em finais de novembro de 1986², aprovaram os primeiros Estatutos e subscreveram a acta que formalizou a escolha do seu primeiro Presidente (António Simões Lopes, Reitor da Universidade Técnica de Lisboa), estava-se ainda longe de prever a importância que viria a assumir a Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP).

De facto, as tensões ainda eram muitas e avançar para a criação de uma organização não governamental não era tarefa que se acreditasse vir a ser fácil.

1. Assinaram o compromisso constitutivo da AULP a 26 de Novembro de 1986 as seguintes instituições: Brasil - Universidade Federal do Maranhão (Reitor José Maria Cabral Marques); Universidade Federal do Espírito Santo (Reitor José António Abi-Zaid), Universidade Federal Fluminense (Reitor José Raymundo Martins Romão), Universidade Católica de Pelotas (Reitor Paulo Brenner Soares), Universidade de Caxias do Sul (Reitor Abrelino Vicente Vazatta); Cabo-Verde - Escola de Formação de Professores do Ensino Secundário (Alberto da Mota Gomes), Escola Náutica do Mindelo (Hermes Évora), Instituto Amílcar Cabral (Luíza Ribeiro) e Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento Agrário (Osvaldo Cruz); Guiné-Bissau - Instituto Nacional para o Desenvolvimento da Educação (Presidente José Vieira); Moçambique - Universidade Eduardo Mondlane (Reitor Rui Baltazar dos Santos Alves); Portugal - Universidade de Aveiro (Reitor (em exercício) Aristides Hall), Universidade de Coimbra (Vice-Reitora Maria Helena Rocha Pereira), Universidade de Lisboa (Reitor Virgílio Meira Soares), Universidade Técnica de Lisboa (Reitor (em exercício) António Simões Lopes) e Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (Presidente Fernando Cristóvão) e o Secretário do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (Manuel Joaquim Coelho da Silva).

2. Importa lembrar, para a história da AULP, algumas personalidades e factos que, provavelmente, só eu conheço: a Professora Maria Helena Rocha Pereira, vice-reitora da Universidade de Coimbra, é a autora da divisa da AULP: “Ex unitate vis” ; o pintor José Manuel Ralha foi quem criou o primeiro emblema da AULP; os membros do governo português Alberto Ralha, João de Deus Pinheiro, Roberto Carneiro, Diamantino Durão, Marçal Grilo, Arantes de Oliveira e Sucena Paiva foram absolutamente fundamentais no financiamento da instituição; o embaixador José Augusto Seabra foi quem promoveu o reconhecimento da AULP junto da UNESCO; o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, João Soares, cedeu as instalações onde hoje é a sede internacional da Associação; e o Governador de Macau, General Rocha Vieira atribuiu à AULP os meios financeiros para que a AULP se pudesse instalar em Lisboa.

Honra seja feita a esse punhado de sonhadores que acreditavam firmemente que a educação e a língua que nos unia seria o fermento aglutinador de vontades e o cimento que nos ligaria nessa nova plataforma de afirmação da lusofonia no mundo, que a AULP representa.

Preparar, analisar, discutir e aprovar os estatutos de uma organização internacional não é, não foi!, tarefa fácil. Porém, todos sentiam, posso confirmá-lo porque o vivi pessoalmente, que o que nos unia era bem mais relevante do que o que nos separava.

Quando na tarde de 26 de novembro de 1986, sentados à volta de uma mesa e recorrendo a meios e instrumentos de trabalho muito longe dos atuais, se conseguiu, finalmente, aprovar os Estatutos e proceder à eleição do primeiro presidente (e também do primeiro Secretário Geral) da Associação das Universidades de Língua Portuguesa, um frêmito de emoção e solenidade, aliado à consciência de que se estava a viver um momento histórico, perpassou por todos os presentes.

Como é natural, para chegar até aqui, muito esforço e perseverança tinha sido suporte da ideia de lançar o ambicioso projeto de criação de uma organização não governamental que criasse dinâmicas de entre-ajuda a nível do ensino superior dos “novos e velhos” países de língua portuguesa, avultando o trabalho de Eduardo Romano de Arantes e Oliveira, reitor eleito da Universidade Técnica de Lisboa (1977-1987), mais tarde nomeado Secretário de Estado da Investigação Científica do Governo de Portugal (8 de novembro de 1985 a 18 de agosto de 1987) e que foi neste domínio perfeitamente visionário. Conseguiu reunir vontades dos Conselhos de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) e Portuguesas (CRUP), do Ministro da Educação de Cabo Verde (Corsino Tolentino) e do Reitor da Universidade Eduardo Mondlane (e ex-Ministro das Finanças do Governo de Moçambique), Rui Baltazar dos Santos Alves.

Ao grupo inicial juntou-se a única instituição da Guiné-Bissau de formação docente, representada pelo José Vieira.

Aos dois juristas presentes (Lucinda Cruz, Moçambique, e eu próprio, enquanto Secretário do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas) coube a tarefa de criar as bases jurídicas e técnicas que, pela cumplicidade que traduziam, nunca foram objeto de qualquer controvérsia.

A António Simões Lopes, reitor em exercício da UTL, que entretanto substituíra o reitor eleito Arantes e Oliveira enquanto este desempenhava funções governamentais, coube, por mérito próprio, a honra de assumir a primeira presidência da AULP e a mim o lugar de Secretário-Geral que acabei por desempenhar durante dezasseis anos.

O professor António Simões Lopes foi a pedra angular da credibilidade da novel Instituição, dando continuidade com enorme entusiasmo e proficiência ao projeto da AULP, promovendo de forma segura e sem desfalecimento as tarefas institucionais, ultrapassando diplomaticamente todas as barreiras de desconfiança e indiferença.

REUNIÃO INTERNACIONAL CONSTITUTIVA DA ASSOCIAÇÃO DAS UNIVERSIDADES
DE LINGUA PORTUGUESA

ACTA DE ELEIÇÃO

Aos 26 de Novembro de 1986, pelas 17H00, nos termos do artigo 45 do Estatuto da Associação das Universidades de Língua Portuguesa, os participantes à reunião procederam à eleição do Presidente da Associação.

As Instituições de Ensino e Investigação de nível superior da República de Cabo Verde propuseram a candidatura da Universidade Técnica de Lisboa aqui representada pelo Professor Doutor SIMÕES LOPES para Presidente da Associação. Esta proposta foi apoiada sucessivamente pelas Universidades e Instituições de Ensino Superior do Brasil, Guiné-Bissau, Moçambique e Portugal.

Assim, foi eleita a Universidade Técnica de Lisboa para Presidente da Associação das Universidades de Língua Portuguesa por aclamação,

Estiveram presentes a esta reunião os seguintes membros fundadores.

res. José Maria Leal Jorge Marques (MA - Brasil) José A. S. de Almeida (UFES - Brasil)
A. Aguiar (Brasil)
A. Aguiar (U.A. Portugal) (F.F.E.S.) (Brasil)
M.H. Rocha Pereira (U. Coimbra, Portugal)
José Veiros (Guiné-Bissau)
D. Silva (Universidade Eduardo Mondlane)
Luís F. (Univ. C. de Lisboa) Amador Bivar (Univ. LUT - Lisboa)
Por estar conforme se lavrou a presente acta que também vai por (Univ. Lus.)
(INIA)

mim assinada, como Secretário.

Amílcar Costa de Silva

Os quatro pilares da ação da AULP:

- Promoção da Cooperação e Intercâmbios

Os objetivos da AULP eram simples e claros, mas muito desafiadores, no contexto que então se vivia e tendo em conta a escassez de recursos financeiros. Para além de visar promover a cooperação entre as instituições de ensino e investigação superior dos países de língua portuguesa, a Associação procurava desenvolver a sua ação, concorrendo para salvaguardar a herança comum que é a

língua portuguesa, reconhecendo que para isso havia necessidade do apoio e do contributo de todos.

Promovendo projetos de investigação científica e tecnológica em conjunto nas áreas ou temas de interesse dos associados, procurava-se ainda estimular o conhecimento da realidade e o desenvolvimento de cada um dos países, incrementando o intercâmbio de docentes, investigadores, estudantes e pessoal administrativo, com vista à participação em ações de natureza pedagógica, científica, cultural e administrativa que se realizassem em cada um dos membros da Associação; fomentando a circulação de informação científica, técnica, pedagógica e cultural, o intercâmbio de revistas e publicações científicas, bem como a edição conjunta e a divulgação de trabalhos científicos; estimulando a elaboração de acordos bilaterais e multilaterais entre os membros da Associação em todos os domínios do seu interesse e particularmente no âmbito das equivalências de habilitações literárias e graus científicos e académicos, conferidos pelas instituições associadas; apoiando também a reflexão sobre o papel da educação superior, suas estruturas e meios de ação no mundo atual e particularmente nas nossas sociedades, numa ação de apoiar a criação de estruturas do ensino e de investigação que facilitassem a realização dos fins da Associação.

Não era coisa pouca! Paulatinamente, a AULP foi disseminando a sua ação e logo na primeira assembleia geral, que teve lugar na Universidade de Évora (Portugal), ainda em Novembro de 1986, alargou-se o número de associados, tendo sido deliberado criar uma Carta Informativa (cujo primeiro número saiu a 1 de outubro de 1987), instrumento indispensável de comunicação entre associados dispersos pelos cinco continentes. Esta ideia foi reforçada na 2ª Assembleia Geral, no mês de Abril de 1987, em Maputo (Moçambique).

A cooperação efetiva entre instituições não parou mais. A Universidade de Aveiro, logo no primeiro ano de vida da AULP, conseguiu apoiar o Instituto Nacional para o Desenvolvimento da Educação (Guiné-Bissau) na formação de professores, tendo a Direção Geral da Cooperação Portuguesa oferecido então 20 bolsas de estudo para o efeito.

De igual modo, a cooperação científica começou a assumir um crescente interesse entre as instituições membro. Um ano depois, a Universidade Agostinho Neto e Instituto Politécnico de São Tomé e Príncipe pedem a sua adesão, a que se seguem instituições de Macau e Timor.

- Os encontros temáticos

A AULP começou a marcar a agenda das instituições, promovendo encontros científicos. O I Encontro da AULP, (já se vai no XXVI), teve lugar dois anos após a sua criação e decorreu em Lisboa, nos dias 28, 29 e 30 de novembro de 1988, sob o tema “Os Problemas da Língua e o Conhecimento das Culturas” e contou

com a participação de representantes de Portugal, Brasil, Cabo Verde, Guiné, São Tomé e Príncipe e Moçambique, envolvendo mais de 70 docentes.

Considerando a importância deste Encontro, para o debate de problemas relacionados com o ensino, divulgação e preservação da língua portuguesa, bem como para o aprofundar de questões ligadas ao conhecimento das culturas, entendeu-se por bem lançar uma Revista que passou a designar-se Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP). O foco do primeiro número da RILP foi constituído por todas as comunicações que foram entregues pelos participantes no I Encontro.

VI Encontro AULP - 1996 (Lisboa, Portugal)







VII Encontro AULP - 1997 (Rio de Janeiro, Brasil)



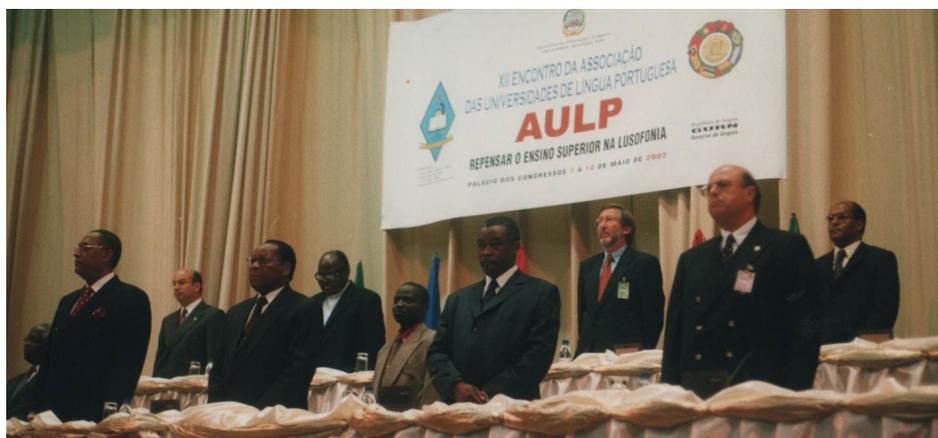
VIII Encontro AULP - 1998 (Macau - RAEM, China)



IX Encontro AULP - 1999 (Maputo, Moçambique)



XII Encontro AULP - 2002 (Luanda, Angola)



- A Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP)

Tratando-se de uma revista internacional, que abrangia as diversas variantes do português, a que correspondiam algumas diferenças ortográficas, o Conselho Científico da Revista decidiu manter na época a ortografia original de cada artigo.

Como primeira diretora da RILP o Conselho de Administração da AULP escolheu a professora Maria Helena Mira Mateus, docente da Universidade de Lisboa, tendo-lhe sucedido na direção, mais tarde, o professor José Augusto Seabra, da Universidade do Porto.

Com a Revista pretendia-se, para lá do objetivo fundamental de criar um espaço de discussão das questões linguísticas, que fosse (seja) um lugar privilegiado em que se divulgassem instrumentos pedagógicos que reforçassem e favorecessem o ensino e a aprendizagem do português e ainda que esta se assumisse como uma forma de indispensável discussão científica para um mais e melhor efetivo conhecimento da diversidade e unidade da língua portuguesa.

O projeto RILP procurou dessa forma ao longo dos anos abordar o processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa (materna ou segunda) e do seu uso como veículo sociocultural, numa perspetiva de investigação em áreas linguísticas, históricas, literárias e culturais.

A RILP assumiu-se sempre como um precioso instrumento de divulgação de resultados de investigação e veículo de intercomunicação entre as instituições ou grupos de trabalho e os indivíduos, sempre que relacionados com os interesses das diferentes partes que integram a Associação das Universidades de Língua Portuguesa.

Estes objetivos, ontem como hoje, mantêm legitimidade e interesse e fazem augurar muitos anos de vida para este pilar de comunicação da AULP.

- Programa de bolsas de estudo para formação avançada

A necessidade de apoio à criação de uma massa crítica, absolutamente indispensável para o crescimento e desenvolvimento das Instituições dos novos Países de Língua Portuguesa, fez com que a AULP lançasse um significativo Programa de Bolsas de Estudo para Formação Avançada - Doutoramento que, ao tempo, constituiu uma verdadeira pedrada no charco. Vários foram os docentes que ao abrigo desse programa puderam concluir os seus doutoramentos.

O envolvimento das diversas Instituições associadas, a que se juntou um significativo apoio financeiro do Governo Português, assumiu natureza estratégica e traduziu-se numa das mais importantes atividades da AULP, não só pelo que significava de aproximação entre países, como também pela projeção da AULP nos diversos grupos de docentes.

Em síntese:

Trinta anos não será muito na vida de uma instituição, mas se nos lembrarmos do momento e das circunstâncias em que nasceu, cresceu e se consolidou, a Associação das Universidades de Língua Portuguesa, temos que expressar com regozijo o êxito que ela representou, e representa, como símbolo de união entre Povos que, preservando as suas culturas, souberam aplainar diferenças, valorizando o seu património comum que é a Língua.

Antes mesmo da constituição (1996) da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) a AULP já tinha trilhado um longo caminho de comunhão de boas vontades, expresso numa participação ativa na ideia de criação do Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP) e no desenvolvimento de múltiplas ações de cooperação.

De um universo de 16 subscritores, reunidos na Cidade da Praia, a AULP tinha crescido em 2002, no momento em que cessaram as minhas funções de Secretário-Geral, para 115 membros titulares e 9 membros associados.

Convenhamos, não foi coisa pouca!

2. Três anos como Secretário-Geral da AULP (2002/2005). O resto da minha vida como militante da construção do ELCO – Espaço Lusófono do Conhecimento

José Alarcão Troni

Secretário-Geral da AULP (2002-2005)

1. Convite e eleição

Em meados de 2002, concluída a minha missão na Universidade Católica Portuguesa, como seu último secretário-geral, acabava de regressar, com a consciência tranquila, ao Banco de Portugal, meu honroso empregador desde 1976, à UAL – Universidade Autónoma de Lisboa – Luís de Camões, de que era e sou professor associado – e, simultaneamente, à sua entidade instituidora, a CEU – Cooperativa de Ensino Universitário, CRL, de que sou cooperador-fundador (1985) e hoje cooperador-decano e presidente da assembleia-geral – bem como à Advocacia e Consultadoria na SRS – Sociedade Rebelo de Sousa e Associados, pela mão amiga do Pedro Rebelo de Sousa, onde mantenho domicílio profissional e, por fim, a outras missões – pro-bono e pro-gasto –, designadamente em instituições religiosas, culturais e sociais.

Eis senão quando sou surpreendido – no meio de uma viagem, com minha mulher, à Hungria, Chéquia e Eslováquia – por um telefonema do meu amigo e reitor da Universidade Católica, Manuel Braga da Cruz, solicitando-me que lhe permitisse sugerir o meu nome ao CRUP – Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas e, através de outro querido amigo, Alberto Antas de Barros, presidente do Instituto Politécnico de Lisboa, também, ao CSISP – Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos, como candidato português à eleição para o cargo de Secretário-Geral da AULP – Associação das Universidades de Língua Portuguesa, porquanto, dentro de um mês ou dois, no âmbito do Encontro de Luanda, do mesmo ano, seriam eleitos novos corpos sociais, cabendo, por rotação, a futura presidência ao reitor da Universidade Agostinho Neto, João Sebastião Teta, hoje, Secretário de Estado da Ciência e Tecnologia de Angola.

Respondi ao Manuel Braga da Cruz que ficava, em princípio, honrado com o pré-convite. A Católica e o Politécnico estavam, obviamente, autorizados a ouvirem o CRUP e o CSISP, só que reservava a decisão definitiva para ulterior

conversa com o governador do Banco de Portugal e com os reitores e presidentes das instituições de ensino universitário e politécnico públicos de Lisboa e com o reitor da Universidade Católica, com vista ao conhecimento actualizado do projecto, situação financeira e sustentabilidade da Associação, assim como dos previsíveis titulares dos próximos corpos sociais.

No entanto, pelas minhas anteriores funções na Secretaria de Estado do Ensino Superior (1991/2), no último Governo Português de Macau (1996/99) e na Universidade Católica Portuguesa (2000/02) conhecia a AULP – criada em 1986, dez anos antes da CPLP, pelo saudoso António Simões Lopes, reitor da extinta Universidade Técnica de Lisboa e por outros reitores de Língua Portuguesa, brasileiros e africanos, participantes num encontro interuniversitário informal, em Cabo Verde – como plataforma de intercâmbio do espaço lusófono do Ensino Superior.

A reunião com os reitores e o presidente do politécnico – no total de seis pessoas – veio a ter lugar, na reitoria da Universidade Nova, com a participação do respectivo reitor Luís Sousa Lobo, dos reitores das Universidade Técnica, José Lopes da Silva, futuro presidente da CRUP e vice-presidente português da AULP, Universidade de Lisboa. José Barata Moura, Universidade Aberta, Maria José Ferro Tavares, Universidade Católica, Manuel Braga da Cruz e Politécnico de Lisboa, Alberto Antas de Barros, que, também, viria a ser eleito administrador.

Os presentes e convidantes informaram-me, com a maior franqueza, de que a sugestão do meu nome tinha sido muito bem recebida pelo CRUP e CSISP, até por que a AULP se encontrava em situação pré-falimentar e eu tinha certa fama de milagreiro... como o Padre Cruz.

Talvez, esse pretendo pendor taumaturgo tivesse algo a ver com o meu ADN, pois, há poucos anos, uma tia-bisavó, Libânia do Carmo Galvão Mexia de Sousa Moura Telles e Albuquerque, em religião, Madre ou Mãe Clara do Menino Jesus – fundadora e primeira madre-geral da Confic-Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição – havia sido beatificada.

A sustentabilidade da AULP poderia vir a ser o segundo milagre da Tia Santa, com a sua canonização e elevação dos altares como padroeira da nossa Associação.

Foi, sem grande surpresa, que constatei não ter já a AULP dinheiro para mandar cantar um cego. Com excepção dos sistemas universitário e politécnico de Portugal e Macau, as quotas, com diversas e honrosas excepções no Brasil e em África, eram pagas com anos de atraso, não chegando a receita corrente para muito mais do que o pagamento de modestíssimos encargos de estrutura, como o ordenado de uma colaboradora permanente e de dois consultores, para além da electricidade, água e renda das também muito modestas instalações, de que é proprietário o Município de Lisboa.

Os encargos com os Encontros anuais, as deslocações aéreas dos titulares dos órgãos sociais, a RILP – Revisita Internacional de Língua Portuguesa – órgão anual de grande qualidade – e algumas bolsas – de mérito ou de carência – se tinham encarregado de esgotar o subsídio – digamos, ordinário – de vinte e cinco mil euros, aos valores das décadas de oitenta e noventa, atribuído pelo gabinete de, pelo menos, quatro Secretários de Estado do Ensino Superior, de 1987 a 2002, constituído pelo saudoso amigo Alberto Ralha, seguindo-se o signatário, o Pedro Lynce e o Pedro Lourtie.

Este subsídio desapareceu no Governo de Durão Barroso, dado que o Ministro do Ensino Superior, Pedro Lynce, não teve Secretário de Estado, extinguindo-se a “mochila financeira” da Secretaria de Estado do Ensino Superior. A repriminção do subsídio do novo Ministério do Ensino Superior foi difícil e morosa, mas constituiu êxito milagreiro de José Lopes da Silva, presidente do CRUP e vice-presidente da AULP e do signatário, na altura secretário-geral da Associação.

Por outro lado, a propósito de um Encontro da AULP, em Macau, nos anos finais da década de noventa, o último Governador do Império, General Vasco Rocha Vieira, dotou a Associação de um legado do Governo Português de Macau de dois milhões de patacas, cerca de duzentos mil euros, também com o poder de compra da época, que funcionou como reserva financeira para os anos subsequentes.

Conversei com o governador do Banco de Portugal – Victor Constâncio – que, com a maior simpatia, me dispensou de horário no Banco – sem prejuízo das minhas funções jurídicas, de que eu muito gostava – embora me tivesse, imediatamente, informado, com a maior coerência, que o anterior destacamento para secretário-geral da Católica havia sido uma honra para o Banco, mas que a mesma se não justificava para a AULP, atenta a sua natureza de instituição privada de direito português, ainda que com conteúdo internacional. Informei, de imediato, o governador de que não pretendia mais do que a compreensão do Banco de Portugal, por entender que o secretariado-geral da AULP – a exercer pro-bono – não era o “full-time” pesado da secretaria-geral da Católica e que conhecia bem os países membros quer por ter acompanhado a política de cooperação do Ministério da Educação quer por haver participado na negociação das cinco linhas de crédito do Banco de Portugal aos bancos centrais dos países africanos de expressão portuguesa e depois na respectiva gestão, enquanto administrador e presidente da Cosec. Também, como Secretário Adjunto do Governador de Macau para os Assuntos Sociais e Orçamento, colaboradora, directamente, com o governador General Vasco Rocha Vieira na cooperação lusófona, com especial destaque para Cabo Verde e no financiamento da AULP.

Em Luanda fui eleito sem contestação, substituindo o meu amigo Manuel Coelho da Silva, ilustre advogado e anterior director dos serviços de educação de

Macau, que exercera o cargo desde a fundação da AULP (1986), ou seja, por dezasseis anos, tendo sido seu primeiro Secretário-Geral.

Nunca esquecerei a profundidade, transparência e amizade do Manuel Coelho da Silva na transição dos dossiers e nos seus conselhos, que muitas vezes pedi, ao longo do meu triénio de mandato.

2. Triénio de mandato. Projectos e obra feita.

Pedi ao Manuel Coelho da Silva que me acompanhasse a Luanda, para participar no primeiro despacho com o novo presidente do Conselho de Administração, o reitor João Sebastião Teta, ao que aquele acedeu, de imediato.

A empatia – e depois profunda amizade – com o reitor da Agostinho Neto e o seu vice-reitor, com o pelouro da cooperação, o médico – veterinário João de Almeida Serôdio foi imediata.

Nada, no essencial, se alteraria. A RILP – Revisita Internacional de Língua Portuguesa seria mantida e, se possível, melhorada. O conselho de administração reuniria, em Lisboa, na sede, pelo menos, três vezes por ano. O Encontro seguinte (2003) teria, novamente, lugar em Macau, já sob soberania chinesa, sendo, então, Chefe do Executivo, Edmundo Ho, que conhecia e estimava, pelo menos, desde 1996, por ser o vice-presidente da Assembleia Legislativa, nos anos da transição da soberania de Portugal para a China e Secretário para os Assuntos Sociais e Cultura o querido amigo Fernando Chui Sai On, hoje Chefe do Executivo, que me sucedera nos Assuntos Sociais e com quem tivera uma relação exemplar, quando o Fernando era CEO do Hospital Kiang Wu – o hospital chinês de referência, onde tinha trabalhado o Dr. Sun Yat Sen – e que ambos tínhamos convertido em hospital privado convencionado.

A questão financeira de fundo era, obviamente, a repriminção do apoio ordinário de Lisboa e do extraordinário de Macau.

Previamente, direi que me deslocuei duas ou três vezes a Macau, no âmbito da preparação do Encontro de 2003, praticamente suportado, na íntegra, pelo Governo da RAEM – Região Administrativa Especial de Macau e pelo seu sistema de ensino superior, público e privado, de que se destacam a Universidade de Macau, cujo vice-reitor português, Rui Martins, preside hoje a AULP, o Instituto Politécnico de Macau, a então Universidade Aberta de Macau – hoje Universidade da Cidade de Macau – e o Instituto Internacional de Macau, principal instituição cultural, de matriz portuguesa, presidida pelo meu amigo e antigo colega no Governo Português de Macau, Jorge Rangel, o qual é, em minha opinião, o líder natural da comunidade portuguesa da cidade, embora com a portuguesêsia a questão das lideranças seja sempre complexa e controversa.

O Encontro correu modelarmente, aliás, como o anterior, ainda no mandato do Governo Português de Macau.

Em 2002 e 2003, a AULP tinha três vice-presidências: Portugal (José Lopes da Silva), Brasil (Inguelore Scheunemann de Souza) – então reitora da Universidade Federal de Pelotas e hoje, se não estiver jubilada, será reitora da Universidade de Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, a mais importante universidade tecnológica do grande país irmão – e África (Maria Helena Rodrigues), proprietária e directora do Instituto de Ciências Económicas e Empresariais do Mindelo, posteriormente substituída pelo reitor da recém criada Universidade Cabo Verde, como Universidade do Estado.

A Inguelore era uma senhora do Rio Grande do Sul, filha ou neta de alemães, casada com um português “quatrocentão”, muito extrovertida e conselheira do Presidente Fernando Henrique Cardoso para os assuntos da Língua Portuguesa e da CPLP. Além de simpática e boa amiga, revelou-se grande valor acrescentado para a AULP, dados a sua proximidade com o Presidente do Brasil e o profundo conhecimento do sistema de ensino superior do seu país.

Aproveitando as deslocações a Macau, sensibilizei o Chefe do Executivo, Edmundo Ho, para o interesse para a internacionalização da RAEM – na adesão ao sistema de ensino superior de Língua Portuguesa – e para a AULP na colaboração maciça das suas – creio que catorze – instituições de ensino superior, bem como no nosso óbvio interesse da integração, pelo menos, da Universidade e do Instituto Politécnico de Macau, como embrião de uma Região Ásia-Pacífico, agregadora dos enclaves lusófonos de Goa, Malaca e Timor. A centralidade e o peso de Macau seriam sempre determinantes desta nova vertente territorial da AULP.

Esta implantação universitária lusófona na Ásia-Pacífico justificava uma alteração estatutária na AULP, com a criação da quarta vice-presidência, a atribuir, inicialmente, à Universidade de Macau.

O Edmundo Ho ficou muito interessado – e como não há almoços grátis – ficou combinado que, se possível, o presidente e os vice-presidentes da AULP informariam, o Chefe do Executivo da criação da quarta vice-presidência, solicitando-lhe, simultaneamente, novo subsídio extraordinário, de montante idêntico ao concedido pelo General Vasco Rocha Vieira.

“ Write to me ” foi a encorajante resposta do Chefe Executivo.

Assim, em 2004 ou 2005, dirigiu-se a Macau uma representação da AULP, composta pelo presidente, João Sebastião Teta, pelo vice-presidente, José Lopes da Silva e por mim. Tive pena da impossibilidade de deslocação da Inguelore, mas esta estava no Vale do Rio Doce e creio que o seu amigo Fernando Henrique já não seria Presidente.

Entretanto, o Rui Martins sempre estivera a par do nosso projecto de atribuição da quarta vice-presidência à Universidade de Macau, concordando inteiramente com a estratégia.

O “gentement’s agreement” com o Chefe do Executivo (Edmundo Ho) e com o Secretário dos Assuntos Sociais e Cultura e seu sucessor (Fernando Chui Sai On) ficou fechado. E em 2005 o Governo da RAEM transferiu os dois milhões de patacas (200 mil euros), que já não serviram aos nossos corpos sociais, mas garantiram a sustentabilidade da AULP em mandatos futuros.

Como referido e quase simultaneamente, a criação da Universidade de Cabo Verde provocou alteração de fundo na política de internacionalização do ensino superior do país. A Universidade pública substituiu as privadas, como a Universidade Piaget e os estabelecimentos particulares de ensino, nas instituições internacionais consideradas estratégicas pelo Governo para a recém-criada Universidade de Cabo Verde.

Em Portugal a repriminção do subsídio do Ministério do Ensino Superior revelou-se muito mais complicada. Pedro Lynce fugiu da AULP como o Diabo da Cruz. Foi Maria da Graça Carvalho quem reconheceu a inteira razão da AULP e, em 2004, lhe atribuiu o subsídio extraordinário de 100 mil euros correspondente ao seu possível mandato.

A Graça Carvalho – que, na minha opinião, foi uma excelente Ministra e é ótima deputada europeia e eurocrata – merecia ser ajudada.

Assim, Lopes da Silva e eu convencemo-la a propor, em 2004, à Cimeira dos Ministros da Educação e do Ensino superior, da CPLP, em Fortaleza, um projeto de Declaração, com articulado programático e de princípios, aprovado por unanimidade, com a designação de Declaração de Fortaleza, a 4 de Maio de 2004, criando o ELCO – Espaço Lusófono do Ensino Superior, destinado à simplificação dos vistos de mobilidade dos docentes, investigadores e alunos.

A Declaração de Fortaleza, de 4 de Maio de 2014, deveria vir a ser concretizada em três programas de mobilidade – professores, investigadores e alunos – aos quais seriam dados nomes de escritores português, brasileiro e africano. Foi com simpatia que vi Marcelo Rebelo de Sousa e António Costa acabarem de propor à CPLP um programa de mobilidade, com simplificação de vistos de turismo, estudo e residência para os 200 milhões de lusófonos.

Será bom que a AULP sensibilize os Ministros da Educação e Ensino Superior dos Nove, para que acordem a Bela Adormecida Declaração da Fortaleza de 2004.

Não tiveram grande história – para além da pompa e circunstância – os Encontros de São Paulo (2004), a cargo da USP – Universidade Federal de S. Paulo e de Lisboa, organizado pela então Universidade Técnica (2005), no qual concluímos o mandato.

3. Conclusões

A AULP comemora trinta anos de existência. É uma instituição com História. Precedeu a CPLP, da qual é parceiro estratégico para o pilar da Educação, Ciência e Cultura. Resulta óbvia a utilidade da AULP para o Ensino Superior e Ciência das Nove e dos seus duzentos milhões de falantes e respetivas Diásporas.

Parece-me reduzirem-se a seis os principais eixos estratégicos dos anos futuros:

1.º Declaração de Fortaleza, de 4 de Maio de 2004.

Acorde-se a Bela Adormecida. Aproveem-se os três ou quatro projectos, baptizados com outros tantos grandes nomes da Literatura de Portugal, Brasil, África e Oriente. Para além da questão das mobilidades – docentes, investigadores, discentes – impõe-se a necessidade de programas de divulgação da Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas na Guiné-Bissau, Guiné – Equatorial, S. Tomé e Timor.

2.º RILP – Revista Internacional de Língua Portuguesa

O que provou bem, não tem de ser mudado.

3.º Encontros anuais

Revelaram-se a plataforma privilegiada do ELCO – Espaço Lusófono do Ensino Superior, bem como dos indispensáveis contactos multilaterais e bilaterais.

A AULP deve continuar a investir nos Encontros, envolvendo, ao mais alto nível, a CPLP e os Estados e Regiões da Lusofonia, com destaque para os anfitriões.

4.º Financiamento

A CPLP deve ser a primeira a apoiar o seu parceiro estratégico AULP, através do Fundo Especial.

O financiamento do Fundo Especial seria, prioritariamente, alocado à alfabetização de crianças e adultos, combate ao insucesso escolar, acção social escolar e cultura da democracia e dos direitos humanos.

O Estado organizador do Encontro anual deverá pagá-lo. O mesmo se diga da Presidência. Recordo que Angola pagou o mandato de João Sebastião Teta, como presidente da AULP.

Os Estados da Presidência e do Encontro deveriam, assim, atribuir um subsídio extraordinário, consignado a estas finalidades.

5.º Instalações

As instalações actuais da AULP não dignificam o país da sua sede.

Recordo que um antigo administrador brasileiro, Marisvaldo Cortez Amado,

então reitor da Universidade Católica de Goiás, que participava, em Lisboa, pela primeira vez, no conselho de administração, regressou ao seu hotel, pois a AULP não podia estar sediada no edifício da Rua Santos Dumont. Era, certamente, erro do motorista de táxi.

A fusão das Universidades de Lisboa e Universidade Técnica de Lisboa, libertou a reitoria da segunda, permitindo realizar o projecto de José Lopes da Silva, para o caso da sua reitoria de se vir a transferir para o Palácio Burnay, na Junqueira.

O Palácio das Açaфatas da Rainha, no Campo de Santana, permitiria – como propôs Lopes da Silva – alojar, com dignidade, o CRUP no primeiro andar e a AULP no rés do chão. Ora, não merecem estas entidades instalações e logísticas condignas?

6. Goa e Malaca.

A Diplomacia dos Nove, o Consulado-geral de Portugal em Goa, as principais Universidades de Língua Portuguesa e o secretariado-executivo da CPLP deveriam empenhar-se mais, junto dos Governos da Índia e da Malásia, assim como dos Estados de Goa e de Malaca e das Universidades das duas cidades luso-descendentes, na adesão destas à AULP.

Desejo à querida AULP os maiores êxitos para, pelo menos, os vinte anos que antecedem a seu cinquentenário e os oitenta anteriores ao primeiro centenário.

3. A vida associativa e o Secretariado Geral da AULP (2006-2010; 2014-2016)

Cristina Montalvão Sarmiento

Secretária-Geral da AULP (2006-2010 / 2014-2016)

Cultura e poder são forças interligadas que se podem utilizar como um instrumento em benefício estrutural. Importa assegurar que as comunidades de língua portuguesa o saibam conservar, potenciar e transmitir. A língua enquanto código de cultura partilhado é fonte de poder. Este tipo de poder está presente na dimensão política e económica, e mostra que o tipo de poder que a “cultura” veicula tem certamente graus de *imaterialidade* mas dá corpo a tipos de exercício do poder em formatos benévolos que nos comprazemos a preferir em sociedades pacificamente organizadas. Estes auspícios terão presidido à fundação da Associação das Universidades de Língua Portuguesa pelos intelectuais que pressentiram e intuíram o valor potencial da língua partilhada.

Desde então as noções convencionais de cultura esvaziaram-se e o papel da cultura expandiu-se como nunca para as esferas política e económica. Se tomarmos aqui como pressuposto que a cultura não precisa de ser apreendida como a consideração particular de certos atributos (normas, valores, costumes ou crenças) que seriam as características de um qualquer grupo particular da sociedade, ou seja como a sua intrínseca identidade, a cultura pode ser considerada como um sistema simbólico que permite que as pessoas partilhem significados, e por consequência assumirmos que as transformações sociais e políticas estejam culturalmente ancoradas.

A cultura, como recurso político e económico, ganhou legitimidade e é hoje o eixo de uma nova estrutura assolada por uma racionalidade económica de tal forma que a conservação, o acesso, a distribuição e o investimento em «cultura» e nos seus resultados, se tornam prioritários e politicamente relevantes.

A alta cultura tornou-se um recurso para o desenvolvimento urbano. As indústrias da cultura de massas, em especial as indústrias do entretenimento que integram a música, o filme, o vídeo, a televisão e as revistas, a difusão por satélite e por cabo, constituem importantes contributos para os produtos internos brutos. Vendendo cidades, regiões ou inventada na tradição, a cultura como ideia e conceito, ganha novos contornos analíticos. No quadro diferenciado e dinâmico que se estabelece e vai emergindo, a AULP prosseguiu a sua atuação.

Se a segunda metade do ano de 2006 foi o ano da estabilização do Secretariado¹, por proposta da recém reassumida Presidência da Universidade do Algarve aprovada na Assembleia-geral de Macau; Já em 2007 a AULP acorrerá a Cabo Verde, onde realiza o seu XVII Encontro, para acolher no seu seio, a recém criada Universidade Estatal, sob os auspícios da «Universidade em Rede», única formulação que parece corresponder aos novos tempos e define também uma instituição criada a partir de uma rede poli mórfica anterior de Institutos de Ensino Superior acolhidos sob uma mesma autoridade académica. Assumida a necessidade científica de ser a Universidade anfitriã a propor o tema sob o qual se reúnem as Universidades e Instituições de Ensino Superior e Investigação Científica de Língua Portuguesa, será à luz deste princípio de democraticidade que doravante se pugnará a atuação da AULP.

A interrupção da publicação das atas dos Encontros Científicos da AULP desde 2004, concentrará, na fase inicial, os esforços do Secretariado em disponibilizar os materiais que entretanto dispunha ou recolhe: XIV Encontro em S. Paulo, Brasil, (2004); XV Encontro em Lisboa, Portugal (2005); XVI Encontro, Macau, China (2006) e já sob o título de *Universidade em Rede*, XVII Encontro da Cidade da Praia em Cabo Verde, todos vindos a público entre Novembro de 2007 e Fevereiro de 2008, num esforço de recuperação que estabilizou estas edições e garantiu o acesso da comunidade aos debates neles realizados.

Estreia-se ainda o interesse em disponibilizar edições úteis e capazes de homenagear as Universidades anfitriãs dos Encontros Científicos da AULP, os que nelas se dedicam à investigação, ou se lhes devotaram ou neles se investiram de corpo e alma de investigadores e humanistas.

Assim em Cabo Verde, a reedição de «Santiago, a Ilha e os Homens» de Ilídio do Amaral; Assim, em Brasília, a colaboração com a Universidade Católica Portuguesa permitiu levar ao XVIII Encontro, em 2008, Ano Vieirino, novas fixações de textos, belamente ilustrados, de três Sermões do Padre António Vieira, Embaixador das relações luso-brasileiras. Assim, em Angola, no ano de 2009, no XIX Encontro em Luanda, foi possível renovar o acesso ao público académico, às obras de José Redinha, *Etnias e Culturas de Angola* e de José Grandvaux Barbosa, *Carta Fitogeográfica de Angola*, ambas desaparecidas, reedições agora realizadas pela AULP, fruto do empenho conjunto de várias instituições académicas. Doravante, as obras comemorativas serão parte integrante de todos os Encontros.

Entre 2006 e 2008, a atualização do logótipo, marca da Associação que regista os vinte anos, entretanto decorridos, a atualização de recursos pelo reinvestimento

1. A opção será a de nomeação de uma académica sem exclusividade de funções. Será contratado um jovem cabo-verdiano, como secretário executivo, o Mestre Suzano Costa, a par da saída por reforma de Analídia Perdigão e da indisponibilidade entretanto manifestada de Gabriel Feio, que exercia as funções de secretário-geral interino desde a saída de Dr. Alarcão Troni.

na página eletrónica da AULP, para que a Universidade de Macau concorrera, conseguida a estabilidade financeira e a dignificação externa do edifício da sede, estavam criadas as condições de continuidade saudável da vida institucional da AULP.

A partir da reunião do Conselho de Ministros da CPLP realizada em Bissau, a AULP adquirirá em 2007, formalmente o Estatuto de Observador Consultivo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, com o direito a assistir às reuniões de carácter técnico que se afigurem de interesse para os objetivos da AULP, onde, no entanto, funções formalizadas se cruzam com as burocracias institucionais.

Em 2008, a necessidade do adiamento de Maio para Setembro, da realização do XVIII Encontro em Brasília, consequência de dificuldades internas vividas pela Universidade Anfitriã, embaraçou a operacionalidade dos meios do Secretariado, porquanto obrigou à duplicação de meios postos à disposição da organização. No entanto, no mesmo período foram abertas as relações exteriores da AULP, nomeadamente com a União Latina e com a AUF (Associação das Universidades Francesas) e acentuou-se o esforço para reconstituir um Conselho editorial que permitisse dar continuidade à Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP). Em Maio de 2008, a RILP, órgão da Associação das Universidades de Língua Portuguesa, inicia a sua IIIª série com uma alteração no rumo editorial da Revista. O carácter genérico das séries anteriores é abandonado em benefício da procura de temas que suscitem o interesse da comunidade universitária.

Não se tratará mais de uma revista sobre a língua portuguesa, mas *em* língua portuguesa, em que os diferentes estágios da ciência e os desenvolvimentos científicos dos países das comunidades que por ela e através dela comunicam, possam interagir em vários domínios científicos.

A normalização física da sede, devida ao permanente esforço de Macau, em que se tinha destacado o apoio do General Rocha Vieira, último governador do território ainda sob administração portuguesa, a reposição da capacidade editorial, a exposição pública da AULP e a sua reabilitação económica capacitaram a Associação das Universidades de Língua portuguesa para um papel reestruturado no seio do Ensino Superior dos Países de Língua Portuguesa.

No entanto, em 2009 o Encontro realizado em Luanda, Angola, é confrontado com alguns problemas logísticos face à dimensão que os Encontros anuais já tinham assumido. Não obstante o bom decurso dos trabalhos e o empenho das Universidades de acolhimento que criaram um consórcio em Luanda para acolher o Encontro, estas dificuldades a par do prolongamento das Vice-Presidências de Portugal, que se vinha demorando e por vezes conflituante com as posições firmes e atuantes da Presidência entretanto eleita, da UFMG, do Brasil, cuja determinação presidiu ao programa científico de intercâmbio institucional – PIAPPE (Programa Internacional de Apoio à Pesquisa e ao Ensino por meio

da Mobilidade Docente e Discente Internacional), foram temas, que em conjunto, criariam desencontros vários na vida associativa.

Simultaneamente a AULP foi sendo arrastada pela abertura e atuação política e diplomática errática da CPLP em que o alargamento da posição de observador consultivo a inúmeros organismos de várias tipologias e origens, desvirtuava os projetos implementados em modelo coletivo e no âmbito do Ensino Superior, servindo simultaneamente como fonte de legitimidade de processos com visibilidade política sem real fundamento científico.

Acresce que o modelo de sucesso que a AULP representa, leva à dinamização de Associações várias concorrentes que criam competitividade interessada ao abrigo de interesses particulares, seja o GCUB (Grupo Coimbra das Universidades Brasileiras) fundamentado em razões históricas e fundado em Brasília no ano em que a AULP aí reúne, seja a Rede sul-sul que a UNILAB (Universidade da integração internacional da Lusofonia Afro Brasileira), esta última potenciada pelo interesse geoestratégico das relações SUL-SUL que as Presidências políticas do Brasil incentivaram ou ainda pequenas redes como a FORGES (Fórum da Gestão do Ensino Superior nos Países e Regiões de Língua Portuguesa), iniciativa privada, que vem utilizando o modelo AULP reunindo agrupando responsáveis, incluindo gestores e técnicos, das Instituições de Ensino Superior, com associações individuais.

O cúmulo dos factos expressos, provocariam a demissão do Secretário-Geral na Assembleia-Geral que se realizou em Macau em 2010, tendo, no entanto, ficado em preparação o Encontro a realizar em Bragança no Instituto Politécnico no ano de 2011, o que visava superar em definitivo o ultrapassado desencontro de posições entre o CRUP (Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas) e o CCISP (Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos) no espaço do ensino superior português, a que não é alheia aquela demissão. A nomeação de recurso de uma secretaria executiva², jornalista profissional, repartindo tarefas, nessa qualidade e na qualidade de secretariado para os meios de comunicação do CRUP, não foi um elemento de distensão institucional.

No entanto, a relação com os meios de comunicação social foi potenciada e alargada, ganhando visibilidade comunicacional a Associação, escolha de rumo não consensual no seio do seu Conselho de Administração, habilmente gerido pela renovada presidência moçambicana da Universidade do Lúrio, que como antes fora a da Universidade de Eduardo Mondlane, foi um elemento pacificador e manteve em rigorosa atividade a vida associativa tendo organizado um Encon-

2. Mestre Teresa Botelho exerce atualmente funções enquanto jornalista da RTP (desde 01/1997), formadora da World Academy (desde 01/2016) e colaboradora no Gabinete de comunicação da Agência Nacional Erasmus+ Educação e Formação. Foi assessora de comunicação do CRUP (03/2011 - 02/2014) e assessora de imprensa do Ministério da Educação e Ciência (01/2015 - 10/2015). Mestre em Marketing Estratégico pelo Instituto Superior de Comunicação Empresarial.

tro bem sucedido em Maputo, Moçambique no ano de 2012. E, promovendo, em estreita relação com a vice-presidência Brasileira o Encontro em 2013 em Minas Gerais na Universidade Federal, Brasil.

Na transição, e com vista à estabilização da sede e da vida associativa decide o Conselho de Administração, pela mão do Presidente, Reitor da Universidade do Lúrio e da Vice-presidência de Macau, RAEM, pelo seu Vice-Reitor, a reassunção do cargo de Secretário-Geral anterior e reentrada para resolução dos conflitos laborais que, entretanto, se tinham agravado.

Retomada a normalidade das funções da sede, o retorno a Cabo Verde, pelo acolhimento da Universidade de Cabo Verde, já em franca expansão, desta vez na histórica Cidade Velha, permitiu criar no ano de 2014, a oportunidade de homenagear o último Governador de Macau, China, General Vasco Rocha Vieira, inelutável suporte da vida da Associação. A atual presidência em curso, da Universidade de Macau, agora da Região Administrativa Especial da China, representa o culminar da abertura ao espaço linguístico global, e a uma vice-presidência que prosseguiu durante mais de 28 anos, acompanhando, conhecendo e acolhendo a AULP.

De justiça importa ainda referir o significativo apoio da Fundação Macau, que se em 2006 permitiu a recuperação da sede e a estabilidade financeira, neste ano de 2016, mais uma vez permitiu o financiamento sustentável de várias atividades da sede e para a qual se regista o nosso agradecimento público.

Neste ano de 2016, em que a AULP completa trinta anos, compraz poder afirmar que a vida associativa da sede e os contextos vários que vai enfrentado positivos e negativos, não obstam ao seu progresso, confirmação de que faz prova a deslocação ao sudeste asiático e a a realização com sucesso, do seu XXVI Encontro com o acolhimento da Universidade Nacional de Timor Lorosa'e, em Timor-Leste, no mais jovem Estado que adotou como língua oficial, o português.

II - TESTEMUNHOS

O impacto das presidências

1.
DA EUROPA:
os esforços portugueses
(1989 a 1994)

Adriano Pimpão

Professor Catedrático Emérito da Universidade do Algarve

Tive o privilégio de assumir a Presidência da AULP, em representação da Universidade do Algarve, no biénio 2005-2006.

Já conhecia a história da AULP desde a sua fundação, tendo aprofundado as relações institucionais com os seus membros, enquanto Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas de 2000 a 2005.

As Universidades Portuguesas sempre olharam para a AULP numa vertente académica e numa vertente política.

A primeira, talvez a mais consensual, procurava reforçar a cooperação entre as Instituições de Ensino Superior de todos os países de língua oficial portuguesa. Houve até o desejo duma intensificação de projectos conjuntos em diversas áreas da investigação científica. Também se avançou com o estudo de um programa semelhante ao Erasmus, a funcionar dentro da AULP de forma a permitir um intercâmbio de estudantes e docentes, tendo como referência um adequado sistema de equivalências.

De realçar também as iniciativas para criar um sistema de avaliação e de acreditação partilhado pelas diversas instituições da AULP.

No plano político a AULP procurou consolidar-se como a componente académica da CPLP, com todas as implicações na cooperação na mobilidade de docentes, investigadores e estudantes.

Nem sempre os objectivos foram plenamente alcançados. Mas é minha convicção que houve um grande esforço no sentido de concretizar aqueles objectivos por parte de todos os membros da AULP.

Gostaria também de sublinhar a existência de uma iniciativa transversal que esteve sempre presente em quase todos os Encontros da AULP: A defesa da língua portuguesa, como património comum, nas suas dimensões mais técnicas ou mais políticas.

No momento em que a AULP completa 30 anos é para mim uma oportunidade de, com grande júbilo, testemunhar o meu apreço pela obra desta associação e pelo seu contributo para a consolidação do Espaço Universitário de Língua Portuguesa.

João Guerreiro

Professor da Universidade do Algarve. Antigo Presidente (2006-2007)
e Vice-Presidente (2008-2013) da AULP.

A Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) foi criada há quase trinta anos, antecipando-se em dez anos à constituição da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Beneficiando de um impulso inicial do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) e do seu Presidente, o Professor António Simões Lopes, então Reitor da Universidade Técnica de Lisboa, a Associação foi formalizada em 1986 na cidade da Praia (Cabo Verde). Uma quinzena de instituições do ensino superior de seis países de língua portuguesa (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e Portugal) acordaram constituir a AULP.

A Associação propunha-se promover a cooperação entre universidades e instituições de investigação científica, concedendo uma maior ênfase ao desenvolvimento da língua portuguesa. O fomento da mobilidade, a circulação de informação científica, a estruturação de projetos conjuntos e a equivalência de habilitações literárias e graus académicos constituíam o cerne dos objetivos então definidos. A Associação viria, mais tarde, a acolher também os institutos politécnicos portugueses.

A Associação tentou sempre conviver com as diferenças existentes nos diversos sistemas de ensino superior dos países CPLP e, apesar delas, tem defendido a plena adoção dos princípios que nortearam a constituição da AULP. Brasil e Portugal apresentavam-se, no final dos anos 80 do século passado, com uma estrutura universitária internamente consolidada; Angola e Moçambique acolhiam apenas as suas duas universidades (uma em cada país) herdadas do regime colonial; os outros países começavam a estruturar institutos temáticos e de formação, longe ainda do perfil de instituições de ensino superior. As universidades portuguesas lançavam-se, contudo, nessa época, numa nova etapa na área da internacionalização, não só reforçando a absorção de docentes que tinham adquirido os seus graus académicos no exterior, como também estabelecendo elas próprias linhas de cooperação com entidades estrangeiras. Terá sido esta última tendência a principal motivadora que levou o CRUP a desafiar as suas congéneres de língua portuguesa para a dinamização da AULP.

A constituição da CPLP, em 1996, gerou algumas expectativas positivas, admitindo-se que os incentivos destinados à concretização dos princípios definidos pela AULP estariam mais facilitados. Um primeiro Protocolo de cooperação é assinado entre a CPLP e a AULP em julho de 2000. Em 2004, numa cimeira

realizada em Fortaleza (Brasil), e que se pretendeu marcante para este domínio, os ministros responsáveis pelo ensino superior da CPLP comprometeram-se a estimular a qualidade das formações oferecidas, a mobilidade de estudantes e docentes, a colaboração interinstitucional e a cooperação com outras comunidades. Na ocasião foi inclusivamente criado um designado Grupo de Seguimento, integrando um representante da AULP, mas que acabou por ter uma vida efêmera.

A AULP entretanto mantinha uma atividade moderada, muito baseada na publicação da Revista Internacional de Língua Portuguesa (Diretora: Maria Helena Mira Mateus), maioritariamente dedicada a temas de linguística, de literatura e de valorização da língua portuguesa.

O final dos conflitos armados nos dois maiores países africanos de língua portuguesa, a criação nesses países de instituições privadas de ensino superior e a multiplicação de relações entre as comunidades académicas do conjunto da CPLP permitiram abrir novos capítulos na atividade da AULP. Embora a referida Declaração de Fortaleza fosse sistematicamente evocada como referencial da cooperação que se pretendia desenvolver, a ausência de clara concertação intergovernamental impedia uma efetiva convergência entre as dinâmicas dos diversos sistemas de ensino superior. Foi, contudo, neste quadro que a AULP desenvolveu alguns projetos relacionados com a formalização do “Espaço do Ensino Superior dos Países de Língua Portuguesa” ou com a estruturação de uma “Agência de Avaliação Institucional do Ensino Superior” orientada para os países da CPLP, projetos que beneficiaram de colaborações diversas (destacando-se aqui a atividade desenvolvida por Pedro Lourtie).

A perceção de que a até então dinâmica da AULP não conseguia atrair, com suficiente amplitude, as universidades brasileiras suscitou da presidência portuguesa (2005-2008) a definição de uma estratégia capaz de mobilizar, com outra extensão, aquelas universidades, ainda pouco sensibilizadas para a cooperação internacional. No Encontro de Brasília, em 2008, foi possível encontrar uma solução brasileira para a presidência da AULP, o que contribuiu para que se abrisse uma nova fase, caracterizada por uma maior participação de universidades brasileiras, sobretudo federais, nas atividades da Associação.

Não obstante a crescente densificação de relações bilaterais entre as instituições de ensino superior, traduzida não só num enorme fluxo de visitas, de protocolos e de intenções, mas também na mobilidade de docentes destinada a prestar colaborações no âmbito da oferta formativa de cada instituição, as dificuldades de cooperação institucional continuaram a manifestar-se. Um dos maiores impedimentos a essa cooperação residiu na adoção, por Portugal, da Reforma de Bolonha. Submetendo a configuração dos graus académicos ao modelo de Bolonha, as instituições portuguesas afastaram-se dos sistemas vigentes nos outros países da CPLP. A mobilidade entre os diversos sistemas de ensino superior foi praticamente suspensa, com um

impacte ao nível das licenciaturas difícil de ultrapassar. A AULP defendeu, nesse quadro, a adoção de linhas de cooperação multilaterais abrangendo pós-graduações (mestrados e doutoramentos), domínio em que a articulação seria exequível. Situação que viria a tornar-se, posteriormente, mais complexa por via dos sistemas de acreditação dos graus em vigor no Brasil e, mais tarde, em Portugal.

Em 2009, os ministros da CPLP com responsabilidade no ensino superior e na investigação científica reuniram-se e, por proposta do ministro português, José Mariano Gago, decidiram dinamizar um Centro UNESCO destinado à promoção de programas de formação avançada no espaço da CPLP. O governo português avançou desde logo com uma primeira iniciativa, o Programa “Ciência Global”, destinado a oferecer bolsas de doutoramento e de pós doutoramento a candidatos dos países africanos e de Timor-Leste.

Paralelamente, o Brasil estruturou em 2012 o Programa Internacional de Apoio à Pesquisa e ao Ensino por meio da Mobilidade Docente e Discente Internacional (PIAPEE), orientado igualmente para a cooperação entre instituições brasileiras e as dos países africanos e de Timor-Leste. Este Programa inseria-se no reforço ímpar que a CAPES realizou nos últimos 8 anos no que respeita à cooperação internacional e destinou-se a instituições associadas à AULP.

A AULP mantém atividades em áreas relacionadas com a cooperação institucional e com a reflexão sobre as diversas vertentes dos sistemas de ensino superior. Nestes últimos dez anos ajustou a linha editorial da sua Revista, garantindo a sua periodicidade anual e uma abordagem temática que incide obrigatoriamente sobre as realidades do conjunto dos países da CPLP. Instituiu, com o Secretariado Executivo da CPLP e o Instituto Camões, o Prémio Fernão Mendes Pinto anualmente atribuído a uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutoramento que contribua para a aproximação das comunidades de língua portuguesa. É responsável por uma linha editorial que proporciona aos seus associados, no âmbito dos Encontros anuais, edições originais de prestígio ou reedições de obras esgotadas mas de interesse mútuo. E apresentou recentemente ao Secretariado Executivo da CPLP uma proposta de criação de um Erasmus CPLP, primordialmente orientado para as pós-graduações.

Sem instrumentos financeiros capazes de suportarem a cooperação interuniversitária, a AULP assumiu contudo as funções de fórum de reflexão e de debate sobre os temas atuais do mundo do ensino superior. As diferentes sensibilidades governamentais, nalguns momentos estruturadas em torno de estratégias não convergentes, contribuem para aumentar pontualmente as dificuldades que impedem a criação de plataformas comuns de colaboração. O conhecimento mútuo dos responsáveis das instituições e dos corpos ativos das mesmas é, em si, um ativo que se deve valorizar e que contém um potencial nada desprezível. A AULP confirma-se como um projeto em construção!

2.
O IMPULSO
DA AMÉRICA DO SUL:
o Brasil

Clélio Campolina Diniz

Presidente da AULP 2010-2011

Inicialmente, gostaria de registrar meu reconhecimento aos idealizadores da AULP e a seus presidentes, em especial ao Prof. António Simões Lopes, seu primeiro Presidente (1986-1996), mas também aos que o sucederam, Profs. Ruy Pauleti (1996-1999), Brazão Mazula (1999-2002), João Teta (2002-2005), Adriano Pimpão (2005-2006), João Guerreiro (2006-2008), Ronaldo Tadeu Pena (2008-2009), Jorge Ferrão (2011-2014) e ao atual presidente, Prof. Rui Martins.

Embora meu período de presidência tenha sido de apenas um ano e meio, já que estava completando o mandato da UFMG na presidência, esta foi a grande oportunidade que tive, como Reitor da Universidade Federal de Minas Gerais (2010-2014), de reforçar nossos laços com Portugal, com as nações africanas de língua oficial portuguesa, Angola, Cabo Verde, Moçambique Guiné Bissau e São Tome e Príncipe, e com Macau e o Timor Leste.

Desde início reforcei minha convicção que a riqueza histórica e cultural da comunidade de língua portuguesa precisa ser valorizada e vista como um grande potencial para o desenvolvimento dos nossos povos. Aprendi muito, através da convivência com os demais colegas das universidades de língua portuguesa, da importância de estreitarmos ainda mais nossos laços de cooperação e colaboração. Ainda que forjada de forma brutal, nossa identidade linguística e cultural são um patrimônio valioso, que devemos cultivar e ampliar em prol da busca de projetos de desenvolvimento que sejam capazes de levar em conta nosso potencial econômico e social e nossa diversidade, dentro de uma filosofia de solidariedade e justiça social. Se educação foi sempre a base do desenvolvimento no mundo moderno, na era da sociedade do conhecimento a tríade educação, ciência e tecnologia constituem os maiores instrumentos para a promoção do desenvolvimento econômico e para a busca da justiça social e da sustentabilidade ambiental. Nesse sentido, as Universidades dos países de língua portuguesa têm a maior responsabilidade e o maior papel para o estreitamento das nossas relações e para a busca do almejado projeto de desenvolvimento, para o nosso fortalecimento como Nações e para um melhor posicionamento na ordem global.

Herdei a presidência da AULP quando fui eleito reitor da UFMG. Não tendo escolhido a presidência, não via sentido em estar nesta posição a não ser investindo em renovar o projeto acadêmico da Associação. Assim, ao tomar posse como novo presidente da AULP, auxiliado pelo Prof. Eduardo Vargas, competente e dinâmico diretor de relações internacionais da UFMG, procurámos formular um programa de atividades francamente acadêmicas para a Associação. A ideia de

elaborar uma proposta de um projeto acadêmico robusto nos ocorreu no primeiro Encontro que tive o privilégio de presidir, ocorrido em Macau, em 2010, poucos meses após ter me tornado reitor da UFMG. No Encontro de 2011, em Bragança, Portugal, discutimos e aprovamos no Conselho de Administração e na Assembleia da AULP a proposta que vínhamos elaborando sob o nome de PIAPEE, Programa Internacional de Apoio à Pesquisa, ao Ensino e à Extensão. O PIAPEE teve por objetivo ampliar a mobilidade docente e discente entre as várias universidades dos diferentes países, incrementar a preparação de projetos de pesquisa conjuntos e estimular a integração entre os programas de pós-graduação. Além disso, ele teve por parâmetro a reciprocidade das relações institucionais (pois propôs mobilidade internacional em dupla direção), a abrangência de áreas de conhecimento e de níveis acadêmicos (pois estava aberto a estudantes de graduação e pós-graduação e a professores e pesquisadores seniores das diferentes especialidades), e a inclusão das atividades de extensão no leque de projetos de cooperação acadêmica internacional, o que não é usual. Tudo isso calcado em uma política de internacionalização solidária, de incremento da cooperação entre os povos sem dominação e sem subordinação. Era importante investir no marco institucional, mas não suficiente. Procurando fazer o que nos era possível, apresentamos o PIAPEE à Presidência da CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento dos programas de Ensino Superior), do Ministério da Educação do Brasil, no intuito de sensibilizá-la a colocar recursos no projeto. Após longa negociação a CAPES lançou, no Encontro da AULP realizado em 2012 em Maputo, Moçambique, o Programa Pro-Mobilidade Capes/AULP. Com uma chamada em 2012 e uma segunda chamada em 2013, o Programa Pro-Mobilidade Capes/AULP viria a apoiar um conjunto de projetos de longa duração, conduzidos por universidades brasileiras e africanas ou do Timor Leste. No Encontro da AULP de 2013 juntamos a satisfação de sermos os anfitriões e de vermos os primeiros resultados efetivos do Programa, quando pudemos comemorar o amplo e diversificado leque de projetos apoiados.

Este Programa, que ainda se encontra em vigor, veio a se somar a outros de que a UFMG em particular, e as universidades públicas brasileiras em geral participam e que envolvem universidades ou estudantes africanos. Entre estes destaco o Programa Estudante Convênio – Graduação, o PEC-G, que há mais de 50 anos fomenta a vinda de estudantes africanos para realizarem seus cursos de licença ou graduação no Brasil, contanto que retornem aos seus países de origem ao final do curso, o Programa Estudante Convênio – Pós-Graduação, o PEC-PG, criado há 35 anos, o PROFOR, Programa de Iniciação Científica Internacional mantido com Angola, Cabo Verde, Moçambique e Guiné Bissau, bem como o Programa Pro-África, que apoia pesquisas em conjunto com universidades africanas e que tive a oportunidade, depois de deixar a presidência da AULP e a reitoria da

UFMG, já na condição de Ministro da Ciência e da Tecnologia do Brasil, a lançar novo edital.

Se as relações com universidades de países africanos foram incrementadas neste período, as relações com Portugal não ficaram para trás. Ao contrário, os Encontros da AULP foram espaços privilegiados para que reitores e gestores de relações internacionais de universidades brasileiras e portuguesas incrementassem a participação em programas como o Ciência Sem Fronteira e o PLI, o Programa de Licenciatura Internacional, para não falar do chamado sistema de “bolsa sanduiche” para alunos que cursam pós-graduação no Brasil, com estágios de 6 meses a um ano em um programa correspondente em Portugal.

Desde que me tornei presidente da AULP realizei várias viagens a Portugal, duas viagens a Moçambique, uma a Angola, duas a Cabo Verde. Fui três vezes a Macau. Já após ter deixado a presidência, realizei viagem a São Tomé e Príncipe para participar da preparação de um projeto para a criação de uma universidade pública naquele país. É uma pena não poder ter comparecido ao Timor Leste para celebrar com os colegas os 30 anos da AULP!

Não foi fácil tomar parte de tudo isso, mas decerto foi um privilégio e um grande aprendizado. E se logrei fazer alguma coisa, é porque muitos outros me ajudaram. A eles sou grato.

3.

EMPENHO AFRICANO:

Angola, Cabo Verde e Moçambique

AULP – Experiência ímpar e gratificante

Introdução

A Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) foi criada em circunstâncias que o Primeiro Presidente desta associação, o Prof. António Simões Lopes, descreveu nos seguintes termos: “Num ambiente de expectativa (só os delegados brasileiros e portugueses se conheciam) algum cuidado, que os factos demonstraram ser exagerado, era usado pela delegação portuguesa quando adiantava sugestões e propostas para o modelo a instituir e para a sua instituição efectiva. Valeu na circunstância o carácter extrovertido, sempre animoso e bem disposto, mesmo “folgazão”, da delegação brasileira que cedo “quebrou o gelo”; e valeu também o espírito organizativo assente nos conhecimentos técnico-jurídicos do então Reitor da Universidade Eduardo Mondlane para que, naturalmente, surgisse um projecto de Estatutos que a participação de todos tornou de aceitação consensual e a que haveria de aderir mais tarde, sem a menor dificuldade, a Universidade Agostinho Neto, ausente no encontro da Praia. Valeu, ainda, o ambiente hospitaleiro com que a República de Cabo Verde nos acolheu, num enquadramento que permitiu desde logo uma avaliação confirmadora dos elevados padrões culturais, conhecidos, deste nosso país de língua portuguesa”¹.

Estes termos descrevem bem o espírito que anima os encontros e desencontros dos nossos povos rumo à construção de um futuro comum.

A adesão da Universidade Agostinho Neto (UAN) à AULP foi um compromisso assumido por esta universidade em relação aos seus ideais e estatutos.

Estas linhas pretendem testemunhar a curta, mas intensa, e gratificante passagem que tivemos pela AULP, que continua a ser uma referência incontornável para o nosso ser.

O contexto da realização da XII assembleia da AULP em Luanda

Acabávamos de ser eleitos, a 6 de Janeiro de 2002, Reitor da Universidade Agostinho Neto (UAN), única universidade pública (do estado) e nacional da República de Angola, na altura.

Um dos pelouros importantes, aliás bem realçados no programa do Reitor eleito, era o relacionado com a cooperação internacional, vector importante para

1. Lopes, António Simões (2006). Língua Portuguesa, Multiculturalismo e Cooperação Económica. Macau: in XVI Encontro da AULP (2006).

criar dinâmicas de mudança necessárias, numa universidade refém do contexto e caracterizada pela resignação generalizada dos seus docentes, discentes e trabalhadores não docentes.

Angola vivia num contexto de guerra fratricida que já durava há mais de 21 anos, isto é, desde a independência a 11 de Novembro de 1975. Poucos angolanos, no princípio do ano de 2002, acreditavam no fim breve daquela guerra devastadora. Mas esta descrença era muito maior no seio dos estrangeiros. Poucos queriam “arriscar-se” a ir a Angola, seja lá para o que fosse. Assim, a intenção da UAN, inicialmente manifestada durante o XI Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) em Viseu (Portugal) de organizar o XII Encontro da AULP em Angola, na Província de Benguela ficou comprometida – medo e descrença, naturais, dos colegas portugueses e incerteza e desconhecimento, compreensíveis, dos colegas brasileiros. Estamos a falar de colegas de instituições de ensino superior de países mais representados na AULP.

Contudo, achávamos importante organizar o XII. Esta vontade era produto da convicção de que estávamos em condições (UAN) de garantir a segurança dos membros da AULP ao XII Encontro, da existência de competências para eventualmente assumir a Presidência da AULP e da necessidade inadiável de internacionalização da UAN. Havia que provar isso mesmo aos nossos colegas, sobretudo aos portugueses. O Reitor recém-eleito da UAN teve que se deslocar a Lisboa para reunir com os Reitores mais influentes na AULP, em particular do Conselho de Reitores Portugueses (CRUP), que manifestaram por escrito a necessidade de conhecer (examinar) o novo Reitor da UAN, na medida em que a organização do encontro podia pressupor (pressupunha) a assunção da Presidência da AULP. Pôr na mão de um Reitor desconhecido, jovem (com apenas 46 anos) e de um país em guerra os destinos da AULP, já com algum renome internacional, era um grande risco! Passámos o “exame”, conseguindo vencer o cepticismo dos nossos colegas, que nada mais queriam... senão ver uma AULP a florir. A benevolência do Conselho de Administração da AULP, presidido pelo Prof. Brazão Mazula, então Reitor da Universidade Eduardo Mondlane, em ter permitido adiar por um mês a data prevista para realização do XII Encontro, foi um feito facilitador.

A nossa vontade em organizar o XII encontro da AULP em Angola, naquela altura, também resultava da nossa convicção de que as instituições de ensino, de ensino superior em particular, podem e devem ser um veículo para o moldar das mentes para a cultura da paz, como afirmamos no discurso de abertura do XII Encontro, que teve lugar em Luanda: “às Universidades cabe o estabelecimento e a consolidação da paz e da democracia, da reconciliação e da tolerância, do intercâmbio e da cooperação”.

Finalmente, foi decisivo o apoio do Governo de Angola que, por orientação de Sua Excelência Presidente da República, o Eng.º José Eduardo dos Santos, assu-

miu totalmente todos os custos inerentes à realização do XII Encontro da AULP em Angola, realizado de 7 a 9 de Maio de 2002. É preciso sublinhar que este evento foi realizado já num contexto de fim da guerra fratricida², mas de grandes desafios, para com os milhares de deslocados de guerra.

A presidência da AULP - uma verdadeira aprendizagem

No quadro do XII Encontro da AULP, como era de praxe, realizou-se a Assembleia Geral da nossa associação. Nesta assembleia a UAN, com apoio das universidades privadas angolanas, que acabaram também por se associar, apresentou a sua candidatura à presidência da AULP para os 3 anos seguintes. A candidatura foi suportada por um programa que era reflexo da nossa visão, expressa no nosso discurso de abertura do XII Encontro sobre o que seria a nossa Presidência se fôssemos eleitos³.

Assumíamos assim a presidência da organização da AULP, encorajados por Sua Excelência Presidente da República de Angola, Eng.º José Eduardo Dos Santos, que teve a amabilidade de receber em audiência o recém-eleito Conselho de Administração da AULP, e pelos nossos colegas de Macau, que constituíram o balão de oxigénio necessário à sobrevivência da AULP, como viemos logo a saber: as instituições portuguesas que apoiavam financeiramente e de forma complementar a AULP, alegadamente por dificuldades financeiras, deixaram de financiar a associação; As universidades associadas do Brasil tinham cada vez mais dificuldades em adquirir fundos para transferir para o exterior do seu país, por razões legais, não podendo assim pagar as suas quotas; alguns associados de países africanos não tinham dinheiro para cumprir com as suas obrigações estatutárias.

Houve a necessidade de se engendrar um programa de diplomacia académica para salvar a AULP da falta de verbas, o que podia comprometer o seu funcionamento e consequentemente a sua existência. A materialização desta diplomacia académica foi assegurada por valiosos colaboradores do Presidente da AULP, nomeadamente o Prof. José Dias Lopes da Silva, Reitor da Universidade Técnica de Lisboa (1º Vice-Presidente da AULP), a Profª Inguelore Scheuneman de Souza, Reitora da Universidade Federal de Pelotas do Brasil (2ª Vice-Presidente) e o Dr. José Augusto Perestrello de Alarcão Troni (Secretário Geral da AULP), que trataram, usando das suas relações e influências, de falar com as autoridades de Portugal, Brasil e Macau, respectivamente, para que nos recebessem em audiên-

2. A 4 de Abril de 2002, em Angola, na Província do Moxico, foi assinado o acordo de paz entre o Governo de Angola e a UNITA, o que pôs fim a guerra fratricida que iniciara em 1975, logo depois da independência.

3. “A valia do Ensino Superior, na formação, no aprofundamento do conhecimento e na pesquisa de novos caminhos, ou na interacção com o tecido social, é hoje reconhecido por todos. Instrumento do desenvolvimento humano, científico, cultural e social, as Instituições de Ensino Superior têm de ser capazes de reflectir sobre si próprias e apostar na sua renovação, para fazer face às mudanças sociais, mantendo os valores essenciais que as caracterizam.”

cias para advogarmos a causa da AULP e a necessidade da sua existência para o estreitamento das relações dos nossos países, nos domínios do ensino superior e da investigação científica. O Presidente da AULP encarregou-se de fazer a advocacia junto das autoridades angolanas e de outros países africanos de língua oficial portuguesa.

Esta estratégia surtiu os seus efeitos. Durante o nosso mandato fomos recebidos em audiências por várias personalidades políticas da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP): em Angola, por Sua Excelência Presidente da República, Eng.º José Eduardo dos Santos; de visita a Angola, por Sua Excelência Luís Inácio Lula da Silva, Presidente da República Federativa do Brasil; em Cabo Verde, por sua Excelência Pedro de Verona Rodrigues Pires, Presidente da República de Cabo Verde; em Macau, por Sua Excelência Edmund Ho Hau Wah, Chefe do Executivo da Região Administrativa Especial de Macau; e em Portugal, por Sua Excelência Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Prof. José Mariano Rebelo Pires Gago. Nestes encontros, para além do apoio financeiro, “solicitamos apoios para a materialização dos projectos dos Grupos de Missão, que sustentam o facto de a AULP poder ser o parceiro privilegiado da CPLP na reflexão, implementação e desenvolvimento do ensino superior e da investigação científica na nossa Comunidade”⁴.

Fomos igualmente recebidos em audiências pelos sucessivos Secretários Executivos da CPLP, aos quais fizemos sentir o papel que a AULP podia desempenhar na nossa Comunidade.

Para além de se conseguir estabilizar a situação financeira, outro dos resultados mais relevantes que nos orgulha foi a criação formal do *Espaço de Ensino Superior* de uma comunidade de nações irmãs, no qual se incluem os nossos amigos da região administrativa de Macau, a chamada Declaração de Fortaleza, assinada pelos Ministros responsáveis pelo Ensino Superior da CPLP, de 26 de Maio de 2004.

O desenvolvimento da Universidade Agostinho Neto e a AULP

A adesão da UAN à AULP e a conseqüente assunção da presidência desta permitiram que a UAN tivesse melhorado o seu desempenho⁵, graças a acordos de cooperação assinados com instituições membros da AULP. Um dos exemplos emblemáticos foi a instituição, pela primeira vez em Angola, depois da independência, de cursos de mestrado.

4. Teta, J.S. (2005). Discurso de Abertura do Presidente da AULP. Lisboa: in XV Encontro da AULP (2005).

5. Teta, J.S. (2015). O plano de relançamento da Universidade Agostinho Neto a nível nacional e a massificação do ensino superior em Angola in Roteiro do Plane(j)amento Estratégico: Percursos e Encruzilhadas do Ensino Superior no Espaço de Língua Portuguesa, 228-248. Imprensa da Universidade de Coimbra (2015).

AULP, o monstro adormecido

A falta de apoio coordenado e multiforme à AULP, a nível dos países membros da CPLP, na materialização efectiva do Espaço de Ensino Superior, na implementação de um Espaço de Investigação Científica e na concepção e implementação de uma Universidade Virtual de Língua Portuguesa, debilitam a nossa associação composta por virtudes académicas e científicas dispersas por 4 continentes.

Conclusões e recomendações

A nossa passagem pela AULP, diante dos destinos desta associação foi uma oportunidade de reconfirmar que “só sei que nada sei”.

Urge unir esforços a nível das instituições de ensino superior e de investigação científica da CPLP e da China (Macau) para tornar a AULP numa instituição forte, capaz de contribuir para o melhoramento da qualidade de ensino e para o desenvolvimento técnico e científico dos nossos países.

António Correia e Silva

Ministro do Ensino Superior, Ciência e Inovação de Cabo Verde
Reitor fundador da Universidade de Cabo Verde (2006-2010)

Por imperativo de futuro das oito nações que por comodidade chamarei aqui de lusófonas, a AULP deve ocupar um lugar incontornável no ecossistema das organizações que hoje labutam para tornar a língua portuguesa uma das mais importantes línguas de ciência, de criação artística e de reflexão jurídica e filosófica do nosso tempo. Porque é deste modo que o nosso idioma comum será capaz de facultar aos seus utilizadores a possibilidade não só de acederem a um enorme e diversificado legado histórico, como também a chance de encontrarem nela os instrumentos linguísticos e conceptuais que lhes permita participar no movimento de inovação que caracteriza a sociedade do conhecimento. Afinal de contas, como escreveu Wittgenstein, “os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo”. Com isso pretendo deixar claro que fazer parte de uma dinâmica língua de ciência e de cultura – o que só é realizável com o decisivo concurso das universidades –, pode ser um dos intangíveis do desenvolvimento dos nossos países. Não de qualquer desenvolvimento, bem entendido, mas daquele que é inclusivo e por isso requer amplo acesso da sociedade ao sistema de ensino, forte aposta na qualificação do capital humano, a apropriação e o domínio da ciência e a geração de empresas e organizações inovadoras. Claro que uma opção por um desenvolvimento com estes contornos pressupõe a necessidade da inequívoca rejeição/superação da economia de renda que, por estrangimentos de trajetória, tem entretanto vigorado em grande parte dos nossos países. Ela assenta, como sabemos, não na busca constante dos ganhos de eficiência e de produtividade, mas sim, na exploração passiva dos recursos naturais, na disponibilidade de mão-de-obra abundante, barata e de baixa qualificação e, pior do que tudo, numa acentuada desigualdade social. Ou então em rendas de situação, como a Ajuda Pública ao Desenvolvimento e as remessas de emigrantes. Inútil será dizer que as economias de renda não permanecem ao longo do tempo necessariamente estagnadas. Pelo contrário, podem gerar inclusivamente conjunturas de forte crescimento, mas nunca chegam a produzir um modelo de desenvolvimento que seja sustentável.

Num quadro social deste tipo, as universidades de qualidade e produtoras de ciência têm um papel marginal e, quando existem, são destinadas tão-somente a formar restritas elites. É despiendo dizer que não é isto que almejamos, mas sim que – apoiando-nos em universidades e na língua portuguesa, como vetores de aquisição e difusão do conhecimento, – possamos superar não apenas o deficiente

desenvolvimento, como igualmente formas predatórias, excludentes e insustentáveis de crescimento económico.

Se realço o papel da AULP neste desiderato é porque acredito que não há como realizar esta ambição de desenvolvimento, que passa pela inclusão educativa, apropriação da ciência e tecnologia, dinamização da inovação e o fomento das economias criativas, sem as universidades. Mas atenção: mesmo com elas, tal desenvolvimento continua a não ser possível se cada universidade dos nossos países se quedar encerrada no seu espaço nacional ou mesmo se entretiver uma articulação frouxa e uma cooperação de baixa sinergia com os demais membros da comunidade universitária lusófona. Uma tal ambição, que possui a força mobilizadora das utopias, implica vontade firme e persistente mas também a construção de organizações que congreguem e integrem o trabalho de pessoas, organizações e países da CPLP em matéria de ensino superior e da ciência.

Ora, a AULP é a plataforma organizacional que poderá alavancar um movimento de cooperação inter-universitária de modo a potenciar em diferentes países da CPLP o processo de transição da economia de renda – dependente e caracterizada por uma baixa competitividade –, para a economia baseada no conhecimento. Para que a referida associação possa efetivamente dar um contributo decisivo neste processo e cumprir o papel histórico que lhe está reservado no mundo das sociedades lusófonas, torna-se necessário que ela se dote de uma estratégia clara de densificação e diversificação da cooperação entre universidades, de modo a que o nível delas se eleve em conjunto e sejam, no quadro das suas respectivas sociedades, agentes de mudança. Nesta senda, é de se aplaudir o esforço que se tem feito ultimamente para alargar o número e o círculo geográfico das universidades integrantes. Tempos houve em que, se exceptuássemos os poucos membros africanos, a associação era composta quase exclusivamente por universidades e institutos politécnicos portugueses. Muitos apelidavam-na então por graça de associação luso-portuguesa. O Brasil esteve durante muito tempo sub-representado. Mas o que pode uma associação de universidades que pretenda representar o universo académico que labora em português se ela deixa o Brasil de fora ou quase? Muito pouco, a meu ver. Por isso creio ter sido lúcida a investida feita pelas mais recentes direcções da AULP (refiro-me à presidência do Reitor João Guerreiro em diante), no sentido de mobilizar as universidades brasileiras, trazendo-as para a rede que a associação ainda hoje está a tecer. Há algum caminho feito, é verdade, mas temos ainda pela frente uma longa estrada, até que a AULP se converta numa dinâmica plataforma de trabalho cooperativo e seja verdadeiramente representativa do universo universitário lusófono. A história destes esforços é, no entanto, gratificante e encorajadora. Recordemos que quando a presidência esteve com o Reitor da Universidade Federal de Minas Gerais se gizaram, pela primeira vez com tal dimensão, programas de mobilidade de estudantes e professores que

depois vieram a ser implementados com o apoio da CAPES. Infelizmente tem faltado recursos para desenvolver mais programas de intercâmbio docente, discente e de gestores universitários à nossa associação e ela tem ficado, em função disso, dependente de boas vontades circunstanciais dos governos. Uma forma de ultrapassar este problema é propor e negociar contratos-programas entre a CPLP, representada pelo seu Conselho de Ministros de Ensino Superior e da Ciência, e a AULP. Esta poderá ser uma via de ultrapassar a precariedade dos financiamentos.

Sem prejuízos das reuniões anuais de reitores e das associações setoriais na área do ambiente e agricultura, creio ser pertinente criarem-se grupos de trabalho temáticos focados em coisas como o ensino à distância, integração de repositórios de acesso aberto das universidades da associação, a produção de recursos educativos abertos (REA) e também a convergência dos sistemas de garantia de qualidade, internos às universidades. Se existe tópico que reclama trabalho conjunto é o da promoção de doutoramentos inter-institucionais e em rede, sobretudo quando se leva em conta que temos na nossa comunidade dois países de desenvolvimento científico médio/avançado, que são Portugal e o Brasil, ao passo que os restantes estão, com mais ou menos diferenciação, em fase de take off científico. Programas neste eixo de trabalho possuem o condão de permitir às universidades menos consolidadas formar e credenciar o seu corpo docente e também estimular a pesquisa em rede inter-universitária lusófona. Quando ocupei o cargo de Ministro do Ensino Superior de Cabo Verde, com o apoio dos governos de Portugal e do Brasil e sob a coordenação do prestigiado Instituto Gulbenkian da Ciência, lançámos um dinâmico programa de formação de cientistas dos PALOP e Timor, chamado Programa de Pós-graduação Ciência para o Desenvolvimento (PGCD). Creio tratar-se de um exemplo inspirador, assim como o é a REALP (Rede de Estudos Ambientais de Língua Portuguesa). A AULP precisa potenciar o aparecimento de mais consórcios lusófonos de pós-graduação, pois, este é o caminho que nos conduzirá a comunidade inter-universitária pujante.

Não posso terminar este breve depoimento sem antes fazer referência a uma pendência em torno de uma declaração corajosa feita, em 2004, em Fortaleza, no Brasil, pelos ministros da Educação da CPLP. Estes na referida data haviam proclamado a necessidade da construção do Espaço Lusófono de Ensino Superior (ELES). Creio que a CPLP, se quiser aprofundar o ideário de comunidade que se encontra na base do seu nascimento, não poderá descartar nunca o projecto do anunciado ELES.

Talvez a implementação do Processo de Fortaleza – digo “processo” porque a concretização da Declaração tem de ser necessariamente gradual, contemplando as especificidades e os compromissos de cada país – passe não tanto pela ação unilateral dos governos, levando as universidades a reboque, mas por uma articulação mais operacional e cooperante entre aqueles e estas, representadas pela AULP.

Jorge Ferrão

Presidente da AULP no triénio 2011-2014

A jovem Universidade Lúrio, instituição de ensino superior pública, em actividade desde 2007 em Nampula, norte de Moçambique, e praticamente desconhecida no meio académico da CPLP, teve a honra de, como membro recente da AULP, vir a ser escolhida para a sua presidência na assembleia geral realizada em Bragança a 8 de junho de 2011. Assumimos assim, enquanto reitor da Universidade Lúrio, o cargo antes desempenhado pelo reitor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Professor Doutor Clélio Campolina.

Até então, o primeiro e único encontro da AULP em Moçambique fora em 1999, tendo na presidência da AULP o Professor Doutor Brazão Mazula, reitor da Universidade Eduardo Mondlane. Apesar de a Universidade Lúrio estar situada no norte, em Nampula, e com pólos ainda nas províncias de Cabo Delgado e Niassa, por razões logísticas que envolviam viagens, hotéis e outros custos muito elevados para todos, foi decidido realizar o XXII Encontro da AULP em Maputo, de 18 a 20 de junho de 2012. O tema da conferência “Ensino Superior e Investigação Científica no Espaço da CPLP”, foi distribuído por 4 subtemas: acreditação e qualidade; pós-graduação; mobilidade; internacionalização.

A escolha do ano de 2012 coincidia com as celebrações do 50º aniversário do ensino superior em Moçambique, incluindo o período colonial, com o estabelecimento dos EGUM - Estudos Gerais Universitários de Moçambique em 21 de agosto 1962, dois anos depois elevados à designação de ULM - Universidade de Lourenço Marques.



Imagem 1 - “Eu tinha 33 anos e vir fundar uma universidade em Moçambique era uma grande aventura, mas entendi que essa aventura devia ser a obra da minha vida”, Professor Veiga Simão (1929-2014) no XXII Encontro da AULP, em Moçambique.

Contámos com a presença do Professor Doutor Veiga Simão, antigo ministro da Educação Nacional, em Portugal, e primeiro reitor do ensino superior em Moçambique (1963 – 1970), que aceitou participar nesta conferência e honrar-nos com a sua estimada presença.

Forma encontrada para prestar uma merecida homenagem à pessoa que será reconhecida eternamente por Moçambique - pelo seu papel inovador, criativo, dedicado e eficiente com que implementou, de modo pioneiro, o ensino superior e as adjacentes atividades artísticas, culturais e desportivas. O visionário Professor Veiga Simão desenvolveu o sistema de ensino superior português, limitado, na altura, só a Lisboa, Porto e Coimbra, expandindo para o interior do país - sabendo alargar e democratizar o acesso ao ensino superior, pelo seu papel essencial no desenvolvimento económico e social.

Resumidamente, Veiga Simão era licenciado em físico-química, em Coimbra, e doutorado em física nuclear, em Cambridge (1951). Nos anos 60 foi fundador e reitor da Universidade de Lourenço Marques, onde esteve até regressar a Portugal em 1970 para assumir a função de ministro da Educação Nacional. Foi ainda embaixador na ONU (1974-75), ministro da Indústria e Energia (1983-85) e ministro da Defesa Nacional (1997-1999). Mas foi na pasta da Educação, antes do 25 de abril de 1974, que deixou a sua marca reformista.

Na sua intervenção durante a conferência, o Professor Veiga Simão salientou a visão estratégica que deve orientar a estruturação do ensino superior em Moçambique a partir das instituições do ensino superior e não do governo, tendo em conta o modelo de desenvolvimento do país e com um plano estratégico concreto para o seu futuro. Infelizmente o Professor Veiga Simão veio a falecer a 3 março de 2014 com 85 anos.

A sessão de abertura contou com a presença de ilustres convidados, como a de Sua Excelência Primeiro Ministro, Doutor Aires Ali, do Reitor da Universidade Eduardo Mondlane, Professor Doutor Orlando Quilambo, do Diretor Executivo da Fundação para o Desenvolvimento da Educação, Professor Doutor Narciso Matos. Todas as universidades moçambicanas, Universidade Eduardo Mondlane, Universidade Lúrio, Universidade Pedagógica, Universidade Zambeze, Universidade Politécnica, Academia de Ciências Policiais e Instituto Superior de Relações Internacionais, participaram na organização do evento, demonstrando o seu empenho.

O encontro lembrou o longo percurso dos 50 anos de ensino superior em Angola e Moçambique, nem sempre fácil. Cerca de 37 anos depois da independência, o país caminha rumo ao desenvolvimento, como um Estado de Direito, soberano e independente. As originais universidades elitistas e discriminatórias, souberam ajustar-se aos ventos de mudança, da libertação e democracia. Assim, transformaram-se em centros de reprodução de conhecimento e ciência para os

seus povos. Milhares de profissionais foram formados e deram o seu contributo à causa do desenvolvimento nacional, focando a ciência e a investigação no ensino superior, pois só numa sociedade informada é possível encurtar as distâncias e aproximar as culturas. A educação torna possível minimizar a exclusão social, as desigualdades económicas e a marginalização decorrente do desenvolvimento.

O ensino superior nos países africanos de língua portuguesa persegue o sonho de estabelecer uma academia credível, inovadora, ética e, sobretudo, humanista e exigente. O desenvolvimento desses países e povos passa por um modelo de academia assente nos ideais e nos desafios de uma sociedade globalizada e em economias competitivas, reconhecendo-se que a academia ainda é incipiente. Faltam, nomeadamente, infraestruturas, capital humano, recursos financeiros, e o desenvolvimento curricular tem sido afetado pela pressão da internacionalização do ensino superior. Deste modo, somos ainda confrontados com o impacto da globalização e com a lógica do mercado.

Não podemos ficar reféns dos mercados e da globalização. Presenciamos uma massificação do ensino superior na CPLP, que choca com os fatores determinantes da qualidade, embora conscientes da necessidade da massificação em África. É imprescindível que nos abramos à sociedade, e para tal, exigem-se alterações à forma de governo, métodos de gestão, internacionalização e ou até ao enquadramento jurídico das IES. Contudo, estas mudanças serão vitais para o cumprimento integral da missão universitária. A massificação será, portanto, acompanhada por uma mudança estrutural, mudança que exige coragem.

O aumento da competição entre as diferentes IES, potencia também o risco de se ver diminuída a importância concedida aos valores tradicionais e académicos. As nossas universidades precisam de ser lugares especiais de formação e preparação de uma nova geração, dotada de valores cívicos e estarem em pleno convívio entre si, em face da complexidade evidente da vida na sociedade. A CPLP precisa de criar um ambiente propício de vivências, onde se formem jovens para assumirem responsabilidades como cidadãos justos, responsáveis, competentes e solidários. O Ensino Superior não deve ser concebido como um negócio, visando o lucro e suscetível de lhe alterar a forma e o conteúdo.

Possuindo um passado comum com diversas afinidades, incluindo a língua portuguesa, cultura, crenças religiosas, arquitetura, artes plásticas, música, culinária, etc., é necessário aprimorar os mecanismos que nos aproximem mais, que aumentem a confiança dos cidadãos lusófonos e, sobretudo que aceitemos o pluralismo de ideias sem modelos impostos, sem metrópole e sem periferia. As universidades e a sociedade civil jogam um papel importante na dinamização destes objetivos, e podem facilitar os entendimentos.

A batalha ainda é longa, mas precisa de ser ganha. Só com uma sociedade livre da pobreza, educada e com saúde e, sobretudo com segurança alimentar, podere-

mos vencer esse desafio de construção de sociedades culturalmente inclusivas e diversificadas. A educação, e muito em particular o ensino superior, jogará um papel estratégico na consecução dos Objetivos do Milénio. Só com uma sociedade com literacia aportaremos mais qualidade de vida, e conseqüentemente, participaremos na construção de uma cidadania consciente e ativa. Com uma sociedade educada encurtaremos as distâncias e aproximaremos as culturas. Com educação minimizaremos a exclusão social, as desigualdades económicas e até a marginalização decorrente do próprio desenvolvimento. Educação permitirá unir criatividade política à vontade coletiva.

É preciso reforçar a cooperação entre as universidades e implementar um programa de mobilidade entre os estudantes, docentes e funcionários e ainda criar programas estruturantes que reforcem a capacidade letiva das universidades que ainda se encontram em processo de estabelecimento. Só através do conhecimento poderemos criar bases de desenvolvimento dos nossos países e regiões nos planos científicos, cultural, artístico, económico e social, implementando projetos comuns de investigação e extensão. Gostaríamos de fazer da AULP uma instituição reconhecida internacionalmente, e sobretudo junto da Associação Internacional das Universidades e terminar nossa intervenção desejando que os debates ocorram com serenidade, liberdade e num ambiente franco e crítico.

Não existem dúvidas de que neste encontro, o XXII Encontro da AULP, foi tanto para as universidades moçambicanas filiadas na AULP, como para todas as instituições de ensino superior em Moçambique, um momento ímpar na nossa história, na nossa existência. A realização deste encontro em terras moçambicanas não foi um simples ato de rotatividade, mas sobretudo um meio para enriquecer o subsistema nacional, bem como para afirmar e confirmar que os nossos desafios são semelhantes aos dos restantes membros da AULP.

No que se refere à acreditação e qualidade no ensino superior e à pós-graduação, o Doutor Zeferino Alexandre Martins, Ministério da Educação de Moçambique em 2012, deixou assente que temos de embarcar nela como condição, para corresponder ao potencial económico e de reserva em termos de recursos naturais que representamos. Quando se abordou a mobilidade ficou patente a necessidade de se removerem algumas barreiras, de se caminhar para uma mobilidade efetiva de docentes e estudantes e de se fazer uso de algumas iniciativas concretas já existentes.

Finalmente, gostaríamos de lembrar que no último encontro em Macau, que decorreu de 17 a 19 de setembro de 2014, a jovem Universidade Lúrio deixou a presidência da AULP para a já consolidada Universidade de Macau (criada em 1981), assumindo assim a presidência, na qualidade de vice-reitor, o Professor Doutor Rui Martins. Deixamos votos de sucesso à nova presidência, sentindo que a Universidade Lúrio, que completa este ano uma década, demonstrou que

não é a idade das instituições de ensino superior que determinam o bom empenho neste tipo de atividades. Damos por isso o nosso agradecimento a todos os colaboradores da UniLúrio, universidade que em 2007 criou o seu primeiro polo em Nampula e em 2010 já contava com 3 polos nas três províncias do Norte de Moçambique, nomeadamente: Nampula, Niassa e Cabo Delgado. Só resta dizer: Sim, nós conseguimos.

Judite Medina do Nascimento

Reitora da Universidade de Cabo Verde

A AULP realizou o seu XXV encontro em Cabo Verde, na cidade da Ribeira Grande, conhecida como Cidade Velha, que foi a primeira cidade construída pelos europeus na África subsaariana e a primeira capital de Cabo Verde. Hoje a cidade é património mundial da humanidade, por decisão da UNESCO no dia 26 de junho de 2009.

A AULP reuniu-se, sob o tema global “Novos Desafios para o Ensino Superior após os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM)”, tendo como anfitriã oficial do evento, a Universidade de Cabo Verde. Em 2015, as Nações Unidas interpelaram o Mundo e fizeram um balanço dos níveis de cumprimento das metas estabelecidas para os objetivos do milénio. A AULP sentiu-se desafiada a também refletir sobre os novos objetivos para o Ensino Superior nos Países de Língua Portuguesa.

As comunicações do evento foram agrupadas em 5 painéis temáticos:

- I. Políticas e estratégias de cooperação para o desenvolvimento nos países de língua oficial portuguesa e perspetivas para o pós-ODM
- II. A difusão e desenvolvimento da língua e literatura portuguesa.
- III. A plataforma continental marítima.
- IV. A presença do mar na cultura expressa em português.
- V. Novos desafios das Universidades-membro da AULP

No primeiro de dia dos trabalhos vários eventos tiveram lugar, designadamente a reunião do Conselho de Administração da AULP, a sessão solene de abertura, as reuniões do CRUP, do CCISP, do SECPLP, a apresentação das comunicações referentes ao Tema I, a feira de exposições e um momento cultural. No segundo dia dos trabalhos continuou-se com vários eventos paralelos, para além da apresentação das comunicações dos temas II, III, IV e V, continuou-se com a reunião do SECPLP, as feiras de exposições, momentos culturais e o jantar de encerramento do XXV Encontro da AULP. No terceiro e último dia de trabalho foi organizada uma mesa redonda e duas sessões solenes de encerramento.

A Sessão Solene de Abertura do XXV Encontro da AULP contou com os discursos de boas vindas da Doutora Judite Nascimento Magnífica Reitora da UniCV, do Doutor Rui Martins, Presidente e representante do Conselho de Administração da AULP, do Doutor Wei Zhao Magnífico Reitor da Universidade de Macau, do Dr. Alcides de Pina representante do Presidente da Câmara Municipal do Município de Ribeira Grande de Santiago, do Doutor Alexis Tam Secretário

dos Assuntos Sociais e Cultura do Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), do Doutor António Correia e Silva Ministro do Ensino Superior, Ciência e Inovação de Cabo Verde e do Dr. José Maria Neves Primeiro Ministro de Cabo Verde.

Várias reuniões paralelas ocorreram durante esses três dias, para além da reunião do Conselho de Administração da AULP, teve lugar a reunião do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, a reunião do Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos e do Secretariado Executivo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

A reunião paralela da SECPLP aconteceu durante os dois primeiros dias do evento e participaram nela as Organizações de Ensino Superior e Investigação (OESI) no CONSAN-CPLP e a FAO. Discutiui-se o papel da FAO e sua relação com as universidades buscando perspectivar um relação mais duradoura e sistemática com as OESI. Reconheceu-se as inúmeras possibilidades de cooperação e as sinergias das acções entre ambos. Ainda, a reunião do SECPLP aprovou as directrizes para um consenso do grupo para a criação de um comité com representantes de todos os países para a discussão da Segurança Alimentar. No âmbito desta reunião organizou-se um Encontro Paralelo sobre a Segurança Alimentar SECPLP intitulada “O Papel das Organizações de Ensino Superior na Promoção de Políticas Públicas de Segurança Alimentar e Nutricional” com apresentação de comunicações.

Uma outra reunião paralela organizada, no âmbito do Programa de Doutoramento Ciência para o Desenvolvimento (PGCD), pelo Instituto Gulbenkian de Ciência e Ministério do Ensino Superior, Ciência e Inovação discutiu sobre “O Papel da Ciência no Desenvolvimento”. Abordaram os desafios e as dificuldades de pesquisa científica em África e é neste contexto que o doutoramento PGCD surgiu para apoiar este déficit nos países de língua portuguesa.

O XXV Encontro da AULP esteve organizado em cinco painéis temáticos, subdivididos em sessões paralelas.

O painel do tema I “Políticas e Estratégias de Cooperação para o Desenvolvimento nos Países de Língua Oficial Portuguesa e Perspectivas para Pós-ODM” foi presidido pela Presidente do Camões Instituto para a Cooperação e Língua Portuguesa, Prof. Doutora Ana Paula Laborinho. As 7 comunicações sobre o Tema I incidiram principalmente sobre a cooperação para o desenvolvimento no âmbito do ensino superior entre os países da CPLP e os vários desafios e oportunidades do conhecimento e do desenvolvimento que se colocam aos respectivos países assim como as estratégias de desenvolvimento e discutiram os factores relevantes na concepção e desenvolvimento de projectos de educação para o desenvolvimento. A comunicação de abertura do painel foi Proferida pelo Professor Doutor, António Cunha.

O Painele II, Presidido pela escritora Vera Duarte, foi aberto por uma conferência proferida pela Diretora Executiva do IILP, Prof. Doutora Mariza Mendonça.

As comunicações do Tema II “A Difusão e o Desenvolvimento da Língua e Literatura Portuguesa” reflectiram sobre os contributos dos autores lusófonos para a difusão da língua e da cultura dos países falantes da língua portuguesa assim como o contributo de línguas maternas e locais e os desafios que colocam à língua portuguesa no âmbito do multilinguismo. Ainda, discutiram sobre os projectos da CPLP para a potencialização de projectos e acções de produção e divulgação da língua portuguesa.

O painele III cuja Presidência foi feita pelo Embaixador Carlos Semedo, foi aberto pela conferência proferida pelos Professores Doutores António Lobo de Pina e Sónia Victória. As 3 comunicações referentes ao Tema III “A Plataforma Continental Marítima” incidiram sobre as pesquisas sobre a plataforma continental dos países de língua portuguesa ao longo do Oceano Atlântico assim como a paisagem subaquática de Cabo verde.

O painele IV, presidido pelo Ministro do Ensino Superior Ciência e Inovação, Prof. Doutor António Correia e Silva, foi aberto pela conferência proferida pelos Professores Elvira Reis (da Universidade de Cabo Verde) e Wlodzimierz J. Szymaniak (da Universidade Jean Piaget de Cabo Verde). As 5 comunicações do Tema IV “A Presença do Mar na Cultura Expressa em Português” abordaram as percepções, as representações e os mitos que os países de língua portuguesa têm sobre o mar.

O último painele “Novos Desafios das Universidades Membros da AULP”, foi presidido pelo Presidente da AULP, Prof. Doutor Rui Martins e foi aberto pela conferência proferida pela Reitora da Universidade de Cabo Verde, Prof. Doutora Judite do Nascimento. As comunicações relativas ao Tema V reflectiram sobre os desafios das universidades no contexto Pós Objectivos do Desenvolvimento do Milénio, do crescimento do ensino superior em determinados países, do desenvolvimento dos sistemas universitários, da qualidade e do fomento da pesquisa e da extensão universitária, do desenvolvimento e promoção tecnológico no ensino superior. Referiu-se, ainda, que algumas universidades passam por constrangimentos com a diminuição de números de estudantes e as dificuldades financeiras dos estudantes assim como as mudanças ocorridas com o processo de Bolonha.

Foi realizada uma Mesa Redonda intitulada “Cooperação Universitária, Desenvolvimento e Internacionalização no Diálogo Sul-Sul” organizada pela Universidade Federal de Minas Gerais. As principais reflexões basearam no desenvolvimento e os ODM, a cooperação universitária e a mobilidade internacional entre as universidades dos países de língua portuguesa.

Duas sessões de encerramento tiveram lugar no último dia do XXV Encontro da AULP.

A Sessão Solene de Encerramento do PGCD, isto é, da parte curricular do segundo PGCD com a entrega dos diplomas aos estudantes contou com os discursos do Engenheiro Fritz Sacher CEO da Merck África, do Doutor Rui Martins Presidente da AULP, da Doutora Joana Gonçalves Sá Coordenadora do PGCD, do Doutor Jonathan Howard Director do Instituto Gulbenkian e Ciência, do Doutor Paulo Pereira Vice-Presidente da Fundação para a Ciência e Tecnologia e do Doutor António Correia e Silva Ministro do Ensino Superior, Ciência e Inovação de Cabo Verde.

A Sessão Solene de Encerramento do XXV Encontro da AULP contou com os discursos da Doutora Judite Nascimento Magnífica Reitora da UniCV, do Doutor Rui Martins representando o Conselho de Administração da AULP, do General Rocha Vieira membro honorário AULP e do Ministro do Ensino Superior, Ciência e Inovação de Cabo Verde Doutor António Correia e Silva.

Durante os três dias do encontro, ocorreram, paralelamente, no Hotel Vulcão, uma Feira de Exposição com stands de várias instituições, desde Feira de Materiais de Laboratórios, Edições da UniCV. Também, a Direcção-Geral do Ensino Superior do Ministério da Ciência e Inovação de Cabo Verde e a Universidade de Macau assinaram um Acordo de Cooperação. Ainda, teve lugar o lançamento e a apresentação da obra Fac-similada comemorativa do XXV da AULP de Orlando Ribeiro intitulada “A Ilha do Fogo e as suas Erupções”. Ainda, a Assembleia Geral da AULP que decidiu que a organização do próximo encontro seria em Timor Leste.

4.

OS ENCONTROS NO SUL DA CHINA
e a atual presidência da AULP da RAEM, China

O impulso dos encontros no sul da China. O ensino superior de Macau, o apoio à AULP, e o português na R.A.E.M.

Rui Martins

Vice-Reitor (Investigação), Universidade de Macau [1997 - presente],
Vice-Presidente AULP [2005 - 2014], Presidente AULP [2014 - 2017]

Jorge Rangel

Presidente do Instituto Internacional de Macau [1999 – presente], Secretário-Adjunto para a
Administração, Educação e Juventude, Governo de Macau, [1991 -1999]

História

Apesar dos estudos universitários em Macau terem uma tradição que remonta a 1594 – com a fundação pelos jesuítas do antigo Colégio Universitário de São Paulo, a primeira universidade de cariz ocidental na China, cuja fachada é ainda hoje o mais famoso “*ex-libris*” do território e a peça fundamental do edificado que foi classificado pela UNESCO como Património Mundial em 2005 – eles sofreram uma longa interrupção desde o século XVI e até à criação em 1981 da Universidade da Ásia Oriental – UAO, universidade privada com o terreno concedido pelo governo, que marcou o início do ensino superior moderno em Macau. Durante os primeiros anos após o estabelecimento da UAO, os alunos, na sua maioria, eram provenientes de Hong Kong. Posteriormente, a então administração portuguesa de Macau, atendendo à necessidade de formar recursos humanos locais para o período de transição (1987-1999, de acordo com a Declaração Conjunta Luso-Chinesa), e antes da transferência da soberania do Território para a China, procedeu à aquisição da UAO através da Fundação Macau, em 1988. Realizou igualmente uma renovação de várias Faculdades, nomeadamente, a de Gestão de Empresas, e a de Ciências Sociais e Humanas, e criou as Faculdades de Direito, Ciências e Tecnologia, e Ciências da Educação, tendo modificado a duração dos cursos de licenciatura de 3 para 4 anos, mantendo-se o inglês como a língua principal de ensino. Apenas na Faculdade de Direito a licenciatura tinha a duração de 5 anos e era lecionada em Português. Língua também usada na Licenciatura em Língua e Cultura Portuguesa oferecida pelo Instituto de Estudos Portugueses.

Com a publicação da Lei do Ensino Superior e a promulgação dos novos estatutos universitários em 1991, a UAO tornou-se oficialmente uma universidade pública (Portuguesa) e passou a chamar-se Universidade de Macau (UM). Tiveram igualmente origem na UAO, e na mesma altura, o Instituto Politécnico de Macau (IPM), instituição pública, e a Universidade Aberta Internacional da Ásia

(Macau), instituição privada, entretanto transformada em Universidade da Cidade de Macau, em 2011. Posteriormente, foi também criado o Instituto de Formação Turística (IFT), igualmente público, em 1995. Estas 4 instituições de ensino superior juntamente com a Universidade de São José e o Instituto Internacional de Macau compõem o grupo de 6 instituições locais membros da AULP.

A UM é a instituição líder do ensino superior local, estando entre as mais antigas e prestigiadas universidades da região do delta do Rio das Pérolas, e podendo ser na verdade considerada a herdeira do colégio original, assumindo como sua missão principal na década de 90, do século passado, formar quadros locais qualificados para o período de transição. Posteriormente, a partir de 1999, e com a criação da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), tendo por base a estrutura inicial desenhada e reconhecida no âmbito do Ensino Superior Português, a UM conseguiu afirmar-se *passo-a-passo* na cena do ensino superior internacional, agora já como universidade pública (Chinesa).

De salientar, como marcos importantes, a entrada em 2014 para as 300 universidades de topo a nível mundial de acordo com a ordenação do prestigiado *Times of Higher Education (THE)*, encontrando-se actualmente no *Top Ten* das universidades de Língua Portuguesa indexadas nesse ranking, entre as quais as Universidades de São Paulo, UNICAMP e Universidade Federal do Rio de Janeiro, do Brasil, e de Portugal, as Universidades de Lisboa, Nova de Lisboa, Coimbra, Porto, Aveiro e Minho. Para além disso, como membro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP), a UM organizou conjuntamente com o Instituto Politécnico de Macau, Instituto de Formação Turística e Instituto Internacional de Macau 5 Encontros Anuais da AULP em 1998, 2003, 2006, 2010 e 2014, ocupou a Vice-Presidência da Associação entre 2005 e 2014, e está neste momento na Presidência da AULP no triénio 2014-2017.



Fig. 1: Actas dos 5 Encontros Anuais da AULP organizados em Macau.

Este artigo irá relevar o contributo de Macau e das suas instituições de ensino superior para o importante impulso da AULP, na Ásia, e no Sul da China, através da organização destes 5 Encontros Anuais que deslocaram a Macau uma média de

cerca de 200 delegados, em cada uma das edições do evento, vindos dos Países de Língua Portuguesa, mas também da China e outros Países Asiáticos, nomeadamente o Japão, e que chamaram a atenção para a importância da Língua Portuguesa nesta região do Mundo.

Homenagem ao último Governador de Macau – General Vasco Rocha Vieira

No âmbito deste artigo é importante também referir o General Vasco Rocha Vieira que com a sua contribuição, enquanto último Governador de Macau (1991-1999), proporcionou à AULP a existência de uma Sede condigna. Para o reconhecer a Associação decidiu atribuir-lhe o título de membro honorário, no XII Encontro realizado em Luanda, em 2002, tendo a merecida homenagem acontecido durante o XXV Encontro que teve lugar na Cidade da Praia, em 2015. Neste último evento, o Presidente da AULP, Professor Rui Martins, ofereceu-lhe a placa respectiva e uma prenda característica de Portugal, enquanto a Professora Judite Nascimento, anfitriã do Encontro e Reitora da Universidade de Cabo Verde ofereceu o livro comemorativo “*A Ilha do Fogo e as suas Erupções*” da autoria do Professor Orlando Ribeiro.



Fig. 2: Homenagem ao General Vasco Rocha Vieira, Membro Honorário (2015).

VIII Encontro da AULP (1998)

O Ensino do Português como Língua Estrangeira

As sessões plenárias do VIII Encontro da AULP, realizado na Universidade de Macau, e as comunicações apresentadas giraram em torno de temáticas como o ensino do português como língua estrangeira (tema principal), o ensino superior e os desafios da globalização, o ensino investigação, desenvolvimento e cooperação bem como a relação dinâmica entre ensino, investigação e as novas tecnologias de informação e comunicação. Este Encontro foi um dos mais participados de sempre com cerca de 500 inscritos e 116 comunicações, tendo a cerimónia de abertura sido presidida pelo Primeiro-Ministro de Portugal, Eng.

António Guterres, que se dirigiu à audiência numa comunicação da qual se destaca a sua conclusão:

“Um factor essencial do ensino superior, um factor essencial das universidades, é o de serem um verdadeiro instrumento de igualdade de oportunidades nas nossas sociedades e não uma emanação elitista de preservação da desigualdade nessas mesmas sociedades.



Fig. 3: Cerimónia de Abertura do VIII Encontro da AULP em Macau, Primeiro-Ministro de Portugal, Eng. António Guterres usando da palavra.

Saibam as universidades de língua portuguesa, saiba esta Associação, catalizar esse movimento, ser factores de igualdade de oportunidades e, então, o contributo que derem para a competitividade das nossas economias e das nossas sociedades, será um contributo baseado em valores humanistas e não apenas na lógica tecnocrática da competição que muitos desejam selvagem, mas que nós queremos regulada, humanizada e virada para a realização do homem”.



Fig. 4: Cerimónia de Abertura do VIII Encontro da AULP em Macau, Presidente da AULP, Reitor Ruy Pauletti proferindo o seu discurso.

Uma das comunicações mais importantes inserida na sessão plenária de abertura foi proferida pelo Prof. José Augusto Seabra, subordinada ao título, “Por

uma Política Internacional e uma Diplomacia da Língua Portuguesa”, referiu no seu início: “*Mais uma vez, Macau é o espaço emblemático de um Encontro da nossa Diáspora da Língua, aqui representada pelas instituições que melhor exprimem a sua universalidade: as Universidades de Língua Portuguesa, associadas desde 1986 numa Organização não Governamental cujo primeiro objectivo é a salvaguarda do idioma comum aos países que agora constituem uma grande Comunidade, de que elas foram precursoras*”, o que exprime bem o significado da AULP e a sua contribuição significativa para o desenvolvimento e criação da CPLP em 1996. De destacar ainda a sua conclusão quando menciona: “*O exemplo que nos dá aqui mesmo Macau, ao organizar recorrentemente encontros como este, nesta fase final de transição que atravessa, mostra bem que a Diáspora lusófona continuará, como no passado, a estar viva “no Oriente ao oriente do Oriente”, para lá da permanência administrativa do Estado Português, pois ela o transcende, como os poetas que por aqui disseminaram a “portuguesa língua”, de Camões a Bocage, de Camilo Pessanha a António Patrício. Seja-nos revelado que evoquemos, simbolicamente, a terminar, uma profecia luminosa deste último, um grande poeta-diplomata que em Cantão começou a sua carreira e a caminho de Pequim em Macau viria a morrer como embaixador eterno da pátria-língua. Pois não visionou ele no futuro, poeticamente, para ela,*

*“um ancorar puríssimo, encantado,
num Oriente mais anunciador”?”*

De salientar também no âmbito do tema sobre o “Ensino Superior face aos Desafios da Globalização” a palestra da Professora Maria Rita Santos, da Universidade Federal do Maranhão, no Brasil, sob o título “*O Ensino Superior e o Processo da Globalização*” que afirmou no início: “*A crise mundial pede mudança de atitude diante do processo produtivo que, por sua vez, exigirá a adoção de nova cultura e, conseqüentemente, de uma nova maneira de ver o mundo, para endossar ou não o neoliberalismo ou para melhor ou mais convenientemente olhar a globalização.(...) Assim entendido, Globalização é a palavra moderna para chamar fenômeno bem antigo como é o caso da escravidão, mas ambas possuindo o mesmo pano de fundo ou fundamentação que é a base econômica das nações ou culturas.*”

Dois destaques ainda, do Presidente da AULP (1996-1999), Professor Ruy Pauletti, Reitor da Universidade de Caxias do Sul, Brasil, quando disse: “*Reunir quem estuda, investiga, exalta a antiga Língua Portuguesa não pode ser apenas propósito de circunstância ou manifestação simples de boas intenções, pretexto para retóricas inconsequentes que não se concretizam. O imperativo é maior. Tem de ser maior. Quando se convoca gente das Sete Partidas, que pertencem a Sete*

Povos que falam a mesma Língua, não é só o Número Sete que está a convocar-se – mas e, fundamentalmente, é uma chamada ao Saber, mais do que uma chamada ao Poder, na consagração de um Amor Comum que vem do Passado, pratica-se no Presente, mas tem que olhar claramente para o Futuro.” E, também do último Governador de Macau, General Vasco Rocha Vieira, que afirmou: *“Macau é uma oportunidade efectiva, com bases sólidas, certamente para a população que aqui vive, mas também para a China e para Portugal. E se ambas as partes tirarem todas as consequências destes factos – Portugal, mantendo a coesão e a unidade de propósitos com rigor nos comportamentos; a China exercendo o seu papel de grande potência que em breve estará a assumir as responsabilidades de administração de Macau – estarão criadas as condições envolventes que permitirão a Macau cumprir o seu destino.”*

Na sessão de encerramento, o Professor Marco António Rodrigues Dias, Director da Divisão de Ensino Superior da UNESCO, Paris, falou sobre *“O Ensino Superior numa Época de Transformações Radicais”* e entre outros assuntos afirmou *“As conferências (da UNESCO) mostraram que, para estar à altura dos desafios e das necessidades do mundo atual, os estabelecimentos de educação superior devem dar-se conta de que o mundo muda muito rapidamente, que as necessidades, hoje, não são as mesmas de há dez anos, que é necessário mudar os métodos, adaptar as estruturas, encontrar caminhos para aplicar a interdisciplinaridade, saber utilizar as novas tecnologias, responder às necessidades da sociedade, constatar que o profissional que se forma vai trabalhar em uma sociedade em que os Serviços – sistema terciário – são os mais importantes, onde, além de aprender a ser, de aprender a aprender, de aprender a conviver com os outros, como diz o informe Delors sobre a educação no Século XXI, o estudante tem de aprender a tomar iniciativas, como assinala permanentemente Federico Mayor, director-geral da UNESCO.”*

Por último, e a encerrar o VIII Encontro, o Dr. Jorge Rangel, Encarregado do Governo de Macau, enfatizou o seguinte:

“Neste espaço/tempo de acontecimentos e vivências, somos levados a atribuir a estas realidades uma perspectiva futura.

A nossa memória civilizacional, altamente prestigiada no Oriente inspira-nos para novos reencontros com a Europa e com o Mundo, na medida em que soubermos estreitar os laços da longa cadeia de instituições e comunidades lusófonas, que encontraram em Macau um sustentáculo precioso para continuar uma vivência intercultural nesta vasta área, já fortemente apostada na tecnologia e na economia do séc. XXI, mas sempre carente duma mais enriquecedora presença humana que se consegue no convívio com outros povos e culturas.

Ainda que o território apresente desarmonias e contradições provocadas pelo rápido desenvolvimento do espaço urbano, pelo crescimento económico e até

mesmo pela notória influência de Hong Kong, permanecem em Macau valores humanos e culturais que definem um projecto e caracterizam uma missão.



Fig. 5: Cerimónia de Encerramento do VIII Encontro da AULP em Macau, Encarregado do Governo de Macau, Dr. Jorge Rangel, dirigindo-se à audiência.

Este ambicioso projecto, de assumir Macau como ponte de intercâmbio, entre a China e a Europa, entre a Ásia Oriental e o mundo latino, esta multifacetada missão, de perpetuar um estabelecimento mundialmente respeitado e reconhecido, estarão ao nosso alcance se lhe quizermos dedicar não apenas uma reflexão momentânea mas uma disponibilidade para imediata e continuada actuação.

O pioneirismo de intermediários dos portugueses e luso-descendentes pode mais uma vez superar as limitações geográficas. As capacidades de intercomunicação, de tolerância e de adaptação às condicionantes locais, que a comunidade lusófona sempre demonstrou, hão-de criar e desenvolver novos aspectos de intervenção social e ultrapassar inquietações ou incertezas.



Fig. 6: Actas do VIII Encontro da AULP em Macau

Todos quantos vivem neste pedaço do Extremo Oriente, alguns pertencentes a seculares gerações de macaenses, outros representando as novas gerações aqui nascidas ou radicadas, esperam renovar em vós um especial empenhamento neste

desafio cada vez mais envolvente, de continuar a projecção de Macau para além dos limites do seu pequeno território e para além da nossa presença administrativa aqui.

O desenvolvimento duma capacidade dinamizadora dos valores culturais, o intercâmbio de conhecimentos nos mais diversos e potenciais sectores e uma efectiva cooperação entre as instituições, possibilitam-nos partilhar toda a secular riqueza acumulada no património sócio-cultural que temos para oferecer uns aos outros.

Longe fisicamente, mas sempre com Portugal no coração, chegámos ao limiar do novo milénio, depois de quase quatro séculos e meio de continuada presença. Presença que ajudou também a estabelecer e fortalecer o diálogo Ocidente/Oriente, que continua a ser de capital importância para o futuro da própria humanidade.

Sem ignorarmos as dúvidas e inquietações, naturais e legítimas, nos períodos de mudança histórica, cremos que não há grandes razões para se temer o dia de amanhã, se soubermos compreender o futuro que aqui se prepara. Confiamos e vamos prosseguir, com a lucidez, o pragmatismo e a determinação compatíveis com a importância dos desafios que nos são colocados nestes anos derradeiros da Administração Portuguesa, em que se constrói, para funcionar num contexto político-administrativo diferente, o Macau do século XXI.”



Fig. 7: Participantes no VIII Encontro da AULP em Macau.

XIII Encontro da AULP (2003)

O Espaço Lusófono do Ensino Superior e Investigação

Nesta reunião magna da Associação das Universidades de Língua Portuguesa o debate científico centrou-se em torno da constituição do “*Espaço Lusófono do Ensino Superior e Investigação*” nos países que comungam a língua portuguesa.

No Encontro foram igualmente apresentadas reflexões académicas sobre a situação do momento e os desafios inerentes ao futuro do ensino superior na Região Administrativa Especial de Macau, a mobilidade de docentes e de investigadores no espaço lusófono, assim como o ensino da língua portuguesa como língua estrangeira na região da ásia-pacífico.



Fig. 8: Sessão de Boas-Vindas ao Chefe do Executivo da RAEM – Dr. Edmundo Ho.

De salientar entre outros o discurso do Presidente da AULP (2002-2005), Professor João Sebastião Teta, Reitor da Universidade Agostinho Neto, em Luanda, Angola, quando disse na cerimónia de abertura, presidida pelo Secretário dos Assuntos Sociais e Cultura, da Região Administrativa Especial de Macau (R.A.E.M.), Doutor Chui Sai On, no Centro Cultural da Universidade de Macau: *“Os Encontros anuais da AULP são espaços de amizade, de convívio fraterno, de debate de ideias e de concretização de acordos, bi e plurilaterais, de intercâmbio de saberes e de experiências, em ordem ao desenvolvimento da qualidade dos sistemas de ensino superior da Lusofonia e de Macau”, e na conclusão: “Permitam-me, no entanto, antes de concluir, fazer uma breve introspecção sobre algumas reflexões que tenho vindo a fazer sobre o Ensino Superior e a Investigação Científica, uma das áreas que considero de prioridade permanente para este tipo de instituições é o cultivo de valores tendentes ao estabelecimento e consolidação da paz, da reconciliação e da tolerância entre os povos”* (sublinhado dos autores).

Neste Encontro participou o Embaixador João Augusto de Médicis, Secretário-Executivo da CPLP, que destacou o papel das universidades de Língua Portuguesa da seguinte forma: *“A Universidade será, sem dúvida, um importante aliado nesse esforço (de difusão e promoção da língua portuguesa). Muito do que hoje se faz em termos de promoção da língua é mérito e iniciativa autónoma dos meios universitários. Minha esperança é de que tanto nossos*

governos quanto algumas de nossas instituições privadas possam dedicar ainda mais recursos e atenção para esses esforços, ajudando a Universidade a multiplicar suas iniciativas e levar adiante projectos que contribuam para fortalecer internamente e no plano internacional o ensino e o estudo do Português.”



Fig. 9: Cerimónia de Abertura do XIII Encontro da AULP em Macau, Presidente da AULP, Reitor João Sebastião Teta proferindo o seu discurso.



Fig. 10: Cerimónia de Abertura do XIII Encontro da AULP em Macau, Secretário dos Assuntos Sociais e Cultura, Doutor Chui Sai On usando da palavra.

No âmbito do tema sobre “*Ensino Superior na RAEM: Situação Presente e Desafios Futuros*” o Chefe de Gabinete do Secretário para os Assuntos Sociais e Cultura da RAEM, Doutor Alexis Tam, salientou: “*Assim, é necessário e urgente reforçar o intercâmbio do ensino e cooperação tecnológica entre as instituições locais e as instituições de ensino superior e entidades de investigação mais prestigiadas no estrangeiro, nomeadamente - as universidades de Língua Portuguesa aqui representadas - de forma a partilhar saberes e experiências e atingirem-se melhores estádios de desenvolvimento.*” Ao concluir este tema, o Dr. Jorge Rangel, Presidente do Instituto Internacional de Macau, na sua comunicação intitulada “*O Ensino Superior em Macau – Uma Responsabilidade Partilhada*”, disse: “*Compreendendo todo este enquadramento, melhor podemos perceber o*

significado da realização deste XIII Encontro da AULP em Macau. É que, durante todo o período de transição, foi possível ter as nossas instituições públicas do ensino superior intimamente ligadas aos próprios Conselhos de Reitores e Coordenador dos Institutos Politécnicos, além dum envolvimento que sempre se desejou activo no seio da AULP. Após o estabelecimento da RAEM, as ligações mantiveram-se, ainda que com um estatuto necessariamente diferente. Se foi essa a vontade da então Administração Portuguesa de Macau, e também do actual Governo da RAEM, que quer continuar a desenvolver o ambicioso projecto de assumir Macau como ponte de intercâmbio, entre a China e a Europa, entre a Ásia Oriental e o mundo latino, numa multifacetada missão de continuar a projectar Macau para além dos limites do seu pequeno território. O sucesso desta missão dependerá, naturalmente, da capacidade das instituições do ensino superior de Macau e da manutenção dos seus laços de cooperação com as instituições do mundo lusófono.”



Fig. 11: Chefe do Gabinete do S.A.S.C, Doutor Alexis Tam dirigindo-se à audiência.

De destacar também, e já dentro dos temas sobre “*O Espaço Lusófono do Ensino Superior e da Investigação*” e “*Mobilidade no Espaço Lusófono do Ensino Superior e da Investigação: Realidades na União Europeia e na Ásia-Pacífico*” as palestras convidadas, respectivamente, do Professor Pedro Lourtie, do Instituto Superior Técnico, da Universidade Técnica de Lisboa, e do Professor Tilak Viegas, da Direcção-Geral de Investigação Científica, da Comissão Europeia. O Professor Pedro Lourtie falando acerca das “*Pistas para o Desenvolvimento do Espaço Lusófono do Ensino Superior*” afirmou entre outros aspectos o seguinte: “*Um objectivo essencial da AULP é a cooperação entre instituições de ensino superior dos Países Lusófonos. Esta cooperação inclui a promoção da mobilidade de estudantes e docentes, do reconhecimento mútuo de qualificações e da qualidade. (...) O Processo de Bolonha teve início com a Declaração assinada pelos Ministros*

responsáveis pelo ensino superior em Junho de 1999, o que significa que a iniciativa do processo foi política, apesar do papel fundamental que a cooperação institucional tem para o seu sucesso. O Projecto que se propõe que a AULP leve a cabo visa reforçar a cooperação institucional, mas também preparar as condições para o reforço da cooperação política no domínio do ensino superior dos países da CPLP. Partindo o projecto que se propõe de uma plataforma académica, a AULP, e não de uma decisão política, como foi o caso da Declaração de Bolonha, o desenvolvimento é de natureza diferente, mesmo que possam existir objectivos idênticos. (...) O projecto visa a criação de condições para a mobilidade, o reconhecimento mútuo de qualificações e a qualidade das instituições de ensino superior do Espaço Lusófono. Propõe-se organizá-lo em quatro acções: Avaliação da qualidade; Reconhecimento de qualificações; Quadro de qualificações, e Mobilidade de estudantes e diplomados. (...) O que se propõe é um trabalho ambicioso, mas viável desde que se encontrem os recursos indispensáveis. Permitirá uma mais estreita cooperação entre as instituições lusófonas, mas também favorecendo a melhoria da sua qualidade. Levará, ainda, a elaborar propostas a submeter à CPLP, como o desenvolvimento de uma convenção sobre o reconhecimento de qualificações, bem como aos governos nacionais.”



Fig. 12: Comunicação do Professor Pedro Lourtie sobre “Pistas para o Desenvolvimento do Espaço Lusófono do Ensino Superior”.

O Professor Tilak Viegas falou sobre “*Estratégias Universitárias para Competir e Progredir na Sociedade Global do Conhecimento*” e salientou: “*A criação de um Espaço Lusófono do Conhecimento é factível, mas serão necessárias a definição da sua especificidade cultural, económica, e geopolítica e a formulação de uma iniciativa politicamente visível e financeiramente viável. A experiência da UE na promoção multilateral do Espaço Europeu do Conhecimento é provavelmente muito relevante, e um especial relevo deve ser dado à natureza multifacetada e*

multisectorial dum iniciativa deste tipo. Dispôr de uma estratégia e de recursos é crítico, isto implica desenvolver através do diálogo uma Visão Partilhada de médio-longo prazo, seguida por um Plano de Acção Conjunto de curto-médio prazo dotado dos necessários recursos operacionais, quer a nível nacional quer a nível de Universidades individuais.”

Finalmente, na palestra de encerramento, na sua “Alocução em Macau às Universidades de Língua Portuguesa”, o Professor José Augusto Seabra, concluiu: “Nesta nossa época de desassossego global, em que o retorno dos fanatismos, dos fundamentalismos, e dos terrorismos de toda a ordem impende sobre a nossa condição planetária, saibamos ser de novo, através da nossa “portuguesa língua”, interlocutores de um polígolo de civilizações, culturas e religiões, como o fomos nesta “Cidade do Nome de Deus”, que Camilo Pessanha considerava “o mais remoto padrão da estupenda actividade portuguesa no Oriente”, de que a “Gruta de Camões” é o símbolo por excelência. Símbolo de uma língua que se tornou uma pátria de tantas pátrias quantas são as nossas, de tal modo que poderíamos dizer, parafraseando uma vez mais Pessoa: “Nossa pátria é a língua portuguesa”.”



Fig. 13: Sessão de Encerramento com o Prof. José Augusto Seabra.

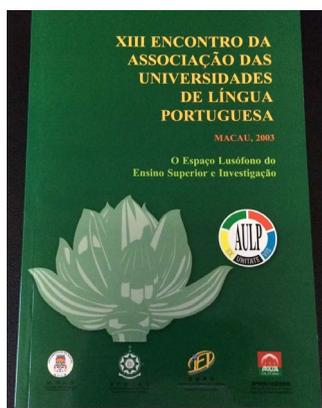


Fig. 14: Actas do XIII Encontro da AULP em Macau.

XVI Encontro da AULP (2006) [20 Anos]

Organização do Espaço de Ensino Superior e Investigação dos Países de Língua Portuguesa

O XVI Encontro Anual da AULP, organizado pela primeira vez conjuntamente pela Universidade de Macau, Instituto Politécnico de Macau e Instituto de Formação Turística, com a colaboração igualmente do Instituto Internacional de Macau, teve lugar nas instalações das 4 instituições locais, no ano em que se comemoraram igualmente os 20 Anos da Associação (1986-2006).



Fig. 15: Cerimónia de Abertura do XVI Encontro da AULP, Macau (Foto de Grupo).

Neste Encontro abordou-se como tema principal: “*Organização do Espaço de Ensino Superior e Investigação dos Países de Língua Portuguesa*”, e para além duma reflexão sobre esse espaço lusófono do ensino superior e de investigação, temáticas como a situação da língua portuguesa no mundo, o multiculturalismo e

a cooperação económica, bem como a problemática do ensino superior, a investigação, a mobilidade de docentes e alunos foram objecto de discussão pública entre as universidades que comungam a língua portuguesa. Paralelamente ao XVI Encontro da AULP realizou-se também o Fórum para a Cooperação Económica entre a China, Macau e os Países de Língua Portuguesa com o intuito de estreitar os laços de cooperação entre a China e o espaço lusófono.

Na cerimónia de abertura, o Professor Iu Vai Pan, Reitor da Universidade de Macau, destacou: *“As características locais da nossa Cidade onde o Oriente encontra o Ocidente desde há mais de 4 séculos podem contribuir de forma importante para o desenvolvimento e manutenção do Espaço de Ensino Superior e Investigação dos Países de Língua Portuguesa através da experiência das nossas jovens, mas já bem consolidadas instituições, e nomeadamente através da possível expansão das possibilidades de cooperação com uma “Super-Potência” económica emergente como a China (continental), para além da Região Administrativa Especial de Hong Kong e também Taiwan. Essa é uma das razões principais pela qual decidimos também incluir no programa deste encontro uma sessão em que se apresentam a estratégia e os planos do Fórum para a Cooperação Económica entre a China, Macau e os Países de Língua Portuguesa recentemente criado pelo Governo da RAEM com o apoio da China. Para além disso, será igualmente apresentada na mesma sessão uma comunicação por um representante da Academia de Ciências Sociais da China (CASS), vindo directamente de Pequim, e que irá referir o elevado interesse da China em fortalecer a cooperação com instituições académicas e de investigação dos Países de Língua Portuguesa. Na presença de todos estes ingredientes estou certo que o XVI Encontro da AULP será bastante dinâmico e interessante.”* Por outro lado, na mesma cerimónia, o Presidente da AULP (2005-2008), Professor João Guerreiro, Reitor da Universidade do Algarve, agradeceu as presenças no Encontro da Ministra da Educação de Cabo Verde, Filomena Martins, do Ministro da Educação e Cultura de Moçambique, Alcido Nguenha, do Ministro da Educação e do Ensino Superior do Brasil, Fernando Haddad, do Vice-Ministro para o Ensino Superior de Angola, Adão Nascimento, e ainda a comunicação em vídeo do Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Portugal, José Mariano Gago. Apresentou os seus agradecimentos igualmente ao Embaixador Luís Fonseca, Secretário-Executivo da CPLP. Referiu ainda: *“A AULP estabeleceu, há cerca de 6 anos, um Protocolo de Cooperação com a CPLP, o que abriu e abre as portas para o reforço das suas relações. Foi ainda no quadro da CPLP que foi oportunamente criado um Grupo de Seguimento do Ensino Superior, no qual a AULP está igualmente representada. Trata-se, por isso, de reforçar essas relações e de definir uma nova agenda que permita, no âmbito da diversidade em que se movimentam as estruturas de ensino superior dos nossos países, contribuir para*

essa aproximação que gradualmente teremos de conseguir. (...) Posso anunciar que o Conselho de Administração da AULP decidiu, na sua reunião de ontem à tarde, apresentar uma candidatura para ter acesso ao estatuto de Observador Consultivo da CPLP, proposta esta que o Senhor Secretário Executivo da CPLP já prometeu que levaria à próxima cimeira desta Comunidade que se realiza no próximo mês de Julho, em Bissau.”



Fig. 16: Presidente da AULP, Professor João Guerreiro, Ministro para o Ensino Superior de Angola, Professor Adão Nascimento e Professor Rui Martins.

Na sequência das suas intervenções em Encontros anteriores o Professor Pedro Lourtie apresentou uma comunicação sob o título: “*O Processo de Bolonha e Propostas para a Organização do Espaço Lusófono do Ensino Superior (ELES) e Investigação nos Países de Língua Portuguesa*”, referindo nomeadamente as semelhanças entre um possível ELES e o actual Espaço Europeu do Ensino Superior (EEES), assim como apresentou uma proposta de reformulação do projecto ELES, o qual pretendia viabilizar o seu desenvolvimento e a sua articulação com a Declaração de Fortaleza, de 26 de Maio de 2004, que visa a criação do Espaço de Ensino Superior da CPLP.

Uma comunicação significativa foi a do Prof. António Simões Lopes, anterior Reitor da Universidade Técnica, e um dos Reitores-Fundadores da AULP, em 1986, na Cidade da Praia, em Cabo-Verde, que se referiu à “*Língua Portuguesa, Multiculturalismo e Cooperação Económica*”, tendo afirmado, por exemplo: “*É importante realçar, em particular, o potencial das relações internas ao espaço lusófono. Tendo em conta o relacionamento histórico particular entre Portugal e o Brasil e a evolução recente das relações económicas entre os dois países é de esperar que resida aqui uma base para a construção de um novo relacionamento estratégico entre a União Europeia e o Mercosul. Neste contexto ganha todo o sentido a criação de um eixo privilegiado de cooperação económica e política entre Portugal e o Brasil que aproveite o posicionamento de cada país no respectivo*

espaço regional e constitua uma plataforma comum de afirmação na dinâmica de integração global. Este eixo poderá, inclusive, constituir os alicerces de uma comunidade económica e política mais ampla que integre os outros países lusófonos.

A Comunidade de Países de Língua Portuguesa poderá desempenhar nesta perspectiva um papel pioneiro na criação de um espaço de integração económica e política global que permita aos países que a integram transcenderem-se nas suas limitações, ganharem uma importância acrescida nos seus próprios espaços regionais de integração, e ao mesmo tempo contribuírem para um reforço da projecção comum destes espaços nas dinâmicas globais de integração que hoje se afirmam. Os economistas de língua portuguesa têm vindo a encontrar-se com frequência e a discutir os processos de interacção mais válidos na linha da cooperação com vista ao desenvolvimento. Outros profissionais o têm feito. Talvez valha a pena a AULP documentar-se sobre a sua acção, avaliando-a e, quando justificado, apoiando-a.

Nenhuma dúvida sobre a enorme importância da matéria da cooperação económica, compreendendo-se bem que a organização deste Encontro a tenha colocado entre os temas a tratar. Como disse antes, a língua e as culturas estão na essência dos processos de desenvolvimento; da Economia espera-se que a façamos útil para ser credível; que se assuma também como sustentáculo desse mesmo desenvolvimento, particularmente quando é necessária – e é-o em todos os “quadrantes” lusófonos – a melhoria das condições materiais de vida.

A AULP não enjeitará nenhum esforço, directo e indirecto, estou certo, no sentido de contribuir para o desenvolvimento, também económico, da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.”



Fig. 17: Reuniões do Conselho de Administração da AULP (esquerda) presidida pelo Professor João Guerreiro, Reitor da Universidade do Algarve, e do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (direita) presidida pelo Professor Lopes da Silva, Reitor da Universidade Técnica de Lisboa.

De salientar ainda a intervenção do Dr. António Horta Osório, Presidente do Banco Santander Totta, que no final do Encontro apresentou o “*Portal Univer-sia: um Instrumento de Afirmação das Universidades e da Língua Portuguesa no Mundo Global*”.

No âmbito do Encontro realizou-se ainda na Universidade de Macau o primeiro doutoramento em Língua Portuguesa de uma docente bilingue (Português-Chinês), Leong Cheok I, que defendeu uma tese com o título: “*A Aspectualidade na Tradução das Frases do Chinês para o Português*”, tendo o Júri sido presidido pelo Professor Rui Martins, Vice-Reitor da UM, e composto igualmente por Professores participantes no Encontro da AULP, nomeadamente, Professor Malaca Casteleiro (orientador), da Universidade de Lisboa, Portugal, Professor José Carlos Pais de Almeida Filho, da UNICAMP, Brasil, Professor Alan Baxter, da *Flynder’s University*, Austrália, Professora Maria José Grosso, Universidade de Lisboa, Professor Cheng Ting Au, da City University de Hong Kong, e ainda a Professora Maria Antónia Espadinha, Directora do Departamento de Português, da Universidade de Macau.

Igualmente de referir uma sessão no Instituto Internacional de Macau (IIM) onde foi feita uma evocação do Professor Agostinho da Silva, uma apresentação sobre o antigo dialecto de Macau: O Patuá, e também atribuído o “Prémio Identidade” à Universidade de Macau, entregue pelo Presidente do IIM, Dr. Jorge Rangel, ao Reitor da UM, Professor Iu Vai Pan.



Fig. 18: Primeiro Doutoramento de uma Docente Bilingue (Português-Chinês), em Língua Portuguesa, no Departamento de Português da UM – Leong Cheok I.

Prémio Fernão Mendes Pinto baseado num financiamento da Fundação Macau

Durante o Encontro foi possível concretizar um apoio financeiro da Fundação Macau à AULP, que teve por objectivo apoiar diversas actividades da Associação, e permitiu igualmente atribuir anualmente um prémio denominado *Fernão*

Mendes Pinto (aventureiro e explorador português autor da “*Peregrinação*” e que passou parte da sua vida no Oriente, participando numa das primeiras expedições portuguesas ao Japão no século XVI) para galardoar uma dissertação de mestrado ou doutoramento que contribua para a aproximação das comunidades de língua portuguesa, defendida durante o ano civil anterior. O valor do *Prémio Fernão Mendes Pinto* é de 8.000€ (oito mil euros) a atribuir numa parceria conjunta entre a AULP e a CPLP ao autor premiado e cuja publicação será da responsabilidade do Instituto Camões. Após um começo tímido em 2008 em que havia poucas candidaturas ao prémio, ainda mal conhecido, este tem vindo a afirmar-se e com sucesso já ao longo de 9 edições (2008-2016) candidatando-se neste momento por ano várias dezenas de teses dos diversos países de língua portuguesa.



Fig. 19: Prémio Fernão Mendes Pinto (2008-2016).

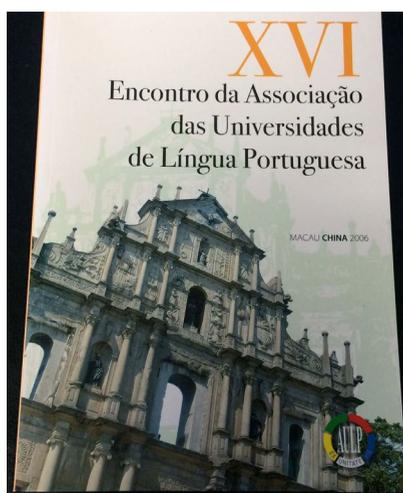


Fig. 20: Actas do XVI Encontro da AULP em Macau.

XX Encontro da AULP (2010)

A China, Macau e os Países de Língua Portuguesa

O XX Encontro Anual da AULP, organizado pela quarta vez em Macau, teve pela segunda vez uma colaboração conjunta da Universidade de Macau, do Instituto Politécnico de Macau, do Instituto de Formação Turística, e também do Instituto Internacional de Macau, realizando-se alternadamente nas instalações das 4 instituições locais, e tendo sido subordinado ao tema: “*A China, Macau e os Países de Língua Portuguesa*”, realizado em Macau em 2010.

Com especial relevância sobre as ligações multilaterais entre a China, Macau e os Países de Língua Portuguesa foram analisadas as relações económicas e comerciais nas diversas vertentes de cooperação. Alguns dos desafios do mundo lusófono foram perspectivados através dos problemas da saúde pública, agricultura, alimentação, ou ainda, do ambiente e dos recursos hídricos, ponto da nossa agenda comum. Nas sessões dedicadas à Língua Portuguesa abordaram-se as dificuldades relacionadas com a sua internacionalização, tradução, interpretação e os reflexos normativos nos sistemas jurídicos de matriz comum aos Países de Língua Portuguesa. No final, numa sessão dedicada às redes de cooperação no Ensino Superior, convidaram-se os membros da AULP a apresentarem os seus programas porquanto estiveram presentes, como convidados da Universidade de Macau, algumas das nossas congéneres da República Popular da China e Taiwan.



Fig. 21: Cerimónia de Abertura do XX Encontro da AULP, Macau (Foto de Grupo).

Entre as comunicações a destacar refira-se a intervenção na cerimónia de abertura do Prof. Rui Martins, Vice-Reitor da Universidade de Macau, e Vice-Presidente da AULP, Presidente da Comissão Organizadora Local, em representação do Reitor da UM, que salientou: “*Gostaria de fazer uma breve referência a uma importante efeméride que se comemora este ano, e relacionada com o início dos estudos superiores em Macau, lançados pelo Colégio de São Paulo. Nesse tempo,*

para além das áreas de estudo tradicionais, já referidas, foi também prestada atenção, de forma pioneira, ao estudo das línguas locais, o que conduziu ao expoente mais elevado de miscigenação de culturas alcançado com o primeiro Dicionário de Português-Chinês, produzido, em 1588, por dois académicos eruditos – Matteo Ricci e Michele Ruggieri – justamente considerados os primeiros Sinólogos Europeus. O dicionário é o primeiro que exhibe a pronúncia dos caracteres Chineses no alfabeto Latino. É pois, precisamente neste ano de 2010, que se comemora o IV Centenário da Morte de Matteo Ricci, ao qual devemos prestar uma merecida homenagem. É por isso também, que a Universidade de Macau sugeriu, e a AULP apoiou desde a primeira hora, que fosse lançada uma publicação, originada no âmbito de um projecto interno de investigação iniciado em 1998, e intitulado Dicionário Temático de Macau – DITEMA, o qual compreenderá 4 volumes com cerca de mil páginas, cujo primeiro volume será distribuído amanhã, gratuitamente, aos participantes neste Encontro, sendo a edição patrocinada simbolicamente pela AULP.”

Por outro lado, são de mencionar ainda a intervenção do Secretário para os Assuntos Sociais e Cultura da RAEM, Dr. Cheong U, que reforçou: *“Este XX Encontro da AULP subordinado ao tema A China, Macau e os Países de Língua Portuguesa, revela-se da maior importância para a região, tendo em conta uma das funções superiormente acordadas entre a República Popular da China e o Governo da RAEM, no âmbito da fórmula “Um País, Dois Sistemas”, através da qual a RAEM foi estabelecida como uma plataforma para a cooperação entre a China e os referidos Países.”* Do Presidente da AULP (2008-2011), Professor Clélio Campolina Diniz, Reitor da Universidade Federal de Minas Gerais, que disse entre coisas: *“Há algo de simbólico no fato de que nosso Encontro tenha início hoje, num dia 7 de Setembro, a data em que se comemora a independência do Brasil. Há também algo de muito expressivo e significativo no fato de que este Encontro se realize aqui, em Macau, pioneiro e permanente ponto de encontro entre Ocidente e Oriente. Esta data e este local são, portanto, emblemáticos pelo que evocam a respeito de nosso passado e da trajetória histórica que une nossos países e culturas. Mesmo com a reintegração de Macau à República Popular da China como Região Administrativa Especial, a herança cultural e a manutenção do português como língua oficial garantem a lusofonia como uma das expressões relevantes do mundo globalizado. Como sabemos, esta história, cujas origens remontam ao século XV, fez surgir em torno de Lisboa uma articulação de dimensões globais, que se estendeu do Brasil, no Novo Mundo, aos entrepostos em Macau e no Japão, no extremo oriente, passando pela África e pela Índia.”* E, ainda, do Secretário-Executivo da CPLP, Eng. Domingos Simões Pereira, que referiu: *“Sendo a minha primeira chegada a estas terras, tenho a consciência de vir com muitos séculos de atraso, mas estou muito alegre por finalmente fazer*

também “a minha descoberta” deste oriente muitas vezes tido como extremo mas afinal tão familiar, tão nosso, uma expressão inequívoca de uma confluência de culturas plurais e integradoras a que todos temos o orgulho de pertencer. Neste particular e, antes de mais, a minha vénia à visão clarividente de mulheres e homens de Portugal e da China que, no momento certo, usaram das suas competências de decisão para preservar esta relíquia da humanidade e permitir que hoje, dez anos depois da transferência de poderes todos continuemos a beneficiar desta proximidade e afecto.”

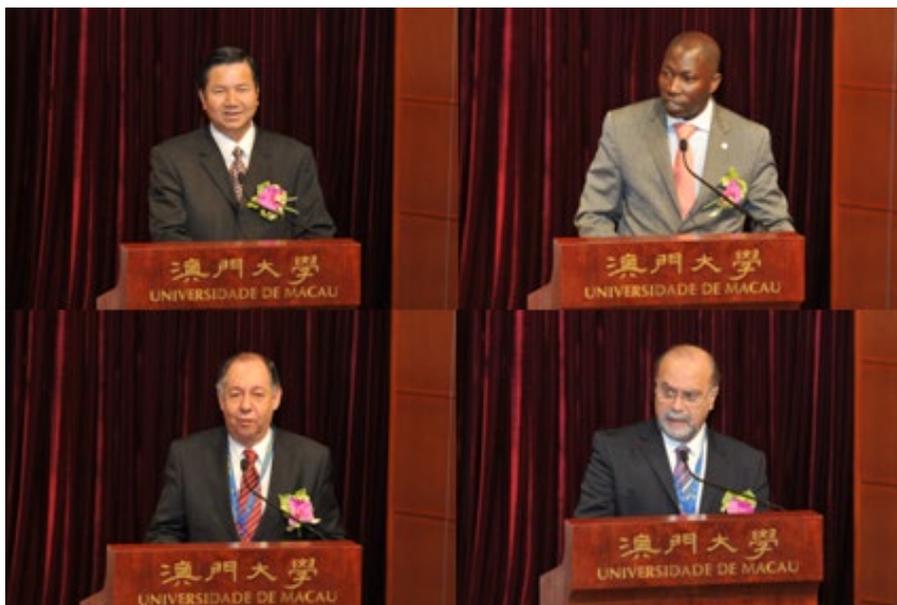


Fig. 22: Comunicações - do Secretário para os Assuntos Sociais e Cultura da RAEM, Dr. Cheong U (esquerda topo), do Secretário-Executivo da CPLP, Eng. Domingos Simões Pereira (direita topo), do Presidente da AULP, Professor Clélio Campolina Diniz (esquerda em baixo), e do Professor Rui Martins, Vice-Reitor da UM, Presidente da Comissão Organizadora Local, em representação do Reitor, Professor Wei Zhao.



Fig. 23: Reuniões do Conselho de Administração da AULP (esquerda) presidida pelo Professor Clélio Campolina Diniz, Reitor da Universidade Federal de Minas Gerais, e do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (direita) presidida pelo Professor António Rendas, Reitor da Universidade Nova de Lisboa.

Paralelamente ao Encontro, realizaram-se actividades de índole cultural nomeadamente a actuação da Tuna Académica da Faculdade de Medicina da

Universidade do Porto, a mostra de edições da AULP e o lançamento da edição comemorativa *DITEMA – Dicionário Temático de Macau, Volume I*, uma obra editada pelo Departamento de Português, da Universidade de Macau. A visita turística à RAEM e ainda facultativamente à Exposição Universal de Xangai – China 2010 – “*Melhores Cidades, Maior Qualidade de Vida*”, constaram igualmente do programa.



Fig. 24: Actuação da Tuna Académica da Faculdade de Medicina, Universidade do Porto.



Fig. 25: Lançamento do *DITEMA – Dicionário Temático de Macau, Volume I*. [Obra comemorativa do XX Encontro da AULP - A obra completa em 4 Volumes, com mais de 1000 artigos e 1600 páginas foi concluída em Junho de 2012 e oferecida pela Universidade de Macau a dezenas de Universidades membros da AULP e às Bibliotecas Nacionais dos Países de Língua Portuguesa].

Finalmente, uma referência às comunicações convidadas dos 5 temas do Encontro, em especial: no *Tema I – Economia Comércio e Desenvolvimento*, a do Professor Roberto Monte-Mór, da Universidade Federal de Minas Gerais, do Brasil, sobre “*Cidades, Metrópoles e a centralidade do Urbano no mundo contemporâneo*”; no *Tema II – Problemáticas da Língua Portuguesa no Mundo*, a da Professora Simonetta Luz Afonso, da Universidade de Lisboa, sobre “*O Interesse pela Aprendizagem das Línguas e as suas Circunstâncias*”:

O Caso da Língua Portuguesa”; no Tema III – *Unidade Linguística e Pluralidade Normativa*, a do Professor Eduardo Marçal Grilo, da Fundação Calouste Gulbenkian, sobre “*O Contributo da Fundação Calouste Gulbenkian para a Divulgação da Língua Portuguesa*”; no Tema IV – *Alguns Desafios do Mundo Lusófono*, a dos Professores Tito Fernandes e Jorge Ferrão, da Universidade do Lúrio, em Moçambique, sobre “*Direito à Alimentação: Desafio Global, Fome e Pobreza: Escândalos Que Duram Há Demasiado Tempo!*”; e, no Tema V – *As Redes de Cooperação no Ensino Superior*, a do Professor Arantes e Oliveira, da Universidade Nova de Lisboa, sobre “*Portugal. Redes de Cooperação Científica e Tecnológica: O Exemplo deixado pelo Programa Científico da NATO*”.



Fig. 26: Actas do XX Encontro da AULP em Macau.

XXIV Encontro da AULP (2014)

A Importância da Difusão das Línguas Portuguesa e Chinesa para a Colaboração Académica no Ensino Superior e Promoção do Turismo

O XXIV Encontro Anual da AULP, organizado pela quinta vez em Macau, teve pela terceira vez a colaboração conjunta da Universidade de Macau, do Instituto Politécnico de Macau, do Instituto de Formação Turística, e também do Instituto Internacional de Macau, realizando-se alternadamente nas instalações das 4 instituições locais, e tendo sido subordinado desta vez ao tema: “*A importância da divulgação das línguas portuguesa e chinesa para a colaboração académica no ensino superior e promoção do Turismo*”. Como referiu, na cerimónia de abertura do Encontro, o Presidente da AULP (2011-2014), Professor Jorge Ferrão, Reitor da Universidade do Lúrio, Moçambique: “*Macau ocupa um papel de inegável relevo e importância histórica no milenar diálogo civilizacional entre o oriente e o ocidente e hoje, também, com o continente africano. Portanto, esse papel não se resume ao passado, mas e fundamentalmente, ao presente e ao*

futuro. O futuro deste pequeno pedaço de terra continuará sendo ponto de referência incontornável e uma verdadeira plataforma que promove as nossas relações culturais, religiosas, científicas, comerciais e diplomáticas, sobretudo entre o espaço de expressão portuguesa e a Grande China. O XXIV Encontro Anual da AULP realizou-se ainda num contexto de profundas e rápidas alterações dos cenários políticos e económicos regionais e globais. A China e Macau têm sido parte integrante desta cooperação e mudanças. Se por um lado se abriram novas e promissoras perspectivas de prosperidade, crescimento económico, democracia e paz, por outro, continuamos enfrentando grandes desafios e ameaças. Estes os tempos de mudança que ampliam a integração entre os povos, encurtam distâncias e aproximam as línguas e culturas. Reunimo-nos, então, em torno do tema “A importância da divulgação das línguas portuguesa e chinesa para a colaboração académica no ensino superior e promoção do Turismo”.



Fig. 27: Cerimônia de Abertura do XXIV Encontro da AULP, em Macau, Presidente da AULP, Professor Jorge Ferrão, entrega uma oferta ao Secretário dos Assuntos Sociais e Cultura da RAEM, Dr. Cheong U.

Macau tem jogado um papel importante neste processo, sobretudo por facilitar os contactos e os investimentos da China, principalmente, nos países africanos de expressão oficial portuguesa. O sonho de construção de sociedades mais justas, equitativas e de progresso social transforma-se, gradualmente, em realidade. Temos vindo a minimizar as diferenças entre os nossos países atingindo níveis minimamente aceitáveis no contexto do desenvolvimento educacional, cultural, artístico, económico e social. Porém, continuamos distantes do ótimo. No meu país costuma-se dizer que ninguém sobe nenhuma árvore com as mãos nos bolsos. Esta a analogia que terá de tipificar o nosso percurso. Vamos, de forma solidária, retirar essas mãos dos bolsos se quisermos ver os nossos países num patamar ainda melhor. Em mais este Encontro Anual da AULP, deveremos

debater as condições de base para o desenvolvimento da formação e capacitação dos actuais quadros, da emergência das principais áreas de pesquisa comuns, procurando novas formas de cooperação internacional académica, científica, tecnológica, artística e criativa, novos modelos de desenvolvimento não necessariamente baseados no crescimento económico, identificando novos actores, discutindo o impacto e as realidades sociais de cada país e até região.”

Outras intervenções incluíram, a do Reitor da Universidade de Macau, Professor Wei Zhao, em nome da Comissão Organizadora Local, que referiu por exemplo: *“Este ano, existe igualmente uma particularidade interessante, pois estamos aqui reunidos no novo campus da Universidade de Macau, poucos dias depois de se ter iniciado o primeiro ano lectivo neste novo local, na ilha da Montanha (Hengqin), que marca o início de uma nova fase do ensino superior local, o qual assume uma nova dimensão, regional e internacional. Este XXIV Encontro, que se prevê ser bastante participado, uma vez que estão inscritos cerca de 200 delegados de 10 países e regiões. Por outro lado, o programa da conferência académica tem como assunto principal “A Importância da Difusão das Línguas Portuguesa e Chinesa para a Colaboração Académica no Ensino Superior e Promoção do Turismo”, o qual está organizado em 4 Temas definidos nas áreas das Redes de Ensino Superior; Português, uma Língua com Futuro?; Difusão da Língua e Promoções Turística e Comercial; e finalmente Da Internacionalização à Integração. Convém salientar que temos a honra de contar com a presença de oradores convidados de renome, do espaço da Língua Portuguesa, nomeadamente, o Sr. Ministro do Ensino Superior, Ciência e Inovação de Cabo Verde, Prof. António Correia e Silva, e o Sr. Secretário de Estado da Ciência e Tecnologia de Angola, Prof. João Teta.”* Do Secretário dos Assuntos Sociais e Cultura da RAEM, Dr. Cheong U, que mencionou: *“No ano passado, Macau registou mais de 29 milhões de visitantes, ocupando, de acordo com as informações da Organização Mundial do Turismo, o 20.o lugar no ranking mundial e o 5o lugar a nível da região Ásia-Pacífico. Neste contexto, Macau continuará a promover o desenvolvimento do turismo, destacando-se, entre outras medidas, a sua activa participação nas iniciativas internacionais e regionais, em ordem a alcançar o objectivo previsto no Décimo Segundo Plano Quinquenal do Estado, no sentido de se tornar um centro mundial de turismo e lazer, e diversificar a economia local. Por outro lado, os países lusófonos têm diferentes monumentos, tradições, usos e costumes e estes países são também muito visitados pelos turistas. O presente encontro da AULP, intitulado “A importância da Difusão das Línguas Portuguesa e Chinesa para a Colaboração Académica no Ensino Superior e Promoção do Turismo”, proporciona uma ocasião de excelência para debater o desenvolvimento do turismo de Macau e dos países de língua portuguesa. Acredito que o encontro deste ano será inspirador e benéfico para a promoção do turismo de todas as partes envolvidas.”*



Fig. 28: Cerimónia de Abertura do XXIV Encontro da AULP, Macau (Foto de Grupo).



Fig. 29: Comunicações - Reitor da Universidade de Macau, Professor Wei Zhao (esquerda) e Secretário para os Assuntos Sociais e Cultura da RAEM, Dr. Cheong U.

Houve ainda duas mensagens de abertura apresentadas em vídeo pelo Ministro da Educação e Ciência de Portugal, Professor Nuno Crato, que salientou: “*O papel das Instituições de Ensino Superior tem sido fundamental para o intercâmbio de estudantes portugueses e chineses, para dar a conhecer a língua portuguesa no mundo, e para dar a conhecer o mandarim aos portugueses. (...) O ensino do português na China tem uma longa história, e tem um longo desenvolvimento, e eu estou certo que este encontro, hoje, será mais um passo em frente na colaboração entre os dois povos, na difusão das duas línguas, mas, permitam-me que o diga, tenho particular gosto na difusão da língua portuguesa no mundo.*” E, pelo Ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação do Brasil, Professor Clélio Campolina Diniz, que disse: “*Senhoras e senhores, nos últimos anos o Brasil viveu grandes transformações e importantes avanços nas áreas da educação, da ciência e da tecnologia. Conseguimos criar condições mais promissoras para*

sedimentar um novo ciclo de desenvolvimento que combine crescimento económico, justiça social, redução das desigualdades regionais e uma melhor inserção na ordem global. Essas mudanças foram resultado de inúmeras iniciativas: entre outras medidas, pode ser citada a melhoria da qualidade, a expansão e a democratização do sistema universitário brasileiro, bem como a sua crescente internacionalização. (...) No que se refere aos países africanos propriamente ditos, podemos citar os programas de bolsas de estudo para alunos de graduação e pós-graduação, bem como mobilidade, e o Programa Internacional de Apoio à Pesquisa, ao Ensino e a Extensão – o PIAPEE – que foi uma promoção da AULP em conjunto com a CAPES, que até agora já permitiu a aprovação de 52 projectos entre universidades brasileiras e africanas.”

De referir igualmente as comunicações convidadas ou principais dos 5 temas do Encontro, em especial: no *Tema I – Redes de Ensino Superior*, a do Professor Sebastião Teta, Secretário de Estado da Ciência e Tecnologia, de Angola, sobre “*A Reforma do Ensino Superior em Angola: Constrangimentos, Oportunidades e Desafios*”; no *Tema II – Português, uma Língua com Futuro?*, a do Professor António Correia e Silva, Ministro do Ensino Superior, Ciência e Inovação, de Cabo Verde, sobre “*Entre Herança e Inovação: Valorizando a Língua Portuguesa*”; no *Tema III – Difusão da Língua e Promoções Turística e Comercial*, a do Professor Peregrino da Costa, Reitor da Universidade de São Tomé e Príncipe, sobre “*Promoção das línguas portuguesa e chinesa enquanto instrumento de afeito ao serviço do desenvolvimento económico e sociocultural: o caso de São Tomé e Príncipe*”; no *Tema IV – Da Internacionalização à Integração*, a do Professor António Feijó, Vice-Reitor da Universidade de Lisboa, sobre “*Poderá a Cultura ser dissociável da Economia?*”; e, na habitual sessão no IIM sob o título - IIM, China e Brasil, a do Dr. Jorge Rangel, Presidente do IIM, sobre “*O Instituto Internacional de Macau como Instrumento privilegiado de Cooperação Académica e Cultural*”.

O Encontro incluiu ainda o lançamento da obra comemorativa do Encontro “*A Misericórdia de Macau (Séculos XVI a XIX) Irmandade, Poder e Caridade na Idade do Comércio*”, com o trabalho da Tese de Doutoramento da Professora Lenor Seabra, do Departamento de Português da UM, numa edição conjunta UM / Universidade do Porto (onde se realizou o Doutoramento em 2007) publicada em 2011. A atribuição dos Prémios Fernão Mendes Pinto de 2011, 2012 e 2013, respectivamente a: Cármen Liliana Ferreira Maciel, com a tese “*A Construção da Comunidade Lusófona a partir do Antigo Centro – Micro-Comunidades e Práticas da Lusofonia*”, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, a Pedro Manuel Rodrigues da Silva Madeira Góis, com a tese “*A Construção secular de uma identidade étnica transnacional: a cabo-verdianidade*”, da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, e a Odair

Bartolomeu Barros Lopes Varela, com a tese “*Mestiçagem Jurídica? O Estado e a Participação Local na Justiça em Cabo Verde: uma análise pós-colonial*”, da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. E, por último as actuações do Côro e da Orquestra dos Alunos da Universidade de Macau.



Fig. 30: Obra Comemorativa, Prémio Fernão Mendes Pinto e Orquestra e Côro da UM.

Por último, na sessão de encerramento do XXIV Encontro da AULP, o Prof. Rui Martins, Vice-Reitor da UM, salientou: “*Chega ao fim mais um Encontro Anual da AULP, realizado com sucesso pela 5ª vez em Macau, após as edições anteriores de 1998, 2003, 2006 e 2010, o qual veio salientar mais uma vez as boas relações existentes entre as 3 principais instituições de ensino superior público da Região Administrativa Especial de Macau, nomeadamente a Universidade de Macau, o Instituto Politécnico de Macau e o Instituto de Formação Turística, que organizaram conjuntamente essas 5 edições. Subordinado ao tema geral “A importância da Difusão das Línguas Portuguesa e Chinesa para a Colaboração Académica no Ensino Superior e Promoção do Turismo”, este Encontro revelou a grande pujança da língua Portuguesa no Mundo, mas em particular na Grande China, onde o ensino da mesma passou recentemente a ser oferecido em 12 universidades, espalhadas por todo o país, ao contrário do que acontecia em 2003, quando o mesmo apenas se efectuava em Pequim e Xangai. Esta grande expansão do ensino do Português deve-se essencialmente à estratégia definida pelo Governo Chinês de intensificar a cooperação com os Países de Língua Portuguesa, nomeadamente*

através da plataforma que é Macau, o que abre novas oportunidades de futuro a quem domine bem esta mesma Língua. Este Encontro serviu igualmente para reforçar os laços existentes entre todas as universidades participantes, através da apresentação e análise de diversas comunicações e potenciais projectos de cooperação que irão permitir intensificar ainda mais as boas relações existentes entre as nossas instituições de ensino superior, espalhadas por todo o Mundo. Foi igualmente com enorme prazer que em nome da Universidade de Macau, assumimos a Presidência da AULP para o triénio 2014-2017, após a votação por unanimidade na Assembleia Geral, que se realizou também na sequência do Conselho de Administração, que revelou uma grande unidade no interior da Associação. A Universidade de Macau tem estado sempre na vanguarda do apoio à AULP, e ocupou uma das Vice-Presidências (para a Ásia) desde 2005, sendo a nossa responsabilidade agora acrescida. Recentemente, incentivámos igualmente a AULP a apresentar um projecto à Fundação Macau, com o objectivo de apoiar os estudantes bolsiros da CPLP e da RAEM. Este financiamento visa que a Associação crie uma residência para estudantes e bolsiros das instituições membros e disponha de meios para desenvolver a sua actividade, e creio que o mesmo será disponibilizado em breve, facilitando o financiamento da actividade da Associação.”



Fig. 31: Sessão de Encerramento do XXIV Encontro da AULP em Macau.



Fig. 32: Reunião do Conselho de Administração da AULP durante o XXIV Encontro, presidido pelo Professor Jorge Ferrão.

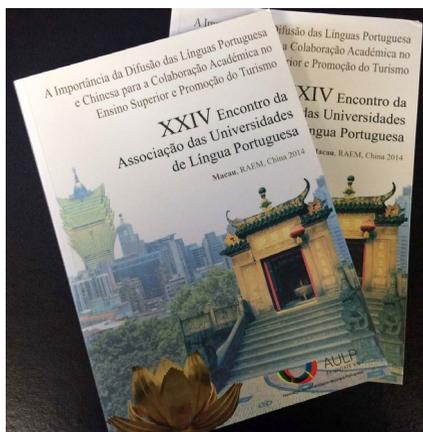


Fig. 33: Actas do XXIV Encontro da AULP em Macau.



Fig. 34: Visita dos Participantes à Biblioteca da UM (com calçada à Portuguesa no pátio frontal), no novo campus de Hengqin.



Fig. 35: Apresentação da Universidade Nacional de Timor Lorosa'e, através do Reitor, Professor Francisco Martins, após a sessão de encerramento, com a promessa de que a AULP iria a Timor-Leste, em breve [Promessa já cumprida em 2016 com a realização em Díli do XXVI Encontro Anual da AULP].

O Português na RAEM

A UM comemora os seus 35 anos de existência em 2016 e organiza igualmente o 30º Curso de Verão de Língua Portuguesa, organizado pelo seu Departamento de Português (sendo o maior e mais bem qualificado academicamente fora de Portugal e do Brasil, e sem dúvida o maior e melhor em toda a Ásia), que oferece igualmente a Licenciatura, o Mestrado e o Doutoramento em Língua Portuguesa. O curso que é cada vez mais popular na Ásia irá decorrer entre os dias 18 de Julho e 5 de Agosto de 2016. A Professora Hong Gang Jin, Directora da Faculdade de Letras, refere que o curso tem como objectivo ajudar os alunos a tornarem-se cidadãos globais através do desenvolvimento das quatro competências essenciais, a saber: comunicação, colaboração, pensamento crítico e criatividade.



Fig. 36: Cerimónia de Abertura do Curso de Verão de Língua e Cultura Portuguesa na UM – 30 Anos. Da esquerda para a direita, Prof. Hong Gang Jin, Prof. Rui Martins, Prof. Maria Fernanda Costa, Directora do Departamento de Português e Prof. Ricardo Moutinho, da Comissão Organizadora do Curso.

O Vice-Reitor (Investigação), Professor Rui Martins, deu as boas-vindas aos participantes vindos de todo o mundo, mencionando no seu discurso de abertura que nos últimos 30 anos, têm sido cultivados pelo Departamento de Português da UM muitos alunos competentes na língua de Camões. O Curso de Verão de Língua Portuguesa visa a promoção e divulgação da Língua e Cultura Portuguesa. Aos participantes é dada a oportunidade de conhecer mais sobre a língua, a história, a cultura e diferentes aspectos da sociedade, política e economia de Macau e dos vários países de Língua Portuguesa. Os alunos vão participar em diversas atividades culturais que incluem visitas aos Museus e Centro Histórico de Macau. Ao longo dos 30 anos de existência este curso tem atraído alunos um pouco de todo o Mundo. O Curso de Verão de Língua Portuguesa conta, este ano, com cerca de 400 alunos provenientes da China Continental (230, o que demonstra o crescente interesse pela Língua Portuguesa no País); Macau; Hong Kong; Coreia do Sul; Singapura; Tailândia; Grã-Bretanha; Estados Unidos da América; Timor Leste e Austrália.



Fig. 37: 400 Alunos do Curso de Verão de Língua e Cultura Portuguesa na UM (2016).
[Cortesia – Jornal Tribuna de Macau]

5.
A EXPERIÊNCIA
DO SUDOESTE ASIÁTICO
Timor-Leste

A experiência do sudoeste asiático - Timor-Leste¹

Francisco Martins

Contando com o acolhimento da Universidade Nacional Timor Lorosa'e, o XXVI encontro da AULP foi histórico. Pela primeira vez, em 30 anos de atividade associativa, a associação reuniu em terras timorenses, revelando ser uma oportunidade única para reafirmar a língua portuguesa num país que se comprometeu a impulsionar a promoção da língua portuguesa através da formação inicial e contínua de professores e ainda da expansão do ensino da língua às escolas privadas.

Por sugestão da Universidade Nacional Timor Lorosa'e a agenda do encontro, que decorreu nos dias 29, 30 junho e 1 julho, abordou diversos aspetos em torno do tema "Rotas de signos: mobilidade académica e globalização no espaço da CPLP e Macau". Como já é frequente, este tema foi posteriormente distribuído por várias sessões que resultaram em comunicações com temas diversos. Em algumas dessas comunicações esteve patente o estudo de signos que contam a história de Timor-Leste; outras intervenções refletirão políticas e estratégias de viabilização da mobilidade académica nos países lusófonos. Por fim, alguns oradores viram neste encontro a ocasião para divulgar atuais projetos que poderão servir de exemplo para futuras iniciativas ou até incitar parcerias interuniversitárias.

Os participantes foram recebidos na véspera do Encontro, 28 de junho, com um jantar de boas vindas oferecido pela AULP no Hotel Novo Turismo. Deram as boas vindas o Presidente da AULP, Professor Doutor Rui Martins em representação da Universidade de Macau, o Reitor da UNTL, Professor Doutor Francisco Martins, passando ainda um vídeo elaborado pela UNTL com mensagens de algumas personalidades de relevo de Timor. Junto à piscina, os participantes foram acolhidos de forma calorosa tendo ainda usufruído de música timorense ao vivo. Proporcionou-se ainda que vários representantes dos países de língua portuguesa contribuíssem com uma música, um poema ou uma dança típica do seu país, proporcionando um momento culturalmente rico.

No primeiro dia, a partir das 9h30, decorreram os trabalhos do Conselho de Administração no Hotel Timor, presidido pelo Prof. Doutor Rui Martins, Presidente da AULP em representação do Reitor da Universidade de Macau, com o objetivo da avaliação multilateral do relatório de atividades da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) que incluem a ponderação do prémio Fernão Mendes Pinto 2016 e respetiva avaliação, as atividades de representação externa e

1. Texto construído com base nos comunicados de imprensa elaborados pelo Gabinete de Comunicação da AULP, por ocasião do XXVI Encontro.

a atividade editorial em curso, para além da atividade corrente da sede internacional, localizada em Lisboa. Particular atenção mereceu o planeamento da atividade associativa para o próximo ano, liderado pela Universidade de Macau, a que se associaram todas as instituições representadas no Conselho. Foi ainda discutido o lançamento da Revista Internacional em Língua Portuguesa (RILP), III Série, n.º 28, n.º29 e n.º 30, bem como um balanço dos pedidos de adesão e desfiliação de instituições membro.

Já na entrada do Centro de Convenções de Díli, por volta das 11h30, vários locais aguardavam a chegada dos participantes, para homenagear a sua presença com música e dança tradicional. No interior, antes de dar início à sessão, o coro da UNTL cantou o hino nacional timorense e a marcha da universidade.

Na presença de suas excelências, o Ex-Presidente do Parlamento Nacional da República Democrática de Timor-Leste e Ex-Presidente da Comissão de Preparação da Cimeira da CPLP de 2014, Senhor Doutor Francisco Guterres “Lú-Olo”, o Ministro de Estado Coordenador dos Assuntos Sociais e Ministro da Educação da República Democrática de Timor-Leste, Dr. António Conceição, o Magnífico Reitor da Universidade Nacional Timor Lorosa’e, Professor Doutor Francisco Martins, o Presidente da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP), Professor Doutor Rui Martins em representação do Reitor da Universidade de Macau, e o Professor Doutor Vicente Paulino, da Comissão Organizadora do evento, decorreu a sessão solene de abertura do XXVI Encontro da AULP no Centro de Convenções de Díli (CCD).

O Professor Doutor Rui Martins lembrou que a cooperação entre a AULP e a UNTL não é recente e teve início em novembro de 2001, sendo na altura sustentada pelo então Magnífico Reitor da UNTL, Professor Doutor Benjamin Côrte-Real.

O Professor Doutor Francisco Martins manifestou o seu agradecimento a toda a comunidade académica e científica, salientando o modelo de mobilização para este encontro a que os funcionários, estudantes e docentes da UNTL aderiram entusiasticamente.

Após um almoço oferecido pela UNTL nos jardins do CCD, com música ao vivo local, os participantes foram conduzidos novamente para o interior dando início aos trabalhos.

Terminando o decorrer dos trabalhos do Tema I: Políticas e Estratégias de Viabilização da Mobilidade Académica nos Países Lusófonos, ao final do dia deu-se o lançamento das edições comemorativas da AULP apresentado pelo Professor Doutor Rui Martins e pela Secretária-Geral da AULP, Professora Cristina Montalvão Sarmento.

A Associação das Universidades de Língua Portuguesa decidiu, por ocasião do XXVI Encontro da AULP em Díli, Timor-Leste, publicar uma memória, em

forma de brochura, “Timor-Leste: Identidade e Território” que recorda a história de Timor-Leste. Assim convidou-se o investigador Professor Doutor Fernando Augusto de Figueiredo, que tem dedicado grande parte da sua vida académica a estudar o país e a sua história, a escrever um artigo original para a prestigiada ocasião.

Nesta obra o investigador recorda os reinos timorenses, falando da presença portuguesa no país, as problemáticas associadas à fronteira marítima, bem como os acontecimentos mais relevantes que levaram a bom porto a independência de Timor-Leste a 20 de maio de 2002.

Oferecido aos membros da AULP e participantes do Encontro, a este opúsculo junta-se ainda a relevante Planta das Operações na Pedra do Cailaco, [CA. 1727], cedida à AULP pelo Arquivo Histórico Ultramarino, que se traduz num desenho anexo a uma carta enviada pelo governador de Timor, António Moniz de Macedo, para o vice-rei de Goa, Saldanha da Gama, em 30 de Abril de 1727. Um valioso documento para a história do país, reproduzido agora para o primeiro Encontro da AULP em Timor, no ano em que completa os 30 anos.

Também decorreu o lançamento do livro fac-símile “Virtudes de algumas plantas, folhas, frutas, cascas e raízes de diferentes árvores e arbustos da Iha de Timor”, um documento ímpar para a História Natural de Timor-Leste, com desenhos aguarelados que acompanham a descrição exaustiva das plantas referenciadas e a listagem de remédios que delas podem ser obtidos e que eram usados pelas gentes de Timor.

Com mais de 200 académicos dos vários países de língua portuguesa, o primeiro dia do XXVI Encontro da AULP superou as expectativas de todos os presentes.

No segundo dia do Encontro da AULP a decorrer no Centro de Convenções de Díli (CCD), os participantes apresentaram mais de 30 trabalhos, com o objetivo de debater a mobilidade académica e globalização no espaço lusófono.

A primeira sessão, deste segundo dia, foi presidida pelo Magnífico Reitor da Universidade do Porto, Professor Doutor Sebastião Feyo de Azevedo. O início dos trabalhos do Tema II “Ciências: Difusão e Desenvolvimento(s) em Língua Portuguesa” teve início logo pela manhã. O Magnífico Reitor da Universidade Zambeze, Professor Doutor Nobre Roque Santos, foi o primeiro orador e aproveitou a ocasião para apresentar o seu livro “Estruturadores do Discurso na aula de Português em Moçambique”, oferecendo exemplares à biblioteca da UNTL.

A Professora Maria Ângela Carrascalão, da Universidade Nacional Timor Lorosa’e, deu a conhecer algumas das dificuldades no ensino superior sentidas pelos alunos de direito da UNTL, salientando a importância do português no ensino em Timor-Leste.

Já a professora Anabela Barros, da Universidade do Minho, falou sobre o multilinguismo e paisagem linguística de Timor-Leste, português, tétum, inglês

e indonésio, bem como as diferenças entre o português europeu e o português de Timor.

A Professora Rita Cadima, do Instituto Politécnico de Leiria, apresentou a plataforma UP2U onde os estudantes podem inscrever-se em cursos online gratuito facilitando e promovendo o ensino superior em língua portuguesa. Em 2 anos registaram inscrições em mais de 80 países, revelando ser uma boa ferramenta para utilizar em qualquer parte do mundo.

O tema III “Rotas de Signos: Sentidos, Migrações e Interculturalidade” foi presidido pelo Magnífico Reitor da Uni Lúrio, Professor Doutor Francisco Noa. Nos vários trabalhos apresentados, existiu maioritariamente a discussão dos signos portugueses em Timor.

No tema IV “Paisagens, Natureza e Cultura”, o Professor Doutor Samuel Freitas, da Universidade Nacional Timor Lorosa’e, foi o presidente da sessão. O turismo em Cabo Verde, Alentejo (Portugal), e análise do trabalho do poeta Ruy Cinatty, foram os temas trabalhados.

Após uma pausa para o almoço oferecido pela UNTL, deu-se início aos trabalhos do tema V “Outros Desafios das Instituições de Ensino Superior da AULP”, em que o Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, o Professor Doutor Joaquim Ramos de Carvalho, foi o presidente da sessão.

Os assuntos em debate foram diversos. Entre as várias comunicações do período da tarde foi apresentado o projeto UTI-África, pelo Professor Doutor João Sâágua, vice-reitor da Universidade Nova de Lisboa. Já o Professor Sérgio Fonseca contribuiu para a sessão com uma problematização dos desafios do ensino superior privado e da educação multicultural.

Olhando para a rede de enfermagem de saúde da mulher nos países de língua portuguesa, teve-se o contributo da Professora Doutora Maria Leitão, da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, que desafiou todos os membros institucionais da AULP a juntarem-se para contribuírem para o desenvolvimento desta rede.

Com o decorrer dos trabalhos ficou patente a qualidade dos mesmos e a sua relevância para aproximar as várias instituições na resolução dos desafios do ensino superior nos países de língua portuguesa.

Terminada a conferência, a UNTL surpreendeu os participantes no jantar de encerramento, junto ao palco do Centro de Convenções de Díli. Um espetáculo foi montado e vários grupos de música e dança local timorense, animaram a noite.

O Magnífico Reitor da UNTL, Professor Doutor Francisco Martins, proferiu umas palavras de apreço a todos os presentes, revelando estar feliz com o sucesso do Encontro. Já o Professor Doutor Rui Martins, Presidente da AULP em representação da Universidade de Macau, agradeceu a fantástica receção do povo

timorense, e toda a organização que fizeram do XXVI Encontro uma conferência memorável e uma das melhores da AULP.

Das várias celebrações durante a noite, destaca-se as últimas músicas que encerraram o jantar. Foram chamados ao palco o atual Reitor e os ex-Reitores da UNTL, bem como o Professor Doutor Vicente Paulino, responsável pela Comissão Organizadora da universidade, que cantaram. Os participantes do Encontro foram desafiados a dançarem e, por último, a construírem um círculo em frente ao palco, de mãos dadas, onde mais de 150 dirigentes, reitores, presidentes, professores, investigadores, alunos e membros da organização, mostraram a força do lema da AULP - *ex unitate vis* (a força está na nossa união).

No último dia, a Assembleia Geral foi presidida pelo Professor Doutor Francisco Martins, anfitrião do XXVI Encontro da AULP e reitor da Universidade Nacional Timor Lorosa'e. O Professor Doutor Rui Martins, Presidente da AULP, em representação da Universidade de Macau, e Vice-reitor da Universidade de Macau, e a Professora Doutora Cristina Montalvão Sarmiento, Secretária Geral da AULP, estiveram presentes na mesa que conduziu esta reunião onde foi feito um balanço das atividades associativas. O Professor Doutor Rui Martins agradeceu a calorosa recepção da UNTL, em especial ao Senhor Reitor.

Ficou ainda decidido que o próximo Encontro da AULP, o XXVII, teria lugar na Universidade de Campinas (Brasil), em que o representante, Professor Doutor Flávio Ribeiro de Oliveira, aproveitou a ocasião para convidar todos os presentes a ir à próxima reunião da AULP no Brasil, mostrando entusiasmo na preparação do próximo Encontro.

Após a Assembleia Geral, teve início a sessão de encerramento do XXVI Encontro da AULP. Na mesa, S. Exa. Ministro de Estado Coordenador dos Assuntos Sociais e Ministro da Educação de Timor Leste, Dr. António da Conceição, S. Exa. Secretário dos Assuntos Sociais e Cultura do Governo da RAEM, Dr. Alexis Tam Chon Weng, Secretária-Executiva da CPLP, Dra. Georgina Melo, Reitor da Universidade de Macau, Prof. Dr. Wei Zhao, Reitor da Universidade Nacional Timor Lorosa'e, Professor Doutor Francisco Martins.

Foi referido que apesar de vários países de língua portuguesa atravessarem, a nível global, um período socioeconómico desfavorável, houve muita aderência ao Encontro pelos membros institucionais da AULP.

Salientou-se que muitas dificuldades têm sido sentidas, o que naturalmente tem impacto em áreas como a educação e a investigação. Mas, apesar das dificuldades sentidas a vários níveis, o XXVI Encontro da AULP superou as expetativas.

Alguns dos presentes, para conseguirem estar no XXVI Encontro da AULP, fizeram quase 2 dias em viagem. A presença de todos neste encontro em que Timor-Leste foi palco, foi prova que obstáculos, como a distância física, são facilmente ultrapassáveis quando existe interesse pela partilha de conhecimento,

pela melhoria da educação, em geral, e do ensino superior, em particular, e pela promoção e difusão da língua portuguesa.

Há quase 30 anos, a 26 de Novembro de 1986, o grupo de 16 dirigentes responsáveis pela criação e institucionalização da AULP, representantes de 16 instituições de ensino e investigação de nível superior, oriundos de cinco países de língua portuguesa, não poderiam prever o impacto e a força da AULP, crescente ao longo destes anos. Hoje são 142 instituições de ensino superior, não contando com as instituições parceiras ou os membros associados, 10 atualmente, constituídos por Departamentos de Estudos Portugueses, Estudos Brasileiros, de Estudos Africanos, de Estudos Latino - Americanos e de Estudos Luso - Asiáticos que, não sendo total ou parcialmente de língua portuguesa, se identifiquem com os objetivos da associação e, ainda, as associações, fundações ou outras organizações que se dediquem a atividades ligadas ao Ensino Superior, Investigação e Cultura.

Na sessão de encerramento deu-se a Assinatura de um Memorando de Entendimento entre a UNTL e 29 Universidades da AULP dos vários países de língua oficial portuguesa e Macau. Uma iniciativa de promoção da cooperação lusófona, difusão da língua portuguesa e mobilidade académica.

O Professor Doutor Sebastião Feyo de Azevedo, Reitor da Universidade do Porto, anunciou nesta sessão a oferta de 3600 publicações e material desportivo à UNTL pela Universidade do Porto, tomando ainda a palavra S. Exa. Secretário de Estado da Juventude e Desporto de Timor-Leste, Dr. Leovigildo Hornay.

O Reitor da Universidade de Macau, Professor Doutor Wei Zhao, discursou em português para agradecer toda a organização do Encontro.

Por último, o anfitrião Reitor da UNTL, Professor Doutor Francisco Martins, agradeceu a presença de todos os participantes, revelando estar muito satisfeito com o resultado final deste Encontro da AULP em Timor-Leste, o primeiro em 30 anos, deixando patente que não será o último e que futuramente haverá um regresso a terras timorenses. Terminada a sessão de encerramento, foi oferecido um almoço aos participantes e finalmente uma visita cultural à Cidade de Díli.

Com o Encontro em Díli, a AULP atingiu todo o universo daqueles que reconhecem a importância da língua portuguesa como um marco distintivo da originalidade da sua cultura, e a Universidade Nacional Timor Lorosa'e, marcou com absoluta dignidade o seu espaço próprio no seio da Associação.

III - CONTRIBUTOS CIENTÍFICOS

As edições e os projetos associativos

A história e registo dos encontros da AULP: Atas

Cristina Montalvão Sarmiento

Secretária-Geral da AULP (2006-2010; 2014-2016)
Professora do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política da Universidade de Lisboa

Pandora Guimarães

Gabinete de Comunicação da AULP
Mestranda em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, ISCTE-IUL

Os primeiros encontros em território português

O primeiro encontro da AULP tem lugar na Universidade de Lisboa, Portugal, três anos depois da sua fundação. Na necessidade de reunir em livro as comunicações apresentadas durante os Encontros, nos diversos painéis temáticos, bem como uma listagem dos participantes, o conselho de administração decidiu criar esta coleção após o II Encontro da AULP, em Évora, em 1990.

Com o tema “Ciência e Tecnologia nos Processos de Desenvolvimento”, surge assim o primeiro livro de atas, com uma tiragem de 1000 exemplares, quatro anos após a fundação da associação, registando a evolução de uma organização que aumentava a sua notoriedade nos países de língua portuguesa e Macau: “das 10 instituições fundadoras de Novembro de 1986 estamos atualmente em mais de setenta”¹.



1 - Participantes do II Encontro da AULP - Reitoria da Universidade de Évora, Abril 1990. Fotografia publicada na primeira página do primeiro livro de atas. Os livros seguintes mantiveram essa tradição até ser impossível tirar fotografias de grupo devido ao elevado número de participantes que foi aumentando ao longo dos anos.

1. Discurso de António Simões Lopes, Vice-Presidente da AULP, na sessão de abertura do II Encontro da AULP.

Até à data foram publicados 23 números - estando atualmente em edição o livro referente ao XXVI Encontro da AULP em Timor-Leste, - sendo que I e o VII não tiveram livro de atas. Em 1997, o VII Encontro da AULP decorreu no Rio de Janeiro, Brasil, e as comunicações perderam-se pelo que não foi possível compilá-las. Já o ano anterior, 1996, VI Encontro, em Lisboa, Portugal, foi o único ano em que as comunicações foram reunidas e impressas num caderno e não em livro.

Dado que a sede da AULP se encontra, por obrigação estatutária, em território português, os primeiros 4 encontros decorreram em Portugal. Se inicialmente decorreram de 2 em 2 anos, rapidamente os encontros se tornaram conferências anuais a partir de 1994. Estoril (Portugal) foi palco do III e IV Encontro, 1992 e 1994 respetivamente. Em 1992, a publicação foi subordinada ao tema “Ciência e Tecnologia nos Processos de Desenvolvimento: os Recursos e as Infraestruturas” e em 1994 a edição focou a problemática da gestão dos recursos humanos no ensino superior, os recursos naturais, as infraestruturas e o desenvolvimento bem como o turismo como fator de desenvolvimento foram objeto de análise pelos diversos oradores do espaço lusófono.

Só em 2000 é que Portugal acolhe novamente o Encontro anual da AULP. Rumo a Ponta Delgada, Portugal, sob os auspícios da Universidade dos Açores, ocorreu o X Encontro para discutir “O Ensino Superior na Sociedade do Século XXI”. A edição do livro de atas referente a esse encontro constitui o relatório científico do debate académico desencadeado em torno da problemática universitária e sua integração dinâmica na sociedade, o ensino superior e a sua articulação com o ensino secundário, as novas tecnologias de informação e comunicação, a diversificação do ensino superior e as políticas de cooperação académica entre as instituições de ensino superior dos países de língua portuguesa.

“Novas Políticas para o Ensino Superior” é o livro de atas que reúne as comunicações apresentadas durante o XI Encontro Anual, 2001, realizado em Viseu, Portugal, onde foram analisadas questões relacionadas com a responsabilidade social das instituições de ensino superior e sua relação com a comunidade, as políticas de ensino superior e de investigação bem como as dinâmicas de cooperação académica e institucional entre as universidades do espaço lusófono.

O regresso à capital de Portugal, Lisboa, dá-se em 2005. “Novos Desafios no Espaço do Ensino e Investigação dos Países de Língua Portuguesa” reúne as comunicações apresentadas durante o XV Encontro, em que as sessões plenárias e as comunicações apresentadas giraram em torno das temáticas do “Espaço Lusófono de Ensino Superior e Investigação”, da “Saúde e Sociedade”, das “Tecnologias de Informação - Desenvolvimento Científico e Impactos Sociais e Económicos”, “Ciências Agrárias: Ensino, Investigação e Desenvolvimento” e “Língua Portuguesa e Multiculturalismo”.

O último encontro em Portugal foi em Bragança, 2011. O livro de atas reúne as comunicações apresentadas durante o XXI Encontro da AULP, subordinado à temática - “Novas Formas de Cooperação: Espaços de Convergência nos Países Lusófonos”. “Os temas escolhidos para o Encontro são cruciais para a missão das instituições de ensino superior no aprofundamento da Lusofonia: mobilidade académica, creditação e múltipla titulação de graus académicos, modalidades de cooperação e programas de financiamento na investigação científica e transferência de conhecimento no âmbito de parques tecnológicos, incubadoras e empreendedorismo, permitirão novos espaços de convergência no seio da CPLP e um melhor conhecimento interinstitucional, com vantagens ao nível da competitividade universitária mundial”, como afirmou, João Sobrinho Teixeira, Presidente do Instituto Politécnico de Bragança.

O Brasil como palco das conferências

Com o primeiro encontro no Brasil, Recife, 1995, o livro de atas reuniu os artigos e as comunicações apresentadas durante o V Encontro da AULP, sujeito ao tema “Sistema de Ensino no Processo de Desenvolvimento”. Para além da reflexão sobre a importância do sistema de ensino no processo de desenvolvimento dos países de língua portuguesa, temáticas como a cultura e o desenvolvimento no espaço lusófono, a cooperação universitária e o ensino superior foram objeto de análise aprofundada pelos diversos intervenientes no processo de construção do espaço lusófono do ensino superior. Dois anos depois, a AULP volta a reunir no Brasil, desta vez no Rio de Janeiro que, à exceção do primeiro encontro foi o único que não ficou registado em livro de atas.

A AULP só regressa ao Brasil sete anos depois, em 2004, a São Paulo, no XIV Encontro. O debate centrou-se à volta da temática - “Espaço Lusófono do Conhecimento” - e as discussões privilegiaram a questão da problemática da Universidade enquanto fator de desenvolvimento e combate à pobreza e a necessidade de uma cooperação académica efetiva entre os países de língua portuguesa, por intermédio da prossecução de convénios de cooperação em áreas como o ensino da língua portuguesa, a formação de professores para o ensino médio e fundamental, as ciências da saúde e as ciências agrárias, sem prejuízo de quaisquer articulações com outros domínios do conhecimento.

Em 2008, Brasília foi escolhido para acolher o XVIII Encontro da AULP com o tema “Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento”. Numa época em que o conhecimento evolui com uma extraordinária rapidez e na qual novas linhas de I&D são sucessivamente abertas. A qualificação das atividades, a procura de novos materiais, a melhor manipulação da dimensão, a cuidada intervenção no ambiente ou a valorização do que está na fronteira da ciência constituem hoje domínios simultaneamente aliciantes e exigentes que permitem, assim esperemos, melhorar

a vida dos povos à superfície da terra. As universidades, como entidades produtoras e disseminadoras de ciência, encontram-se no cerne do desenvolvimento científico e tecnológico. As suas relações com as empresas, associações e outras instituições multiplicam-se e os programas de trabalho conjuntos ou convergentes passaram a constituir um quadro estratégico sólido que marca na atualidade o desempenho das universidades. O Encontro pretendeu debater os problemas relacionados com o desenvolvimento da investigação científica, a densificação das redes temáticas, os critérios de financiamento da I&D, a cooperação internacional, bem como as questões institucionais relacionadas com a transferência de conhecimento e da inovação, dando uma particular atenção a dois sectores, o da biotecnologia e o da energia, e refletindo sobre os padrões futuros de desenvolvimento destes domínios e procurando identificar as potencialidades da maior colaboração universidade-empresa, passíveis no futuro de maior aprofundamento. No seu painel final, abordou-se a problemática da Língua, Cultura e Tecnologia, refletindo sobre a necessidade de valorização da língua como instrumento de cultura e de melhor relacionamento nos âmbitos científico, tecnológico, artístico, cultural e diplomático entre os povos dos países da CPLP.

O XXIII Encontro da AULP, subordinado à temática - “Cooperação e Desenvolvimento nos Países de Língua Portuguesa – o Papel das Universidades”, realizou-se em Belo Horizonte, Minas Gerais (Brasil). O discurso de abertura do Presidente da AULP e Reitor da Universidade Lúrio, Professor Doutor Jorge Ferrião, expressa bem a importância do regresso ao Brasil em 2013 para realizar a conferência. “Regressamos ao Brasil e à cidade de Belo Horizonte, berço de heróis como Tiradentes, Luís Gonzaga e outros membros da Confidência Mineira, que espalharam por esta terra, pelo Brasil e por alguns dos da CPLP a sua bravura, valentia e determinação. Belo Horizonte não é, então, somente mais uma cidade ou a capital de um Estado. Belo Horizonte é o berço de todas as lutas de libertação e afirmação de vários povos e países. Realizamos esta XXIII reunião anual da AULP, num contexto de profundas e rápidas alterações dos cenários políticos e económicos regionais e globais. Se por um lado se abriram novas e promissoras perspectivas de prosperidade, crescimento económico, democracia e paz, por outro, continuamos a enfrentar grandes desafios e ameaças. Por esta razão nos reunimos em torno do tema cooperação e desenvolvimento e o papel do ensino superior na CPLP. Nesta perspectiva, estamos conscientes do papel que os governos, sociedade civil, diferentes organizações e naturalmente as instituições de ensino superior podem e devem desempenhar para minimizar os riscos e as ameaças. As IES, em particular as universidades, tem o poder e o dever de induzir a melhoria das condições de vida dos povos, dos nossos países e continentes. Pode parecer repetitivo, porém, vivemos num mundo marcado por avanços científicos e tecnológicos. Estes são tempos de mudança que ampliam a integração, encurtam distâncias

e aproximam povos e culturas. Ainda assim, testemunhamos a exclusão social, desigualdades de vária ordem, marginalização e tendências menos ou antidemocráticas. Agora que a crise se generaliza parece evidente que recai sobre as IES a responsabilidade de alterar e engendrar um novo cenário e ordem. Nesta era de conhecimento e progresso material deveremos repensar sobre como estender os frutos a milhões de pessoas excluídas e fazer com que elas participem com os mesmos direitos em todos os processos. Devemos forçar novas agendas de desenvolvimento, mais compatíveis com a promoção dos direitos humanos e a sustentabilidade dos recursos e ambiental. Portanto, depende das IES propiciar a ordem, prosperidade, segurança social e sobretudo uma cooperação baseada no respeito e progresso.”, Professor Doutor Jorge Ferrão, Presidente da AULP e Reitor da Universidade Lúrio.

A solidez de Macau

Macau recebe o Encontro pela primeira vez em 1998, no VIII Encontro. As sessões plenárias do Encontro e as comunicações apresentadas gravitaram em torno de temáticas como o ensino do português como língua estrangeira, o ensino superior e os desafios da globalização, a tríade investigação, desenvolvimento e cooperação bem como a relação dinâmica entre ensino, investigação e as novas tecnologias de informação e comunicação.

Cinco anos depois, 2003, Macau volta a receber o XIII Encontro Anual. Nesta reunião o debate científico centrou-se em torno da constituição do “Espaço Lusófono do Ensino Superior e Investigação” nos países de língua portuguesa, contendo reflexões académicas sobre a situação atual e os desafios inerentes ao futuro do ensino superior na Região Administrativa Especial de Macau, a mobilidade de docentes e de investigadores no espaço lusófono, assim como o ensino da língua portuguesa como língua estrangeira na região da ásia-pacífico.

Em 2006, tendo como anfitriã a Universidade de Macau, para além da reflexão sobre o espaço lusófono de ensino superior e de investigação, temáticas como a situação da língua portuguesa no mundo, o multiculturalismo e a cooperação económica, bem como a problemática do ensino superior, a investigação, a mobilidade de docentes e alunos foram objeto de discussão pública entre as universidades que comungam a língua portuguesa. Paralelamente ao XVI Encontro da AULP realizou-se também o Fórum para a Cooperação Económica entre a China, Macau e os Países de Língua Portuguesa com o intuito de estreitar os laços de cooperação entre a China e o espaço lusófono.

“A China, Macau e os Países de Língua Portuguesa”, foi o tema do XIX Encontro da AULP, 2010, que volta a reunir-se no oriente, em Macau. Com especial relevância sobre as ligações multilaterais entre a China, Macau e os Países de Língua Portuguesa, foram analisadas as relações económicas e comerciais nas

diversas vertentes de cooperação. Alguns dos desafios do mundo lusófono são perspetivados através dos problemas da saúde pública, agricultura, alimentação, ou ainda, do ambiente e dos recursos hídricos, ponto da nossa agenda comum. Nas sessões dedicadas à Língua Portuguesa abordaram-se as dificuldades relacionadas com a sua internacionalização, tradução, interpretação e os reflexos normativos nos sistemas jurídicos de matriz comum aos Países de Língua Portuguesa. No final, numa sessão dedicada às redes de cooperação no Ensino Superior, convidaram-se os membros da AULP a apresentarem os seus programas porquanto estiveram presentes, como convidados da Universidade de Macau, algumas das nossas congéneres da República Popular da China e Taiwan. Paralelamente ao Encontro, realizaram-se atividades de índole cultural nomeadamente a mostra de edições da AULP e o lançamento da edição comemorativa DITEMA – Dicionário Temático de Macau, Volume I, uma iniciativa da Universidade de Macau. A visita turística à RAEM e ainda facultativamente a Exposição Universal de Shangai – China 2010 - “Melhores Cidades, Maior Qualidade de Vida”, constaram do programa.

Finalmente, mais recentemente, 2014, a AULP regressa a Macau para realizar a XXIV reunião anual, com o tema “A importância da divulgação das línguas portuguesa e chinesa para a colaboração académica no ensino superior”. “Macau ocupa um papel de inegável relevo e importância histórica no milénar diálogo civilizacional entre o oriente e o ocidente e hoje, também, com o continente africano. Portanto, esse papel não se resume ao passado, mas é fundamentalmente, ao presente e ao futuro. O futuro deste pequeno pedaço de terra continuará sendo ponto de referência incontornável e uma verdadeira plataforma que promove as nossas relações culturais, religiosas, científicas, comerciais e diplomáticas, sobretudo entre o espaço de expressão portuguesa e a Grande China. Realizamos esta XXIV reunião anual da AULP ainda num contexto de profundas e rápidas alterações dos cenários políticos e económicos regionais e globais. A China e Macau têm sido parte integrante desta cooperação e mudanças. Se por um lado se abriram novas e promissoras perspetivas de prosperidade, crescimento económico, democracia e paz, por outro, continuamos enfrentando grandes desafios e ameaças. Estes os tempos de mudança que ampliam a integração entre os povos, encurtam distâncias e aproximam as línguas e culturas. Nos reunimos, então, em torno do tema a importância da divulgação das línguas portuguesa e chinesa para a colaboração académica no ensino superior. Macau tem jogado um papel importante neste processo, sobretudo por facilitar os contactos e os investimentos da China, principalmente, nos países africanos de expressão oficial portuguesa. O sonho de construção de sociedades mais justas, equitativas e de progresso social se transforma, gradualmente, em realidade. Temos vindo a minimizar as diferenças entre os nossos países atingindo níveis minimamente aceitáveis no

contexto do desenvolvimento educacional, cultural, artístico, económico e social. Porém, continuamos distantes do ótimo. No meu país costuma-se dizer que ninguém sobe nenhuma árvore com as mãos nos bolsos. Esta é a analogia que terá de tipificar o nosso percurso. Vamos, de forma solidária, retirar essas mãos dos bolsos se quisermos ver os nossos países num patamar ainda melhor. Em mais este Encontro Anual da AULP, deveremos debater as condições de base para o desenvolvimento da formação e capacitação dos atuais quadros, da emergência das principais áreas de pesquisa comuns, procurando novas formas de cooperação internacional académica, científica, tecnológica, artística e criativa, novos modelos de desenvolvimento não necessariamente baseados no crescimento económico, identificando novos atores, discutindo o impacto e as realidades sociais de cada país e até região”, discurso de abertura do Professor Jorge Ferrão, Presidente da AULP em 2014.

O apoio do continente africano

Após a realização de Encontros em Portugal, Brasil e Macau, Moçambique é o primeiro país africano que acolhe a AULP para a reunião anual, em 1999. O livro de atas do IX Encontro AULP em Maputo, Moçambique, foi subordinado ao tema “Universidade e Mudança” e as comunicações apresentadas giraram em torno das temáticas como a preservação da língua e culturas lusófonas, a mudança nos paradigmas de revisão curricular bem como as perspetivas e os desafios inerentes à cooperação científica e académica nas comunidades dos países de língua portuguesa.

Logo a seguir vem Angola que em 2002 é palco do XII Encontro da AULP, que teve lugar na cidade de Luanda, com o acolhimento da Universidade Agostinho Neto. Nesta edição temática, os mecanismos de financiamento do ensino superior no espaço lusófono, o reconhecimento de competências, o incentivo à mobilidade bem como a problemática da interpenetração da língua e das culturas na comunidade dos países de língua portuguesa foram objeto de análise aprofundada pelos diversos intervenientes.

Em 1986, Cabo-Verde foi o berço da fundação da AULP. Mas só 21 anos depois, em 2007, com a criação da Universidade de Cabo-Verde, é que a AULP reúne em terras cabo-verdianas para realizar o XVII Encontro subordinado à temática - “A Universidade em Rede”. A presente edição constitui o relatório científico do debate e das discussões desencadeadas em torno da problemática das Redes Universitárias na Investigação Científica, das Pós-Graduações em Rede e da Diversidade da Língua Portuguesa. Na sequência deste Encontro realizou-se um seminário interdisciplinar intitulado “Agricultura, Ensino e Investigação: Redes de Pós-Graduação em Língua Portuguesa” organizado pela ASSESCA-PLP (Associação de Ensino Superior em Ciências Agrárias dos Países de Língua Portuguesa), um seminário

sobre “A Interdisciplinaridade da Investigação Científica e Tropical” a cargo do Instituto de Investigação Científica e Tropical (IICT) e dissertou-se sobre a situação da “Língua Portuguesa no Mundo” numa organização da AULP em estreita colaboração com Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP).

O regresso a Angola ocorre em 2009, explorando o tema “Direito, Cidadania e Desenvolvimento” no XIX Encontro da AULP, realizado novamente em Luanda. No Encontro foram debatidos os problemas relacionados com o desenvolvimento da investigação científica, a densificação das redes sociais, as questões institucionais relacionadas com a transferência dos valores sociais, as orientações normativas, assim como as reformas legislativas em curso nos diferentes terrenos onde se inscreve a lusofonia. O Encontro deu também particular atenção a dois sectores, a promoção da educação e da cidadania a partir das novas tecnologias e, a reflexão sobre os modelos de desenvolvimento, procurando identificar as potencialidades da maior intersecção entre a Universidade e a sociedade, passíveis no futuro de maior aprofundamento. Foi ainda abordado no painel final do Encontro, a problemática da língua e da cultura como meio de promover o melhor relacionamento nos âmbitos científico, tecnológico, artístico, cultural e diplomático entre os povos dos países da CPLP. Paralelamente, houve um conjunto de realizações que se traduziram em Exposições, lançamentos de novas Edições e outros eventos culturais.

A AULP volta a Moçambique em 2012 para o XXII Encontro da AULP, subordinado à temática - “Ensino Superior e Investigação Científica no Espaço da CPLP”, realizado em Maputo. “Assim, o facto de nos reunirmos sob o lema o Ensino Superior e a Investigação no Espaço da CPLP vai ao encontro com aquilo que são as nossas aspirações. As mesas redondas e as sessões paralelas sobre a acreditação e qualidade no ensino superior, mobilidade, internacionalização e ensino superior privado no espaço da CPLP não são problemas de um único país, de uma sub-região, ou região, mas de todos nós. É esta partilha dos mesmos desafios, mas também anseios e valores, que justifica que nos reunamos aqui em Maputo neste XXII Encontro das universidades de língua portuguesa. Por outro lado, a realização deste Encontro no início da uma década, que é sempre um período propício para se planificar as décadas seguintes, deve servir de motivo para que nós também, como gestores das IES, bem como os seus beneficiários, nos detenhamos em algumas reflexões sobre o ensino superior para os próximos 10 ou 25 anos.”, Orlando Quilambo, Reitor da Universidade Eduardo Mondlane.

“Novos desafios para o Ensino Superior após os objetivos de desenvolvimento do milénio (ODM)” foi o tema principal de debate no XXV Encontro da AULP em Cabo Verde, sendo o primeiro em que a Universidade de Macau está na presidência. “É com uma enorme honra e privilégio que estou hoje aqui presente para encerrar o XXV encontro da AULP e agradecer a presença dos mais de 400

participantes dos vários países de língua portuguesa e Macau, RAEM, que contribuíram para o sucesso deste encontro e representaram as instituições de ensino superior membros da nossa associação. É um privilégio assistir à extensa adesão às atividades promovidas pela nossa associação - foram aqui apresentadas mais de 60 comunicações sobre os temas “Políticas e estratégias de cooperação para o desenvolvimento nos países de língua oficial portuguesa e perspectivas para o pós-ODM”; “A difusão e desenvolvimento da língua e literatura portuguesa”; “A plataforma continental marítima”; “A presença do mar na cultura expressa em português” e “Novos desafios das Universidades membros da AULP”. Quero também deixar um especial agradecimento à Universidade de Cabo Verde, em especial à Senhora Reitora, Professora Doutora Judite Nascimento, e a toda a comissão organizadora, que tão calorosamente nos recebeu para debatermos os “Novos desafios para o Ensino Superior após os objetivos de desenvolvimento do milénio (ODM)”. Não posso deixar também de agradecer ao Senhor General Rocha Vieira não só pela sua presença neste evento, mas também pelo seu precioso contributo para o percurso de sucesso da AULP ao longo destes 28 anos. A fundação da AULP na cidade da Praia em 1986, bem como o momento inaugurador para a Universidade de Cabo Verde no ano de 2007, data do primeiro Encontro da AULP em Cabo Verde, promovida pelo então Reitor da Uni-CV, o Professor Doutor António Correia e Silva, atual ministro do Ensino Superior, Ciência e Inovação que também nos deu o privilégio na sua presença ao longo deste encontro, tornaram Cabo Verde o local ideal para homenagear o Senhor General Rocha Vieira enquanto membro honorário da AULP. A atual sede da associação existe graças ao Senhor General no período em que era Governador de Macau. A todos os que contribuíram para o engrandecimento institucional da AULP, um muito obrigado.”, Rui Martins, Presidente da AULP em representação do Reitor da Universidade de Macau.

Balanço e conclusões

Em 30 anos de existência, realizaram-se 25 encontros. Destes encontros resultaram a publicação de 23 livros de atas. Dado que a sede fica em Portugal, e os primeiros encontros foram em território português, verifica-se que das 25 reuniões anuais, 9 realizaram-se em Portugal. Brasil e Macau totalizam o mesmo número de encontros: 5, enquanto Moçambique, Angola e Cabo-Verde acolheram cada um 2 eventos. É de referir que Timor-Leste acolheu pela primeira vez o Encontro da AULP em 2016, estando o livro de atas atualmente em fase de edição.

Vários livros de atas, devido ao elevado número de participantes e comunicações, foram publicados em 2 volumes. O primeiro foi em 1998 quando o oriente recebeu pela primeira vez a reunião anual (Macau - VIII Encontro), tomando-se a mesma decisão em 2010 (Macau - XX Encontro) e finalmente em 2015 (Cabo-Verde - XXV).

O livro de atas com maior número de páginas, para além da edição dupla de 1998, em Macau, que totalizou mais de 1000 páginas destacando-se, em volume, de todas as outras publicações, foi o de Moçambique, em 2012, com 543 páginas.

Os Encontros com mais participantes não coincidem obrigatoriamente com os livros de atas mais volumosos, dado que muitos oradores não enviaram os seus trabalhos para a sede em tempo útil de serem publicados. Daí que mais recentemente, em 2016, se tenha começado a implementar a política de envio dos trabalhos na altura da inscrição na conferência, pouco depois do resultado da chamada de trabalho, e antes da data do Encontro.

Apesar do número de participantes ter aumentado ao longo dos anos, o número de exemplares impressos veio diminuindo, resultado de restrições económicas e espaço para arquivo dos exemplares excedentes, assim como o advento das novas tecnologias.

Livro de Atas	Tiragem
1990 - II Encontro	1000
1992 - III Encontro	1000
1994 - IV Encontro	500
1995 - V Encontro	500
1996 - VI Encontro (caderno)	500
1998 - VIII Encontro (2 volumes)	1000
	1000
1999 - IX Encontro	1000
2000 - X Encontro	1000
2001 - XI Encontro	1000
2002 - XII Encontro	500
2003 - XIII Encontro	500
2004 - XIV Encontro	750
2005 - XV Encontro	750
2006 - XVI Encontro	500
2007 - XVII Encontro	750
2008 - XVIII Encontro	750
2009 - XIX Encontro	750
2010 - XX Encontro (2 volumes)	500
	500
2011 - XXI Encontro	500
2012 - XXII Encontro	300
2013 - XXIII Encontro	300
2014 - XXIV Encontro	300
2015 - XXV Encontro (2 volumes)	300
	300
TOTAL	16750

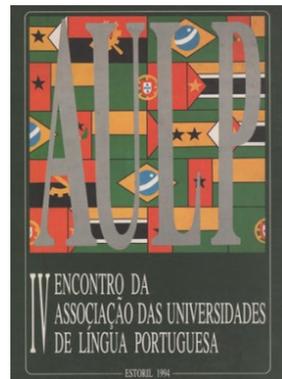
Tabela 1 - Evolução da tiragem dos livros de atas.

Como se pode verificar na tabela, inicialmente foram impressos 1000 exemplares, mas desde 2012 que a direção optou por fazer tiragens mais curtas de 300 exemplares como número razoável para distribuição pelas várias instituições de ensino superior membros da AULP, dos vários países de língua portuguesa e Macau - RAEM, China, parceiros e autores dos artigos. No total, a AULP foi responsável pela publicação de 16750 livros de atas, um número significativo.

Simultaneamente, o desenho dos livros de atas sofreu alterações ao longo dos anos. As primeiras capas feitas, entre 1990 e 1998, de cores mais escuras, com as bandeiras dos países de língua portuguesa como pano de fundo. Entre 1999 e 2003, para além das cores escuras nas capas, surge o logótipo da AULP com as bandeiras dos países de língua oficial portuguesa.

Apesar da bandeira da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) ter sido criada em 1999, ano da transferência da soberania de Macau à República Popular da China, apenas em 2003, com o segundo Encontro em Macau, a capa do livro de atas faz referência a esta região. Uma capa simples a verde (cor da bandeira) e a flor de lótus desenhada (flor característica de Macau, presente também na bandeira e que simboliza o desabrochar sob a luz das cinco estrelas, que por sua vez representam a China, traduzindo a prosperidade e o desenvolvimento de Macau).

Entre 2004 e 2010 assiste-se à modernização das capas dos livros de atas, com cores claras e imagens alusivas aos países e cidades de acolhimento. No entanto, em 2011 e 2012 as capas sofrem nova transformação, com cores escuras e sem uma estrutura base que garantisse tratar-se da mesma coleção. Esse aspeto é rapidamente corrigido em 2013, que serve de modelo até à atualidade, em que se recupera o desenho anterior a 2010, estando a principal diferença na contracapa que atualmente serve para colocar também uma fotografia alusiva ao local de realização do Encontro.

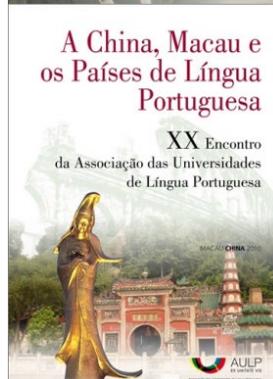
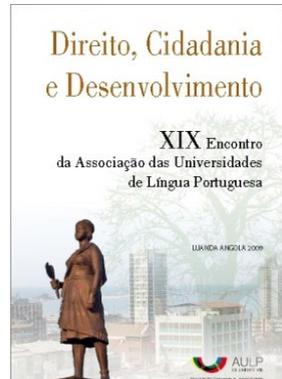
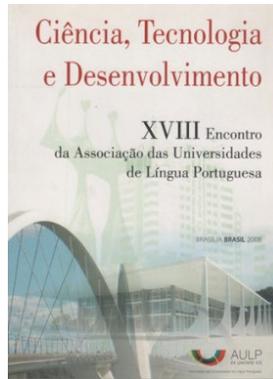
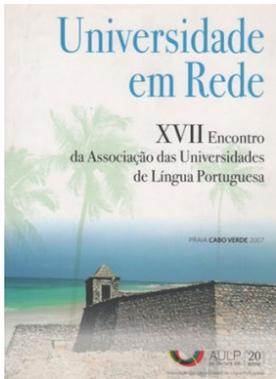
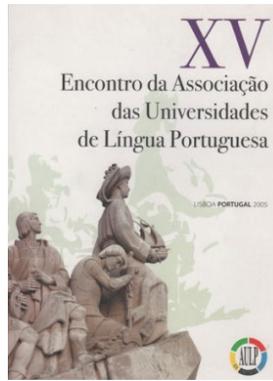




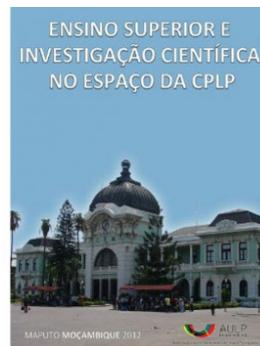
2 - Atas - 1990 a 1998



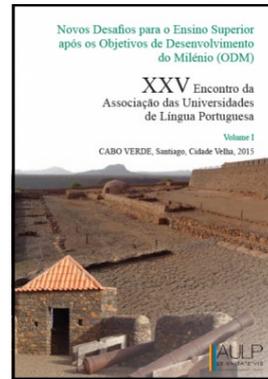
3 - Atas - 1999 a 2003. Destaque para a última capa, alusiva ao XVIII Encontro com referência pela primeira vez a Macau - RAEM, China.



4 - Atas - 2004 a 2010.



5 - Atas - 2011 e 2012



6 - Atas - desde 2013

Em suma, os livros de atas constituem um dos pilares das tarefas associativas, resultado dos encontros anuais da AULP. Fazem parte das publicações periódicas da associação e tiveram início pouco depois da fundação da AULP. Com vários números já esgotados, suscitam interesse no meio académico, e a sede regista vários pedidos de aquisição tanto dos primeiros números, assim como dos mais recentes.

Através do registo das comunicações dos intervenientes que representam as instituições dos vários países de língua oficial portuguesa e Macau, RAEM, China, a AULP contribui assim para o registo dos projetos, preocupações e reflexões do ensino superior no espaço da língua portuguesa.

A Revista Internacional em Língua Portuguesa: da língua à cultura científica¹

Cristina Montalvão Sarmiento

Secretária-Geral da AULP (2006-2010; 2014-2016)

Professora do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política da Universidade de Lisboa

A *Revista Internacional em Língua Portuguesa* (RILP) tem sido o veículo da expressão da comunidade que se expressa em português, impulsionada pelo movimento associativo universitário dos anos oitenta e noventa do século XX.

Publicada desde o início da fundação da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) em 1986, foi dirigida primeiro por Maria Helena Mira Mateus, numa inicial série composta por dezassete números, e depois coordenada por José Augusto Seabra, numa segunda série com três exemplares, perfaz trinta títulos, numa terceira série em curso, de cariz institucional e temática.

A sua pretensão de divulgação da língua portuguesa, a longevidade e a expressão intercontinental, fazem desta revista um caso nacional único de internacionalização do centro linguístico original para o universo multilateral das culturas associadas, em torno do vetor comum da língua, alheia às vicissitudes políticas que o tempo impôs e os poderes engendram.

Implícita está a consciência do grau de reconhecimento e influência internacional que as políticas de língua promovem para determinadas línguas ou podem promover para a língua portuguesa. Esta questão traz ainda inerente a atual tese da crescente importância de uma língua como instrumento gerador de poderes, quer ao nível simbólico na construção das identidades, quer ao nível funcional no impacto económico das línguas.

Saber em que medida, uma política de língua ativa e consciente poderá alcançar esse nível de poderes, administrá-los e ampliá-los, terá sido o objetivo dos participantes na vida da revista. A análise do conteúdo favorece a compreensão e a configuração da evolução da rede desses poderes.

1ª Série - Pragmatismo e intenções iniciais

A Associação das Universidades de Língua Portuguesa, AULP, reúne pela primeira vez em Lisboa em 1988 sob o tema: «Os Problemas da Língua e o Conhecimento das Culturas», história que a RILP regista, anunciando-se no primeiro

1. Este texto, foi publicado em 2010, na Revista Cultura. *Revista de História e Teoria das Ideias – Revistas*, IIª. Série, Vol. XXVI, Lisboa, Centro de História da Cultura. Na época visava-se o reconhecimento do conteúdo temático que as obrigações quotidianas de Secretária-Geral não tinham permitido. Esta nova versão completa e atualiza a primeira e permitirá aos interessados acompanhar a vida da RILP de forma sintética, que foi, sempre que possível, cruzada com o contexto associativo.

número, como o resultado natural e pragmático dos dois primeiros anos do esforço associativo da AULP em criar um instrumento de cooperação académica, publicando na RILP todas as comunicações entregues pelos participantes desse encontro.

Nascida no seio do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, na Cidade da Praia em Cabo-verde, a AULP tem no seu primeiro presidente, António Simões Lopes, à data presidente daquele Conselho e Reitor da Universidade Técnica de Lisboa², um convicto defensor da «*generosidade do motivo que era, tão só, o da cooperação e solidariedade, isto é, o da interação e interajuda, extremamente interessadas em serem 'desinteressadas', total e completamente*», como afirma na abertura do I Encontro da AULP, texto que abre simultaneamente a RILP em Julho de 1989, criada no Conselho de Administração de Março de 1988, como instrumento pragmático de intercâmbio cultural, científico e de cooperação universitária.

Já no editorial do seu primeiro número a diretora, Helena Mira Mateus, afirmava: «*A RILP surgiu como manifestação do desejo de interconhecimento e de intercâmbio de todos os que, na América, na Europa e na África falam português no seu quotidiano, e se preocupam com a sua utilização e o seu ensino. Surgiu ainda a Revista como um modo de aproximar as culturas que na língua portuguesa encontram expressão, ou a moldam para se exprimirem. E se este é o destino do Português, não é mais do que a continuação da sua própria história em que esse destino - como todos os destinos - já estava contido.*»

É este percurso de internacionalização do português, em que a história da língua acompanha certos pontos de referência da história mundial que diretamente se invoca, lembrando como a língua portuguesa foi estendida através da África a partir do século XV, aporta à América no limiar do século XVI, em finais desse século, e durante o século XVII, era utilizada como língua geral do litoral africano e como língua franca (indo - português e malaio - português) nos portos da Índia e do Sudoeste da Ásia. Como Europeus e Asiáticos comunicavam em português em extensas regiões da Índia, na Ilha de Samatra e Java e na ilha de Timor. E ainda, como no Japão, Tailândia e na China serviu nas relações políticas, comerciais e religiosas.

Mas é sobretudo, e em particular, pela circunstância do português ser a língua veicular e oficial de Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné e Cabo Verde que a RILP se auto justifica. É por ser através da língua portuguesa que se veiculam conhecimentos, na escola e fora dela, no campo da ciência e da cultura,

2. António Simões Lopes teve um papel determinante na emergência da AULP, assim como na sua manutenção. Assume a presidência entre 1986-1989, enquanto Reitor da Universidade Técnica de Lisboa e posteriormente, após uma presidência proposta, mas não concretizada da Universidade Federal do Maranhão durante apenas três meses, reassumirá os destinos da AULP de novo em nome da Universidade Técnica de Lisboa, no seu segundo consulado, no mandato 1993-1996, o que conferirá a estabilidade inicial à AULP.

que constitui um corpo de questões de complexa e delicada solução, numa rede de relações que o português estabelece com outras línguas, que será primeiramente o objeto do interesse de muitos dos que escrevem na RILP.

Uma terceira dimensão, a que a RILP atende, é ao facto das diferentes literaturas nacionais terem expressão escrita em língua portuguesa, com consequências maiores na deriva da própria língua, no seu enriquecimento e adequação a novas realidades. Como afirma a sua diretora, *«Esta é a única perspetiva que nos permite aproximar e diferenciar em português, culturas não portuguesas, e através do português compreender a importância da especificidade dessas culturas. Neste magnífico movimento dialógico a língua portuguesa diversifica-se e preserva-se, mantendo um destino plurívoco que confirma a sua própria história»*, diálogo fundacional da RILP.

Nestes termos emerge o espaço de troca cultural que toda a revista contém, unindo espíritos que comungam as mesmas inquietações. O primeiro número abordará em três partes distintas, os problemas da língua e do seu ensino, os conhecimentos das culturas associadas à literatura e à sua dimensão histórico-antropológica e, finalmente, assume-se como instrumento público das atividades da AULP.

Com um conselho editorial intercontinental ainda que sem representante nomeado por Angola, tem representantes no Brasil (Rosa Virgínia Mattos Silva e Atibila T. de Castilho), em Cabo Verde (Alice Gomes Fernandes de Matos), na Guiné-Bissau (Jorge Ampa Cumerlerbo), por Moçambique (Perpétua Gonçalves), em S. Tomé e Príncipe (João Hermínio da Silva Pontífice) e finalmente em Portugal (Manuel Ferreira e Maria de Lurdes Crispim). Com eles estão lançadas as bases de um fórum de discussão científica, apoiado numa complexa estrutura orgânica.

Percorrer a Revista implica compreender como foi solidamente ancorada na dinâmica da sua diretora, Maria Helena Mira Mateus, que preside aos destinos dos dezassete primeiros números, regulares e consecutivos entre 1989 e 1997, oito anos durante os quais não se abstém de, na sua maioria, escrever o editorial, justificando, antecipando ou dando a conhecer ao leitor, a ideia que presidiu ao número, as dificuldades que surgiram, a razão de ser ou, tão só, enumerar os motivos das escolhas.

Estes editoriais não surgem, todavia, como um exclusivo seu e serão entregues aos diferentes organizadores que se sucedem, numa clara expressão de flexibilidade cooperativa, em que será a manutenção de uma estrutura estável e a disposição de conteúdos que lhe dará unidade de sentido e continuidade estrutural.

Numa primeira fase, que se poderia grosseiramente reconduzir aos primeiros quatro números, a RILP emerge como uma revista sobre a língua e a análise dos vários problemas conexos. Assente num - *foco* -, denominação dada ao tema

principal, formatação que se irá manter até 1997, contém acessoriamente, uma zona de recensões e de notícias, local em que é aberto espaço, por um lado, para a divulgação da bibliografia associada; e por outro lado, para dar a conhecer ou registar as iniciativas académicas relativas aos temas articulados com a atividade da AULP.

Assim se segue um segundo número, publicado em Dezembro de 1989, com editorial assinado por Maria de Lurdes Crispim³, que salienta como a RILP deve ser «o espaço vocacionado de diálogo intercontinental de língua Portuguesa, sobre a Língua Portuguesa e as culturas que nela se expressam» dedicando o foco à: «Língua vista - Língua ouvida», como sendo o mote da responsabilidade do conselho editorial português, tratam-se alguns aspetos da relação oral/escrito, dos problemas de ensino/aprendizagem de ambos os códigos e da riqueza do seu uso como meio de expressão estética e cultural. São sobretudo as dificuldades de alfabetização que portugueses e brasileiros expressam, neste foco de *ouvir e falar*. Mas os artigos de Melo e Castro, «O Português, Língua de Experimentar Poesia», ou de Nuno Júdice, «Poesia e Invenção Linguística», com que este segundo número da RILP abre, que lhe dão o carácter universal da ‘Alta Cultura’ que a caracterizará. Ao assinalar, nas notícias, a realização do I Congresso de Escritores de Língua Portuguesa realizado nos dias 1, 2 e 3 de Março desse ano em Lisboa e ao anunciar o IX Congresso da ALFAL (Associação da Linguística e de Filologia da América Latina), a RILP prossegue na senda de se tornar o veículo informativo dos acontecimentos nacionais e internacionais relativos à língua portuguesa.

Aparentemente o número três da RILP assume a polémica questão de abordar o «Português como língua estrangeira». Como explica Fernando Cristóvão no seu texto de abertura de Julho de 1990, é necessário assumir que a «nossa língua tenha futuro». Emergem as questões relacionadas com a criação de uma *política de língua*, para a língua portuguesa. Timidamente ainda, assinala-se que por «muitos descobrirem que não éramos só portadores de um património histórico e literário riquíssimo pouco comum em pequenos países, mas também porque a curva demográfica lusófona, francamente ascensional, nos vaticina um futuro promissor», importa que a língua tenha porvir. Ainda que não diretamente focada numa política de língua específica, a matéria do português como língua estrangeira, será bem ancorada em dois artigos, do conselho editorial português, de Maria de Lurdes Crispim e Manuel Ferreira, que abrem a RILP que nos lega exemplos práticos múltiplos da experiência do ensino do português como língua estrangeira, seja em Lisboa, no Brasil ou na Galiza, em Estrasburgo ou na Hungria, em Salzburgo ou em Utreque, ou finalmente, em Perugia. É na pluralidade dos casos práticos

3. Maria de Lurdes Crispim assumirá a Subdireção da Revista a partir do número quinze. Uma figura nova de coordenação emerge a partir do número 12, e será da responsabilidade de Margarida Correia que vem substituir a Redação de Isabel Fraústo que se manterá desde o início até ao número onze.

ilustrados que as experiências individuais revelam a dimensão da problemática. Finaliza este foco o relatório do ‘ensino do português no estrangeiro’ realizado pelo grupo de trabalho da CRSE⁴.

A final, uma breve notícia, refere-se ao II Encontro da AULP, que decorrerá em Abril de 1990, na Reitoria da Universidade de Évora, sob o tema «O Papel da Ciência e da Tecnologia nos Processos de Desenvolvimento», modesta referência a que não é certamente alheio o afastamento do tema à questão da própria língua, mas também o facto de se ter iniciado com este Encontro, a publicação autónoma das Atas Científicas ainda que, neste caso, em versão meramente copiada.

Este II Encontro da AULP marca o início do esforço de permanência e continuidade estruturada dos temas que a Associação promoverá nos anos subsequentes, nos seus III, IV e V Encontros. Em 1992 (Estoril), a «Ciência e Tecnologia no Desenvolvimento: Os Recursos e as Infraestruturas»; Dois anos depois, em 1994, também no Estoril, o mesmo tema abrigará «O Turismo e o seu Papel no Desenvolvimento dos Países», para em 1995, em Recife, no Brasil, infletir ligeiramente para «O Sistema de Ensino no Processo de Desenvolvimento», temas publicados em coleção autónoma, onde muitos dos responsáveis dos países envolvidos, expressam posições e intenções, o que permite acompanhar o esforço cooperativo da Associação.

Doravante claramente autonomizada, a RILP manterá o foco em especial nos problemas técnicos da língua. O número quatro será dedicado à «Linguística e ensino das línguas». Como o texto inicial de Helena Silva Duarte permite entrever, o que está em causa é a procura de novos modelos técnicos e científicos com o objetivo de levar os falantes da língua a dominarem os processos de leitura e escrita, pois «*não há ciência nem teoria científica que, por si só, forneça pré-preparados os ingredientes para a sua elaboração*». Indício da dinâmica da Revista é a criação, neste número, de uma nova secção - *Ideias* -. Aqui se espelhará a criatividade múltipla de artigos sobre literatura lusófona.

Já a partir do seu único número duplo (cinco/seis) publicado em Dezembro 1991, o âmbito emergirá alargado. Como se a perceção do contacto cultural ganhasse existência. E concretiza um novo campo. O título do *foco* é sugestivo: «Viagens no português». Ora são as influências Árabes na língua portuguesa, o Japonês ou o Chinês quando em contacto com o português. Ora são considerações sócio-linguísticas sobre o português falado em Moçambique,

4. COMISSÃO DA REFORMA DO SISTEMA EDUCATIVO. Em 1988, fora constituído um grupo de trabalho constituído pelos Professores Aníbal Pinto de Castro, Fernando Alves Cristóvão, João Malaca Casteleiro, Jorge Morais Barbosa, Helena Mira Mateus, Maria Helena Valente Rosa, Mário Quintela Vilela, Vasco Graça Moura e Vítor Manuel Aguiar da Silva (Coordenador) que apresentou à Comissão de Reforma do Sistema Educativo um Relatório de que são publicados extratos, e que dará a dimensão concreta sobre política de língua que a Revista, neste número três, já contém.

ou os vocábulos de origem africana no espaço da língua portuguesa. Empréstimos lexicais do português no tsonga ou os Quimbudismos no português literário. A ambiguidade do título leva Helena Mira Mateus a intervir no editorial, justificando-o. «*O título do FOCO no presente número da RILP tem um duplo objetivo. Apresentar aspetos da influência do português noutras línguas com que esteve/ está em contacto, e apresentar aspetos da influência dessas línguas sobre o português*». É a dimensão da interculturalidade que se manifesta. É possível detetar no português europeu restos da presença árabe, como se encontram no português falado em África os íntimos contactos com as línguas africanas ou como se desvendam no português do Brasil, os apertados laços com as línguas ameríndias. As línguas, como os seres humanos, não crescem em isolamento.

Este número fecha com uma homenagem póstuma ao Professor Luís Filipe Lindley Sintra, cujo percurso académico partiu da literatura, numa altura em que, em Portugal, dele não se tinha autonomizado ainda o estudo da língua. Quando começou a ensinar na Faculdade de Letras de Lisboa não se falava de linguística mas sim de filologia, o estudo da língua portuguesa e a sua aplicação literária eram tão íntimos e inseparáveis que havia só um curso, onde moravam as outras línguas parentes: o curso de românicas. Como aí afirma Helena Mira Mateus, não se tratou apenas de uma homenagem a quem a linguística tanto deve, mas ao seu conceito de universidade, que «*não se compadecia com a existência de uma escola monolítica, orquestral, uniformizada. A escola que nos ensinou a viver, em respeito pela liberdade individual, é criadora e tem múltiplos caminhos, vivas discussões, encontros e desencontros, e um querer de comum consciência. A progressiva apropriação científica do nosso falar, da língua que usamos como uma construção do nosso ser-com-os-outros, de nosso ser em liberdade*». Talvez daí que Lindley Sintra falasse de uma ‘língua românica da terceira geração’, quando na sua síntese da História da Língua Portuguesa, este filólogo assim tenha classificado o crioulo de Cabo Verde.

Antecipava-se aqui uma concretização de conteúdo que se manterá nos três números seguintes (sete-oito-nove), em que a intervenção do Brasil também é mais manifesta. Agora o foco incidirá, claramente, nas políticas de língua. Rosa Virgínia Mattos e Silva, de S. Salvador da Bahia, do Brasil, assina o editorial do número sete, quando corria já o ano de 1992, e afirma: «*Entra no seu quarto ano de vida a RILP, e este aniversário coincide com o ano em que se comemora ou contesta a descoberta ou invasão da América pela Europa. Entre essas formas antagónicas que retratam formas opostas de avaliar o evento histórico, nenhum melhor foco do que o escolhido para o nº 7: Política da língua e políticas culturais. Não é a final esse o foco intrínseco, subjacente ao nascimento e à vida da RILP?*».

Aí não se abstêm de se pronunciar aqueles que, desde o início, o tinham compreendido. Artigos individuais, mas de representação institucional, sucedem-se.

José Augusto Seabra, Embaixador de Portugal na UNESCO. Eduardo Prado Coelho, à data conselheiro cultural junto da Embaixada de Portugal em França ou de António Simões Lopes. Este último, enquanto primeiro Presidente da AULP, assina o artigo com o título inequívoco: *Em defesa de uma Política de Língua*. Pede-se ainda a palavra às instituições: a Associação Portuguesa de Linguística e o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa pronunciaram-se. Entidades tão distintas, quanto a Biblioteca Nacional, pela escrita da sua diretora Maria Leonor Machado de Sousa, ou a Lusa, expressam-se e traduzem posições oficiais. Será José Augusto Seabra que melhor sintetiza: «*a consciência crescente, mesmo se ainda difusa e propícia a alguma retórica fácil, de que uma política internacional de língua portuguesa deve ser hoje a prioridade das prioridades da nossa política cultural externa, começa enfim a dar frutos*».

Em Março de 1993, o número oito era dado a público com o foco dirigido à «Língua, Línguas. Como falam os escritores» em que Maria Lúcia Lecpecki, que substituíra Manuel Ferreira no conselho editorial português desde o número anterior, vem alertar no texto de abertura, para o que já se manifestara. Sem perder de atenção os problemas da língua portuguesa, das questões da linguística, didática ou da sua pedagogia, tratava-se agora de o fazer de forma interdisciplinar. No caso, «*entre linguística e literatura. Como falam os escritores, eis a questão*». É a abordagem às utilizações estéticas, ideológicas e de narrativa que a língua regista.

Uma nota informativa no final deste oitavo número, lamenta o falecimento do colaborador da Guiné-Bissau, Jorge Ampa, professor de português e responsável por muitas atividades de animação cultural, elemento essencial para a divulgação da língua portuguesa num país em que, sendo embora língua oficial, o seu ensino enfrenta dificuldades específicas devido ao crioulo e várias línguas étnicas. Será João António de Sá que assegurará a continuidade do conselho editorial na Guiné-Bissau, numa altura em que a situação de guerra ainda não tinha permitido conquistar um membro angolano para o conselho editorial.

Um último número desta segunda fase, o número nove, será dedicado à «Literatura oral e popular», e encerra o ciclo dedicado mais diretamente à Literatura. Maria Del Rosário Albán, em Julho de 1993, no editorial, lembra que quando se fala de literatura, a oralidade não pode ser esquecida. Será a inevitável referência, de como a partir de Portugal, pela ação do Professor Dr. Manuel Viegas Guerreiro que, à frente da linha de ação número quatro do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa, conseguiu fazer reconhecer os méritos da produção anónima e coletiva expressa pela voz popular, e por quem tais estudos encontraram ressonância no Brasil. Quando o Professor Viegas Guerreiro fez a sua primeira viagem à Universidade Federal da Bahia, em 1984, aí deixou alimento para um profícuo desenvolvimento do reconhecimento das tradições populares, portuguesas e brasileiras, expressas nos registos de aproximação luso-

-brasileira no âmbito da literatura oral e popular que nesta RILP transparecem e ficam registados.

Pela sua especificidade, dois números consecutivos inovam a rota da RILP, num justificado tema da responsabilidade de Isabel Hub Faria. «A Criança e a Linguagem», respetivamente em Dezembro de 1993 e em Julho de 1994. Diríamos que estes números, dez e onze, são a expressão da profundidade a que se chegara. Não bastava mais falar sobre o português, mas o seu ensino implicava reconhecer e dar o valor real a cada contexto e situação em que se adquire, aprende, amadurece ou rotiniza o conhecimento de uma língua materna. Afirma-se *«Parece imprescindível saber distinguir, neste final de século e de milénio, o que é necessariamente comum e o que é obrigatoriamente específico em cada sujeito tornado falante do português, monolíngue, bilingue, multilíngue, criado em família, em grupo, na rua, na escola, no interior ou na fronteira, a norte ou a sul do Equador»*.

E é a par desta consciência, que o *foco* do número doze, em Dezembro de 1994, não surpreende. «Norma e Variação. Da Língua Portuguesa», é agora a percepção do diversificado complexo cultural que o mundo da lusofonia representa. *«São muitas raízes que se encontram e entrecruzam e onde a língua portuguesa se espraia como um denominador comum não uniforme, nem monocórdio, mas refletindo a pluralidade e a multifacetação»*, palavras de Suzana Alice Marcelino Cardoso no editorial que abre a Revista.

A *Política da Língua* será doravante mais abertamente assumida. Embora já abordada no número sete, é o número treze que lhe consagra o *foco*. Segundo Maria Helena Mira Mateus, *«numa época em que alguns sectores da 'inteligência' mundial deixaram de olhar as relações económicas como o único, ou pelo menos o mais importante motor da história, numa época em que o estudo das mentalidades voltou a constituir uma forma preferencial de iluminar o percurso do homem, a intervenção explícita no conhecimento e difusão de uma língua tornou-se indubitavelmente uma obrigação política pela qual, no futuro, todos seremos responsáveis.»* São em particular as colaborações de Moçambique pelo contexto de utilização do português em contacto com as línguas nacionais, e as experiências relatadas pela colaboração brasileira neste número e que se referem às línguas indígenas do Brasil, que mostram a dimensão universal dos problemas respeitantes a este domínio. E que dizer do artigo, fruto da colaboração alemã, que permite compreender como condições políticas determinadas, alemãs e africanas, estiveram na base do desenvolvimento de uma área científica particular, a Afro-lusitanística, num país não lusófono e não africano.

Atravessávamos ainda o ano de 1995 e já um número especial vinha a caminho, número catorze, dado a público em Dezembro. Se o *foco* é «O Português

no Mundo», já não são mais as viagens do português pelo mundo, mas o registo concreto do seu ensino. A aventura crioula, os crioulos do Oriente, Macau no período de transição, Timor, o português que se aprende na Tailândia, no Senegal, na Rússia, na Argentina ou no Reino Unido, entre outros.

A particularidade deste número radica no facto de se inserir nas comemorações dos dez anos da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (1986 - 1996). António Simões Lopes, na sua qualidade de Presidente da AULP, vem referir como a RILP «*ao colher contributos de praticamente todos os espaços geográficos da lusofonia, contributos que, deliberadamente ou não, permitem um balanço do desenvolvimento da língua portuguesa*».

É certo que o tema se justificava no ano em que se constituía a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e na mesma data em que os acordos do Mercosul eram assinados. No entanto, mais dez anos serão ainda precisos, para que a AULP se venha a constituir como Observador Consultivo privilegiado da CPLP.

Finalmente, uma fase final, como que de relacionamento externo que anuncia o futuro, marca o ano de 1996, com os números quinze (Julho) e dezasseis (Dezembro). O primeiro traz a marca da pretensão de expansão maior, quando a representante da União Latina em Portugal, Renée Gomes, assina o editorial, numa revista cujo *foco* serão «As Linguagens científicas e técnicas». Procura-se realçar o papel que desempenham as linguagens de especialidade, e em particular as terminologias, na fixação da língua e na sua adequação à modernidade, entendendo a língua como fator predominante de manutenção e transmissão da cultura. O segundo será dedicado ao «Português nos meios de comunicação», expressão já dessa abertura ao exterior, reconhecendo-se as inúmeras questões se põem ao uso da língua na rádio, televisão e imprensa.

Um último número, dezassete, já em Julho de 1997, será especialmente dedicado à Literatura infantojuvenil. No editorial, Maria Augusta Seabra Diniz, lembra que a educação das crianças é um dos elementos fundamentais de qualquer processo cultural, e a dedicação de um número da RILP a este *foco*, significa, antes demais, o reconhecimento da existência de uma literatura de qualidade lusófona especificamente destinada a crianças e jovens. Está em causa o encontro da fantasia do adulto com as experiências e fantasias da criança, dinamizando o encontro do ser humano imaturo com a experiência vivida pelos mais velhos e com a estrutura cultural que organizaram para dar expressão comunicável e partilhável a essa experiência.

Será também este número que marca a saída da última RILP, pela mão de Helena Mira Mateus que, iniciadora do projeto, o vai adotando, filiando e finalmente visa a sua autonomia, prosseguindo na senda de a registar formalmente em seu nome e das suas colaboradoras, numa fase em que as exigências sobre a Edição já se faziam sentir e impunham novas obrigações.

Adversidades marcam a saída de Helena Mateus. Em desacordo com a manutenção da *Revista* como propriedade da AULP, esta reage e em ação judicial⁵, contesta o registo nominativo de Helena Mira Mateus e ganha o reconhecimento da propriedade formal sobre a RILP.

Anos idos, desgostos passados, aqui fica o reconhecimento. Sem o trabalho, a sabedoria e o empenho de Maria Helena Mira Mateus, muito não se teria feito pela língua portuguesa, da qual fica o registo em dezassete números exemplarmente consecutivos, numa gestão cooperativa, cuja forma e conteúdo falam por si, malgrado as dissidências na despedida.

II^a – Série - A maturidade cultural e os incidentes de percurso

A intenção institucional de manter a RILP levou a AULP a solicitar ao Embaixador José Augusto Seabra, à data representando Portugal na Roménia, que dela se ocupasse. Este, ao aceitar o encargo, fá-lo na qualidade de coordenador, trazendo a público um primeiro número, em Dezembro de 2000, impresso no Brasil.

Assumindo que de uma segunda série se tratava (vol.1, nº 1), numa altura em que a Presidência da AULP era Moçambicana da Universidade Eduardo Mondlane, na sequência do primeiro mandato brasileiro efetivo, pela mão do Reitor Ruy Pauletti da Universidade de Caxias do Sul (1996-1999), será adotada uma clara posição institucional para a RILP e o editorial de Inguelore Scheunemann de Souza, Reitora da Universidade Federal de Pelotas, Vice-Presidente Brasileira, igualmente o esclarece.

Este número será publicado no Brasil, realizado na gráfica da Universidade Federal de Pelotas e marca um esforço de internacionalização do próprio local de edição, consequência de novos tempos associativos e das dificuldades jurídico-legais do momento. Certamente em resultado dos embaraços de transporte transatlântico, a sua distribuição em Portugal foi restrita e existem apenas alguns exemplares na sede da AULP. As mudanças gráficas realizadas atualizaram-na e à nova figuração e imagem que será adotada, corresponderá um conteúdo mais livre e culturalmente amadurecido.

A dignidade do número um desta nova série espalha-se no seu objetivo. Porque em 2000 o Brasil festejava 500 anos, Inguelore de Souza, vem no editorial afirmar que o Brasil, «*com 165 milhões de habitantes, sabe de suas altas responsabilidades na preservação da língua comum, pois esta pertence a todos os usuários*». Pois será «*Em nome de uma identidade comum e por ocasião do relançamento da RILP, editada pela AULP, que as Universidades do Brasil, Portugal, Angola, Mo-*

5. Em ata do Conselho de Administração de 15 de Julho de 1999 se dá conta desta ocorrência. Uma ação judicial proposta pela AULP, intentada pelo gabinete jurídico de Pena, Machete & Associados, recuperará a propriedade formal da RILP. Na pendência da decisão judicial decide o Conselho de Administração, na mesma reunião, que o próximo número RILP deveria ser publicado no Brasil e o Diretor da *Revista* deveria ser, por inerência, o Presidente da AULP.

çambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e Macau reforçam o génio mais íntimo de cada povo, sua alma profunda, está presente, sobretudo, em sua língua».

O texto de José Augusto Seabra, na qualidade de coordenador vem reforçar a afirmação. *«A Revista Internacional de Língua Português dedica este seu número especial sob o signo do Quinto Centenário da Descoberta do Brasil, à evocação de domínios e momentos relevantes da vida de um povo que é hoje uma das nações mais importantes da América Latina e do mundo inteiro. No quadro das comemorações oficiais e institucionais dessa efeméride de alcance histórico e civilizacional, não apenas para os dois países irmãos e os da Comunidade linguística a que pertencem, mas para toda a humanidade, pelo seu significado universalista, as Universidades assinalando o acontecimento e mostrando a necessidade de um estudo rigoroso das grandes questões que interessam à prospeção do passado, do presente e do futuro do povo brasileiro, nas suas relações com os outros povos e antes demais com aqueles com quem partilha o idioma comum».*

Para o efeito foram convidados muitos autores. Maria Helena da Rocha Pereira, António Paim ou António Braz Teixeira. Miguel Reale, Maria Beatriz Nizza da Silva ou o próprio José Augusto Seabra, constituem um elenco admirável na expressão escrita que concedem ao diálogo luso-brasileiro.

Simultaneamente, a AULP já tinha festejado dez anos de existência e se o VI Encontro (1996) em Lisboa terá ficado marcado pela comemoração e pelo alento da constituição da estrutura política federativa que a CPLP, dez anos depois ao constituir-se, representava, também a realização do segundo Encontro realizado no Brasil, no Rio de Janeiro⁶ (o VII) e o primeiro Encontro realizado em Macau, o VIII em 1998, marcava a período da efetiva internacionalização da Associação, potenciada pela plena participação da franja asiática. Esta última integração fora significativamente apoiada pelo Governador da Região Administrativa de Macau, General Vasco Rocha Vieira e pelo seu Secretário adjunto para a Administração, Educação e Juventude, Jorge Rangel, apoio com expressão financeira que possibilitou a reforma física e a instalação e equipamento da sede própria da AULP em 1999, em edifício arrendado por simbólico valor pela Câmara Municipal de Lisboa.

No entanto na AULP vinha-se então sentindo necessidade de maior vigor de atuação, para além do convívio interuniversitário que os Encontros proporcionavam, de direção de objetivos e de recuperar a participação de associados, ausentes na sequência de um longo debate interno, iniciado em 1999, com a chamada do Ensino Superior Politécnico à participação associativa, pela mão do Secretário-Geral, Dr. Manuel Coelho da Silva. Este tema viria trazer alguma intran-

6. O VII Encontro, realizado no Rio de Janeiro em 1997 é o único não documentado em Atas, pois a recolha a cargo do Arquiteto Gazanau não terá sido entregue ao Secretariado da AULP.

quilidade à vida associativa, particularmente sentida no XI Encontro em Viseu, então atenuada pela intervenção e ação do Presidente da AULP, Brazão Mazula (1999-2002).

As perturbações sentidas germinaram a convicção da necessidade de mudanças funcionais e nessa sequência, foram aprovadas, em 2001, alterações significativas aos Estatutos, à luz dos quais foi eleita em 2002 uma nova direção, presidida pelo Reitor da Universidade Agostinho Neto de Angola, João Sebastião Teta (2002-2005).

Do ponto de vista institucional, desde 2001 a AULP sofria as mutações que levariam à recomposição do seu Secretariado, uma vez que o Dr. Manuel Joaquim Coelho da Silva, que ocupara funções entre 1986 e 2002, durante dezasseis anos consecutivos num sistema de eleição pessoal, saía, após a alteração estatutária que democratizava a eleição do secretariado, e abandonava funções em desacordo de orientação com sucessivas presidências. Sem prejuízo da sua intensa e longa dedicação, a que a AULP deve vida, a sua saída acarretará consequências que transformarão decisivamente o funcionamento da Associação.

Nesta fase deliberativa da AULP, a RILP manteve-lhe a tônica cultural. Aberta que fora uma segunda série da Revista, um segundo número (Vol.1, nº 2) sairá em Abril 2002. Justificado será a sua dedicação à África Lusófona. Tal como o número anterior fora consagrado à evocação dos cinco séculos de irradiação histórica do idioma comum no vasto geocultural do Brasil, caberá agora a África a atenção de um número especial, que se auto legitima também na sequência da realização do XII Encontro da AULP, nesse ano de 2002, em Luanda.

Será das línguas, mas também de poesia, romance e escrita africana que esta RILP se ocupa. Uma breve antologia dos poetas africanos de língua portuguesa e o encerramento do número com uma tradução de Manuel Viegas Guerreiro do *Conto maconde de tema universal* compõem este exemplar tornando-o um dos mais atraentes da coleção.

Simultaneamente, tomará o lugar de Secretário-Geral, Alarcão Troni, (2002-2005) que acompanhará a Presidência Angolana, mas a sua disponibilidade será interrompida no final desse mandato, pela nomeação subsequente para Presidente do INATEL – hoje Fundação INATEL, prestadora de serviços sociais, nas áreas do turismo social e sénior, do termalismo social, da organização dos tempos livres, da cultura e do desporto populares, com profundas preocupações de humanismo e de qualidade, herdeira histórica da antiga Fundação Nacional para Alegria no Trabalho (FNAT) fundada em 1935.

Os Encontros da AULP emergiam então à luz dos seus associados como fóruns e arenas de discussão em que a centralidade do tema lançado em 2002, no X Encontro em Ponta Delgada, «O Ensino Superior na Sociedade do Século XXI», continha a promessa e acalentava a possibilidade de instituir um espaço lusófono do Ensino

Superior. Aliás, esta temática fora já anunciada em Maputo, Moçambique, quando o primeiro Encontro realizado do lado do Índico, em 1999, o IX, se realizara em torno do sugestivo tema: «A Universidade em Mudança», no início da presidência da AULP da Universidade Eduardo Mondlane cujo Reitor Brazão Mazula foi um impulsionador ativo da presença de Moçambique na Associação das Universidades de Língua Portuguesa e cujo consulado foi marcado pela presença conciliatória e serena de intelectual consagrado às matérias pedagógicas e ao ensino universitário.

De facto, desde 2000, que as reuniões dos dirigentes das Universidades participantes se concentraram na constituição de instrumentos capazes de criar estruturas visando a uniformidade das *Instituições de Ensino Superior e Investigação Científica* do espaço lusófono com vista à mobilidade crescente de natureza intercontinental.

Os temas dos Encontros refletem-no e concretizam-se. O XIII em 2003, em Macau será dedicado ao «Espaço Lusófono de Investigação do Ensino Superior e Investigação», no ano seguinte em S. Paulo, em 2004, a temática do XIV Encontro ajusta-se «Em Busca de uma Cooperação Académica Efetiva entre os Países da CPLP»; para em 2005, no XV Encontro em Lisboa, se concretizar nos «Novos Desafios no Espaço do Ensino e da Investigação dos Países de Língua Portuguesa». Estas reuniões são sede de importantes reflexões sobre os caminhos a percorrer para instituir um espaço académico lusófono e são acompanhadas da questão transversal da Universidade Virtual de Língua Portuguesa.

Mas são sobretudo, o eco e reflexo, da atenção que as autoridades políticas dão a estas propostas, em particular, a receção dos ministros da comunidade dos países de língua portuguesa, que nas suas reuniões assinam a decisão de criar o Espaço Lusófono do Ensino Superior, em Fortaleza em 2004, constituindo um grupo de trabalho no qual foi incluído um representante da AULP, destinado a preparar a respetiva implementação.

Se as dificuldades de concretização dos objetivos da vida associativa da AULP eram patentes na constituição deste espaço de Ensino Superior, quanto à investigação, como afirma José Lopes da Silva, «*Embora tenha sido avançada em reunião de Ministros da Ciência da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, a ideia de criação do espaço de investigação, a sua concretização vai requerer algum tempo. Convém notar que, neste ponto, também não foram plenamente dados, no seio da AULP, todos os passos necessários para uma intervenção efetiva da Associação*».

O funcionamento corrente era também dificultado pela sucessão de dois mandatos exercidos a partir de Presidências longínquas da sede internacional, sediada estatutariamente em Portugal. Todavia será devido ao falecimento súbito de José Augusto Seabra, que esta série da Revista será prematuramente interrompida.

O terceiro e último número, (Vol.1, nº 3) estava pronto e virá a público *in*

memoriam do seu coordenador em Setembro de 2004. Será a José Lopes da Silva, Reitor da Universidade Técnica e Vice-Presidente português da AULP, (2002-2005), que caberá, na sua nota de abertura, ligar de novo de forma intrínseca AULP e RILP.

Este número é o corolário lógico dos dois primeiros. Na sua aparente anarquia cultural, a ordem é fornecida pelo intuito de representação equilibrada e pelo valor equitativo dados aos diferentes universos culturais em presença. Cabia agora ao Oriente. A Macau, onde se realizara em 2003, o XIII Encontro e a esse espaço onde, conformes as palavras de José Augusto Seabra: «*Essa diáspora linguística asiática foi, desde as descobertas até hoje, um elemento preciso de diálogo entre as civilizações orientais e ocidentais, que através de vicissitudes históricas abria caminho à mundialização em curso*».

São Poemas Orientais, Sequências Goesas, é o Japão íntimo de Armindo Martins Janeira, ou as Variações sobre uma ideia de Oriente, escritos de autores onde a paixão pelo Oriente se impõe e onde não faltam textos sobre as famosas «Afinidades com o Oriente» pensadas por Agostinho da Silva.

Do empenho e da coordenação de José Augusto Seabra fica-nos um legado marcante, transmutado em três volumes da RILP: um dedicado ao Brasil, outro a África e este último, ao Oriente.

Desde então órfã de coordenação e atenção, a RILP ficará abandonada à sorte institucional, e à inexistência de coordenação na sede ou de conselhos editoriais repartidos pelos vários continentes, onde países e culturas diferentes concorrem pela expressão em português. Apenas três números (2000, 2002, 2004) em oito anos autenticam o esforço realizado pela manutenção da RILP, mas também a quebra da estrutura antes consolidada.

As vicissitudes da RILP ao longo da segunda série, são certamente intrínsecas, mas são também reflexo de um período de forte debate interno na AULP, de rearranjo de forças e energias, num mundo em mutação que também na AULP se refletiu e a vida associativa espelhou.

No final do mandato da Universidade Agostinho Neto de Angola, em 2005, a presidência da AULP será entregue a Portugal, à Universidade do Algarve (2005-2008), que pela mão do seu Reitor, Adriano Pimpão, se irá ocupar da crise institucional que então assolava o ambiente universitário português, em que Universidades e Institutos Superiores Politécnicos se desencontravam na procura do respetivo lugar no seio do mundo académico português. Controvérsia que se reproduzia no seio da AULP e a que os outros sistemas de Ensino Superior demonstravam estranheza.

A esta escolha da Presidência por Portugal, não será alheio o facto de a Universidade do Algarve ser a única instituição nacional onde convivem aqueles dois tipos de ensino superior, certamente não sem dificuldades, mas com que os seus

responsáveis estão familiarizados e são contrafeitos a bem gerir.

Assim, em Janeiro de 2006, para Portugal, a questão prioritária da AULP será a recomposição do Conselho de Administração, o que será levado a bom porto pelas conversações do seu Presidente, Adriano Pimpão, com o Presidente do Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos Portugueses, Luciano de Almeida, hábeis negociadores que permitiram alcançar a estabilidade pelo lado português, não sem sequelas no âmbito associativo, que muitos associados, nomeadamente do Brasil, não tinham sustentado.

Todavia, a característica da Presidência da RILP ser de foro institucional, não permitiu maiores desenvolvimentos até Março de 2006, data de substituição eletiva dos responsáveis da Universidade do Algarve. Controvertida era a questão do lugar de Secretário-geral, que continuava por preencher, suscitando-se dúvidas sobre a necessidade de profissionalização ou não do cargo, tendo o Conselho de Administração decidido que o funcionamento corrente seria assumido pela equipa de colaboradores composta por Gabriel Feio, Analídia Perdigão e Rogério Rei, com a promessa registada em ata de Janeiro de 2006, de que se tentaria estabelecer contactos com vista ao preenchimento do lugar dentro dos condicionalismos financeiros da Associação.

Em Junho de 2006, em Macau realizava-se o XVI Encontro da AULP, o último dedicado à «Organização do Espaço de Ensino Superior Investigação dos Países de Língua Portuguesa», que demarca quase uma década de esforço cooperativo particularmente dirigido, mas também de arrastamento de uma questão, que ganhava intenção política formal cada vez mais significativa, mas também adquiria distância real da prática efetiva, face à pressão sobre o sistema de ensino superior e de investigação português provocado pela profunda reforma europeia que entretanto condicionava a dinâmica e a autonomia institucional.

Simultaneamente, às alterações no espaço nacional português correspondem também dinâmicas internacionais, de integração regional, de crescimento individual ou regressão, dos outros espaços de língua portuguesa.

Se em 2006, nascia a primeira Universidade Pública em Cabo Verde, já em 2008, era suspensa a única participada em 50% pelo Governo da Guiné-Bissau. Se em S. Tomé e Príncipe a abertura ao crescimento cooperativo se mantém necessário ao pequeno espaço equatorial, em Timor, a cooperação acentua-se sob forma bilateral, a única sustentável face às dificuldades do longínquo novo Estado falante de língua portuguesa. A par, registam-se fortes impulsos governamentais sobre o ensino superior em Angola, cujo impacto certamente se fará sentir nas próximas décadas e que ainda não pode ser mensurado, ao ser descentralizado o ensino superior de Luanda para regiões académico - administrativas com vista à expansão nacional do ensino superior público, que concorre com o manifesto incremento das instituições privadas recém-criadas. Se em Moçambique o cresci-

mento do Ensino Superior Público e Privado aparentemente se alheia por vezes à unidade linguística, já no Brasil, a Presidência Lula veio incentivar fortes dinâmicas autónomas no ensino superior e na investigação, em particular com acentuada motivação na direção Sul - Sul e incentivando a participação em organizações sul-americanas.

Neste quadro diferenciado e dinâmico que se estabelece e vai emergindo, a AULP prossegue a sua atuação. Se a segunda metade do ano de 2006 foi o ano da estabilização do Secretariado⁷, por proposta da recém reassumida Presidência da Universidade do Algarve, pelo Reitor João Guerreiro, e aprovada na Assembleia-geral de Macau; Já em 2007 a AULP acorrerá a Cabo Verde, onde realiza o seu XVII Encontro, para acolher no seu seio, a recém criada Universidade Estatal, sob os auspícios da «Universidade em Rede», única formulação que parece corresponder aos novos tempos e define também uma instituição criada a partir de uma rede poli mórfica anterior de Institutos de Ensino Superior acolhidos sob uma mesma autoridade académica.

Assumida a necessidade científica de ser a Universidade anfitriã a propor o tema sob o qual se reúnem as Universidades e Instituições de Ensino Superior e Investigação Científica de Língua Portuguesa, será à luz deste princípio de democraticidade que doravante se pugnará a atuação da AULP.

A interrupção da publicação das atas dos Encontros Científicos da AULP em 2004, concentrará, na fase inicial, os esforços do Secretariado em disponibilizar os materiais que entretanto dispunha ou recolhe: XIV Encontro em S. Paulo, Brasil, (2004); XV Encontro em Lisboa, Portugal (2005); XVI Encontro, Macau, China (2006) e já sob o título de *Universidade em Rede*, XVII Encontro da Cidade da Praia em Cabo Verde, todos vindos a público entre Novembro de 2007 e Fevereiro de 2008, num esforço de recuperação que estabilizou estas edições e garantiu o acesso da comunidade aos debates neles realizados.

Estreia-se ainda o interesse em disponibilizar edições úteis e capazes de homenagear as Universidades anfitriãs dos Encontros Científicos da AULP, os que nelas se dedicam à investigação, ou se lhes devotaram ou neles se investiram de corpo e alma de investigadores e humanistas. Assim em Cabo Verde, a reedição de «Santiago, a Ilha e os Homens» de Ilídio do Amaral; Assim, em Brasília, a colaboração com a Universidade Católica Portuguesa permitiu levar ao XVIII Encontro, em 2008, Ano Vieirino, novas fixações de textos, belamente ilustrados, de três Sermões do Padre António Vieira, Embaixador das relações luso-brasileiras. Assim, em Angola, no corrente ano de 2009, no XIX Encontro em Luanda, foi possível renovar o acesso ao público académico, às obras de José Redinha, *Etnias*

7. A opção será a de nomeação de uma académica sem exclusividade de funções. Será contratado um jovem cabo-verdiano, Suzano Costa a par da saída por reforma de Analídia Perdigão e da indisponibilidade entretanto manifestada de Gabriel Feio, que exercia as funções de secretário-geral interino desde a saída de Alarcão Troni.

e *Culturas de Angola* e de José Grandvaux Barbosa, *Carta Fitogeográfica de Angola*, ambas obras desaparecidas, reedições agora realizadas pela AULP, fruto do empenho conjunto de várias instituições académicas e científicas.

Entre 2006 e 2008, a atualização do logótipo, marca da Associação onde se registam os vinte anos agora decorridos, a atualização de recursos pelo reinvestimento na página eletrónica da AULP, para que a Universidade de Macau concorera, conseguida a estabilidade financeira e a dignificação externa do edifício da sede, estavam criadas as condições de continuidade saudável da vida institucional da AULP.

A partir da reunião do Conselho de Ministros da CPLP realizada em Bissau em Julho de 2006, a AULP adquire formalmente o Estatuto de Observador Consultivo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, adquirindo o direito a assistir às reuniões de carácter técnico que se afigurem de interesse para os objetivos que a AULP prossegue, onde, no entanto, funções formalizadas se cruzam e desencontram com as burocracias institucionais.

Em 2008, a necessidade do adiamento de Maio para Setembro, da realização do XVIII Encontro em Brasília, consequência de dificuldades internas vividas pela Universidade Anfitriã e de participação de várias instituições, embaraçou a operacionalidade dos meios do Secretariado, porquanto obrigou à duplicação de meios postos à disposição da organização do Encontro que se viria a realizar sob o lema proposto de: «Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento», conforme as Atas publicadas em Fevereiro de 2009 documentam.

Nesse período foram reabertas as relações exteriores da AULP, nomeadamente com a União Latina e com a AUF (Associação das Universidades Francesas) e acentuou-se o esforço para reconstituir um Conselho editorial que permitisse dar continuidade à RILP, mas contactos infrutíferos em Cabo Verde, Angola ou Moçambique não o permitiram. A intenção é clara, os meios restritos e a atividade publicista da Associação intensa. No entanto, em 2008 a *Revista Internacional de Língua Portuguesa* será dada à estampa.

III^a – Série - Um veículo para a ciência e o esforço pela continuidade

Podemos afirmar, que fruto desta viragem e organização, foi pela consciência coletiva que envolveu os órgãos da Administração, do Secretariado e pela iniciativa do seu Presidente, que a RILP renascerá.

Assim, em Maio de 2008, como anuncia o Presidente da AULP à data, João Guerreiro, Reitor da Universidade do Algarve, nas palavras de abertura «*A Revista Internacional em Língua Portuguesa, órgão da Associação das Universidades de Língua Portuguesa, inicia com este número a sua III^a série. Esta nova série representa uma alteração no rumo editorial da Revista. O carácter genérico das séries anteriores é abandonado em benefício da procura de temas que suscitem o interes-*

se da comunidade universitária da CPLP e para os quais se detetam fortes expectativas de criação de redes de investigação ou de pós-graduação, ou do lançamento de programas de mobilidade que abrangam membros da nossa comunidade.»

Não se tratará mais de uma revista sobre a língua portuguesa, mas em língua portuguesa, em que os diferentes estágios da ciência e os desenvolvimentos científicos dos países das comunidades que por ela e através dela comunicam, possam interagir em vários domínios científicos.

A primeira escolha temática recai sobre as *Ciências Agrárias* e será resultado do empenho e competência de um grupo de trabalho liderado por Fernando de Oliveira Baptista do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa em colaboração com Izabel Cristina Takitane, da Universidade Estadual Paulista, do Campus de Botucatu, Brasil, surgindo a público com o título: *Agricultura e Desenvolvimento Rural*.

Como aí se afirma: *«O interesse deste número temático, dedicado às ciências agrárias e aos espaços rurais nos países da CPLP, reside no facto de se poder antever, através da reflexão que os diversos autores fazem sobre essas mesmas realidades, qual o “estado da arte” das preocupações académicas e das pesquisas científicas com incidência naqueles domínios científicos».*

Este primeiro número da terceira série – retomará a numeração inicial, pelo que se apresentará sob o número vinte e um. Esforço de diferenciação na continuidade, rendendo-se dessa forma homenagem à longevidade de mais de vinte anos da RILP.

Nas palavras de abertura, prospetava-se ainda o futuro: *«As colaborações solicitadas terão sempre a preocupação de oferecer um leque tão alargado quanto possível das inquietações que, em cada momento, permitem refletir as problemáticas dos países CPLP, garantindo que cada número temático possa cumprir o seu papel de catalisador no processo de elaboração científica que decorre da inconformidade universitária».*

A atenção focada na agricultura, será tratada a problemática do desenvolvimento rural nos períodos colonial e pós-independência em Angola e Moçambique, e os modelos de desenvolvimento aplicados; Mas são também as especificidades de Cabo Verde; São ainda as questões relativas ao agronegócio, à produção do Biodiesel ou os aspetos relativos à sanidade animal no Brasil; Ou finalmente a procura dos novos caminhos portugueses para o desenvolvimento rural que conciliem as unidades do espaço agroflorestal, com uma gestão multifuncional e adequado quadro institucional. É ainda a experiência de rearticulação do ensino superior das Ciências Agrárias em Timor-Leste. *«É uma diversidade que, cremos, pode permitir enriquecer o diálogo e o debate na academia entre os países de língua portuguesa»*, como refere a nota introdutória dos seus editores.

Reassumida a importância deste veículo de transmissão e criação de cultura

científica em português, assim se planeará no conselho de administração de Janeiro de 2009, por proposta do agora Vice-presidente português da AULP, João Guerreiro, Reitor da Universidade do Algarve, repto aceite pela recém eleita Presidência Brasileira, da Universidade Federal de Minas Gerais (2009-2011), com a Reitoria a cargo de Ronaldo Tadêu Pena e ainda a colaboração aceite pela Universidade Agostinho Neto de Angola, que mais um número da RILP se anuncia a partir de uma estrutura com responsabilidade tripartida.

A proposta inicial de a consagrar aos *Recursos Hídricos Costeiros. Necessidades de Cooperação Científica, Educação e Perspetivas Futuras* com vários tópicos, evoluiu para a centralidade do tema *A Gestão da Água e dos Recursos Hídricos*, cuja formulação final virá a resultar da compilação dos artigos recolhidos ainda com algumas dificuldades pela equipa da sede e anunciados no seu editorial. Visava-se a arrumação temática e a representação pluricontinental o que tornou a tarefa simultaneamente mais desafiadora e difícil.

Já sob a dinâmica e significativa Presidência do Professor Clélio Campolina Diniz, que sucede na Reitoria da Universidade Federal de Minas Gerais pelo que assume a Presidência da AULP, virá a público o número seguinte (23), dedicado às *Cidades e Metrópoles*, sob coordenação científica de Roberto Luís de Melo Monte-Môr, do Centro de Desenvolvimento e Planeamento Regional da UFMG, a RILP ganha, então, claros contornos científicos de importância temática significativa, sempre da responsabilidade dos seus editores científicos designados pelas Universidades que o Conselho de Administração atribui.

Os números que se lhe seguem foram sucessivamente coordenados por João Peixoto (Instituto Superior de Economia e Gestão de Lisboa, Portugal) e Duval Fernandes (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais) dedicado ao tema *Migrações* em 2011, vigésimo quatro número, que definitivamente consagra o interesse brasileiro em se manter nas coordenações científicas da RILP, perdendo-se todavia o esforço temático em favor de uma representação dos vários países integrantes da comunidades de língua portuguesa, o que se manterá nos números seguintes, porventura por falta de orientação em outra direção.

A *Segurança Alimentar*, assunto caro à nova presidência de Moçambique, recém-eleita da Universidade do Lúrio, sob a Presidência de Jorge Ferrão, será o tema escolhido em 2012, sob coordenação conjunta de Bernardo Pacheco Carvalho (Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa, Portugal), de João Mosca (Universidade Politécnica de Moçambique) e Walter (Universidade de Campinas, Brasil), que será publicado o vigésimo quinto número. Em 2013, o número 26 segue a mesma linha e, será dedicado ao *Turismo*, sob coordenação científica de João Albino Silva da Universidade do Algarve, Portugal e de Francisco Anjos da Universidade do Vale de Itajaí, Brasil.

Este número sairá a público já com dificuldades, resultantes da ausência da

figura tutelar da sede, o secretário-Geral, o que provocou alguma instabilidade editorial. A demissão do cargo de Secretário-geral e a sua substituição temporária por uma secretária executiva, Dra. Teresa Botelho (2010-2013), cuja saída em meio de mandato, obrigaram a soluções de recurso, em que só o esforço de continuidade por parte da sede, permitiu a publicação do vigésimo sétimo número dedicado ao *Mar* ainda no ano de 2014, conforme explica o editorial, publicado já sob a Presidência da Universidade de Macau, representada pelo seu Vice-Reitor, Rui Martins em que se mantém o esforço apenas de representação por países, em detrimento do alinhamento temático.

Finalmente com o número cumulativo 28 e 29, *Rotas e Mercadores*, publicado no corrente ano de 2015, firma-se o retorno ao arranjo temático e simultaneamente de representação pluricontinental. Este número regista o regresso da coordenação científica às mãos da Universidade Federal de Minas Gerais, pela designação de Júnia Furtado, e acerta-se a numeração editorial de modo a coincidir com a data dos trinta anos associativos.

Entre 2009 e 2016, a estabilidade da escolha por uma revista temática manteve-se e com este número festivo e historiográfico, comemorativo dos 30 anos da AULP, se encerra esta III Série, a qual coordenada pela equipa da sede, regista os trinta anos de atividade associativa.

Tempos diferentes impõem novos rigores. Motivo pela qual, a RILP foi, entretanto, preparada editorialmente no Secretariado para registo, passou a estar referenciada no catálogo internacional LATINDEX, sistema internacional de informação internacional de revistas científicas, cujas exigências numa primeira fase, impuseram a sua anualidade, um conselho de acompanhamento científico e um processo de revisão de conteúdos que a transformou numa adequada revista científica tendente à circulação internacional.

Numa segunda fase que marcará a IV série a iniciar em 2017, a RILP será submetida à pressão de se converter em semestral, condição para integrar outros catálogos de referência científica, nomeadamente o SCIELO a que será submetida para apreciação, cumprindo assim critérios internacionais que tenderão em reverter a RILP numa revista mais atrativa no universo das publicações internacionais.

Estamos em crer que a RILP como meio de comunicação científica determinará e assegurará à *Revista* a continuidade da sua publicação. Queremos, para concluir, retomar a tese que justificou estas incursões no domínio da *Revista Internacional de e em Língua Portuguesa*.

A língua enquanto código de cultura partilhado representa um tipo de poder, presente tanto na dimensão política, quanto na económica e mostra que o tipo de poder que a “cultura” veicula dá corpo a tipos de exercício do poder em formatos benévolos que nos comprazemos a preferir em sociedades pacificamente organizadas.

A recuperação da cultura científica: obras comemorativas

Pandora Guimarães

Gabinete de Comunicação da AULP
Mestranda em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, ISCTE-IUL

Desde 2007 a AULP é responsável pela edição de obras comemorativas que contribuem para engrandecer o panorama literário e científico nos países onde se fala a língua portuguesa. No ano em que a AULP completa 30 anos, reúne dezasseis obras publicadas nos Encontros anuais da associação.

Nos últimos anos, desde 2007, a AULP vem editando um conjunto de obras comemorativas nos seus encontros anuais, onde a dispersão dos seus membros leva a que os encontros assumam um caráter itinerante e reúnam contribuições originárias das diversas latitudes, enriquecendo o debate científico e favorecendo a relação entre os membros da comunidade.

Reedições fac-similadas de obras inacessíveis, livros científicos de reconhecido valor já desaparecidos ou cuja oportunidade se faz sentir são distribuídas gratuitamente por todos os membros.

O projeto surge em 2007 durante os preparativos do XVII Encontro da AULP. A associação preparava-se esse ano para regressar, pela primeira vez desde 26 de novembro de 1986, ao país onde fora assinado a ata da constituição - Cabo-Verde. Com apenas sete meses de existência, a Universidade de Cabo Verde decidiu fazer parte da família AULP, filiando-se à associação, e abraçou o desafio de receber o XVII Encontro da AULP, que teve como temática “A Universidade em Rede”.

É neste contexto que a AULP decide editar uma obra comemorativa de elevada importância cultural e científica tanto para o país de acolhimento, como para as instituições de ensino superior presentes no encontro. “*Santiago de Cabo Verde: A Terra e os Homens*” é assim a primeira obra comemorativa lançada, resultado da colaboração entre várias instituições de ensino superior e de investigação: a AULP, o Centro de Estudos Geográficos das Universidade de Lisboa (CEG-UL), o Instituto de Investigação Científica e Tropical (IICT), a Universidade do Algarve (UALG) e a Universidade de Cabo Verde (UNICV).

Com uma tiragem de 1000 exemplares, e mais de 500 páginas com estampas e mapas no final deste livro de capa rija, trata-se de um texto editado pela antiga Junta de Investigações do Ultramar, e há muito esgotado, que reúne um conjunto de informações, de reflexões e de sugestões interpretativas ainda hoje

com enorme interesse e frequentemente procuradas pelos investigadores que, na atualidade, orientam a sua atenção para o estudo do território cabo-verdiano, dos seus recursos, das suas gentes e das suas atividades.

O livro que se reproduziu sobre a Ilha de Santiago, em Cabo Verde, constitui a tese de doutoramento de Ilídio do Amaral, apresentada na Faculdade de Letras de Lisboa em 1964. O autor desta obra faz parte do conjunto de universitários que dedicaram uma parcela significativa da sua atividade de investigação científica aos problemas dos territórios africanos que, até 1975, estiveram sob administração portuguesa. O labor desenvolvido por aquele conjunto de investigadores permitiu um melhor conhecimento dos territórios africanos em diversos domínios inseridos nas ciências naturais e nas ciências sociais.

A agronomia, a zootecnia são alguns dos domínios privilegiados nesse movimento que permitiu alargar os mundos do conhecimento e que constitui um importante legado acolhido em revistas, livros, documentos, memórias, relatórios, projetos, mapas, etc.

Note-se que Ilídio do Amaral dedicou toda a sua vida ao ensino e à investigação científica na área da geografia, explorando a perspetiva monográfica bem afirmada pela Escola de Geografia de Lisboa - sendo este texto publicado sobre a Ilha de Santiago um exemplo inovador.

No ano seguinte, por ocasião do XVIII Encontro da AULP, é publicado o livro “*Sermão de S. António aos Peixes, Sermão da Sexagésima, Sermão do Demónio Mudo*”, edição lançada no dia 10 de Setembro de 2008 na Biblioteca Nacional de Brasília, país onde decorreu o encontro. Associando-se às diversas iniciativas que integram a comemoração dos 100 anos desde o nascimento do Padre António Vieira, a AULP participou no lançamento desta obra.

António Vieira nasceu em 1608, viveu 89 anos e, nesse longo percurso revelou-se um cidadão notável no seu tempo. A sua vida foi preenchida por sucessivos confrontos com os valores prevaletentes na sociedade seiscentista. Originário de uma família humilde, António Vieira circulou no seu mundo associando parte substancial da sua ação à crítica social, utilizando os sermões, normalmente de conteúdo metafórico, como principal instrumento de influência, de persuasão e de transmissão das suas ideias.

Intervindo de forma ímpar no panorama da cultura e da língua portuguesa, assumiu de forma decisiva uma postura de crítica social, fortemente desvalorizada na época. Tomou contacto com algumas das comunidades que se inserem nos dias de hoje no mundo da língua portuguesa: Portugal, Brasil, Cabo Verde, tendo acompanhado de perto o enorme fluxo de africanos que, nesses anos de seiscentos, foram transferidos dos territórios de África para as costas do Brasil.

Com ilustrações originais de João Alvim, este livro reproduz assim três sermões que constituem uma amostra dos 203 que o Padre António Vieira passou à

escrita - Sermão de S. António aos Peixes, Sermão da Sexagésima e Sermão do Demónio Mudo.

A concretização desta edição de grande importância para as comunidades de língua portuguesa resulta da colaboração de várias instituições: a AULP, a AN-DIFES (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, Brasil), a Fundação Luso-Brasileira, o Instituto Camões, a Universidade do Algarve e a Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Em 2009 são editadas duas obras comemorativas “*Etnias e Culturas de Angola*”, e “*Carta Fitogeográfica de Angola*”, que vieram enriquecer a conferência internacional organizada pela AULP em conjunto com a Universidade Agostinho Neto, Angola.

O XIX Encontro da AULP teve como tema “Direito, Cidadania e Desenvolvimento”, dando particular atenção a dois sectores, a promoção da educação e da cidadania a partir das novas tecnologias e, a reflexão sobre os modelos de desenvolvimento, procurando identificar as potencialidades da maior intersecção entre a Universidade e a sociedade, passíveis no futuro de maior aprofundamento. Foi ainda abordado no painel final do Encontro, a problemática da língua e da cultura como meio de promover o melhor relacionamento nos âmbitos científico, tecnológico, artístico, cultural e diplomático entre os povos dos países da CPLP.

O livro “*Etnias e Culturas de Angola*” é da autoria de José Redinha, grande pesquisador e etnólogo português. Com 250 figuras e 2 mapas, a concretização deste projeto editorial foi resultado de uma colaboração profícua entre várias instituições: Ministério da Cultura de Angola, Banco Nacional de Angola, Universidade Agostinho Neto (Faculdade de Letras e Ciências Sociais), Universidade Federal de Minas Gerais (Centro de Estudos sobre a Presença Africana no Mundo Moderno), Universidade do Algarve (UALG), Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (Centro de Estudos Africanos, ISCTE-CEA) e a AULP.

O trabalho de catalogação e de classificação realizado nesta obra é relevante se considerarmos a condição pluriétnica de Angola e a história da constituição geográfica, organizacional e cultural desse país, tendo em conta a diversidade do povo Angolano.

Este livro é assim uma peça chave no entendimento da formação histórica e social do povo angolano e na reflexão sobre o lugar das culturas étnicas no quadro da mundialização.

Já a “*Carta Fitogeográfica de Angola*”, escrita pelo assistente do curso superior de agronomia da Universidade de Luanda e investigador do I.I.C.A., Luís Augusto Grandvaux Barbosa (1914-1983), é reeditada por ser uma obra há muito esgotada. Originalmente editada pelo extinto Instituto de Investigação Científica de Angola, e em número muito reduzido, sendo um trabalho de referência para

todos os estudiosos das ciências biológicas de Angola, em particular para os investigadores da flora angolense.

Pode-se esperar desta obra uma atualização dos nomes científicos das plantas, bem como uma breve nota biográfica de Grandvaux Barbosa, elaboradas pelo Professor do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa, Ilídio Moreira, e pelos investigadores do Instituto de Investigação Científica Tropical - IICT, Eurico Sampaio Martins e Maria Fernanda Pinto Basto.

A concretização deste projeto editorial da AULP, com uma tiragem de 1000 exemplares, foi resultado de uma colaboração profícua entre várias instituições: Associação de Ensino Superior em Ciências Agrárias dos Países de Língua Portuguesa (ASSECA-PLP), Universidade Agostinho Neto (Faculdade de Ciências Agrárias do Huambo, UAN-FCAH), Universidade Federal de Minas Gerais (Instituto de Ciências Agrárias, ICA), Centro de Estudos Tropicais para o Desenvolvimento (CENTROP/ISA-UTL), Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD), Ministério da Ciência e Tecnologia de Angola, Ministério da Agricultura de Angola, Ordem dos Engenheiros de Angola (OEA) e Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Técnica de Lisboa (FMV-UTL).

Em 2010, a AULP lança o “*DITEMA - Dicionário Temático de Macau*”, uma coleção de quatro volumes, em que o primeiro foi lançado por ocasião do XX Encontro da AULP realizado de 7 a 10 de Setembro na Universidade de Macau. Esta edição não se limita à história do Território, hoje R.A.E.M. - contém informação sobre os factos, os lugares, os costumes, as relações, as personagens reais e fictícias que povoam o real e o imaginário da Cidade do Santo Nome de Deus.

A ideia de organizar um “Dicionário de História de Macau” surgiu em 1998, pelo Professor António Rodrigues Baptista e subscrita com entusiasmo pela Direção do então Instituto de Estudos Portugueses. A Universidade de Macau, através da sua Comissão de Investigação Científica, acolheu com agrado e benevolência a proposta.

O volume I examina Macau de A a C. Contém informações que vão desde Ábaco, Anson, Barão George (1697-1752), Biblioteca de Macau, Budismo, Chá, Clube de Macau até Cushing, Caleb (1800-1979).

Já o volume II examina Macau de D a I. Factos, lugares, costumes, relações, personagens reais e fictícias, como D. João, Ilha Verde, Imperadores da China, Escola Portuguesa de Macau, Feira de Cantão, Vasco da Gama, até Instituto Cultural de Macau ou Itier, Alphonse Eugène Jules (1802-1877).

O volume III vai de J a O, discutindo temas tão relevantes como os descobridores do Japão, relações de Macau com o Japão, literatura macaense, Jade, Kun Yam, Língua Portuguesa em Macau, Mercadores de Macau, ou Nanguang e Ouvidor. Por último, o volume IV examina Macau de P a Z. Padroado Português, Qianlong, Imperador, Reis de Portugal, Seda, Taiping, Ultramar, Vietname, Wei

Yuan, Xinqiao, Yu Dayou, Zodíaco Chinês, são alguns dos temas retratados neste volume.

Sob orientação de Ernesto Rodrigues e Amadeu Ferreira, e ilustrações de Graça Morais, “*A Terra de Duas Línguas - Antologia de Autores Trasmontanos*” é publicada em 2011, por ocasião do XXI Encontro da AULP, em Bragança, que discutiu o tema “Novas Formas de Cooperação: Espaços de Convergência nos Países Lusófonos”. Integrando a coleção de edições da AULP, entra no amplo universo académico, reunindo poesias, contos, memórias, artigos, análises e conferências escritos em português ou em mirandês, entre o final do século XIX e os dias de hoje, por autores nascidos na região de Trás-os-Montes. Esta obra pretende contribuir para manter vivo o mirandês, língua há muito falada no norte de Portugal e considerada a segunda língua oficial de Portugal desde 1999.

Com o prefácio escrito por Adriano Moreira, que enfatiza a importância da obra e defende que a globalização não é incompatível com a valorização da cultura local, este é um livro que dá a conhecer a história das artes e das letras transmontanas, bem como a rica tradição cultural local.

No mesmo ano, é publicado “*Alto Trás-os-Montes - Estudo Geográfico*”, da autoria de Virgílio Tabora, resultado da tese de Doutoramento em Ciências Agrárias do autor. Uma obra que reúne um conjunto de informações, reflexões e sugestões interpretativas de enorme interesse e atualidade para a compreensão global das dinâmicas de desenvolvimento da região.

Este livro é uma contribuição para o estudo geográfico de Portugal, a região designada por Alto Trás-os-Montes que é uma província mergulhada no isolamento das suas montanhas e vales profundos, privado de estradas e caminhos acessíveis, de natureza rude, clima excessivo, solo em regra pouco fértil. Trás-os-Montes oferece, desde cedo, uma fisionomia peculiar que o distingue das outras regiões de Portugal.

“*Os Macondes de Moçambique*”, é a obra comemorativa do XXII Encontro da AULP em 2012, Maputo, Moçambique. Uma edição de 4 volumes que estudam em profundidade o povo maconde até 1960: “Aspectos Históricos e Económicos” (vol. I) - Jorge Dias; “Cultura Material” (vol. II) - Jorge Dias e Margot Dias; “Vida Social e Ritual” (vol. III) - Jorge Dias e Margot Dias; “Sabedoria, Língua, Literatura e Jogos” (vol. IV) - Manuel Viegas Guerreiro.

O volume I, “Aspectos Históricos e Económicos” por Jorge Dias, é o resultado das campanhas de pesquisa etnográficas levadas a cabo pela Missão de Estudos das Minorias Étnicas no Norte da Província de Moçambique. A Missão foi criada em 1957 e chefiada pelo etnólogo Jorge Dias tendo como adjunto Dr. Manuel Viegas Guerreiro e pelo primeiro assistente Margot Schidt Dias.

“Cultura Material” (vol. II) é regido por Jorge Dias e Margot Dias, e especialmente dedicado á cultura material. Estuda se a aldeia maconde, as suas

habitações e construções destinadas a guardar animais e as reservas alimentares, maneira como se preparam os alimentos e como se come, os cuidados que os Macondes têm com o seu corpo do ponto de vista de asseio, vestuário e as diferentes mutilações.

O volume III, “Vida Social e Ritual”, é trabalho baseado na recolha de material recolhido de 1956 a 1961, mas para os autores, Jorge e Margot Dias, este volume é o mais importante dos três porque nele abordam a vida social dos Macondes como um todo estrutural.

Por fim, no volume IV “Sabedoria, Língua, Literatura e Jogos”, regido por M. Viegas Guerreiro, adjunto da Missão das Minorias Étnicas do Ultramar, como o próprio nome indica, fala da sabedoria dos Macondes, o tempo e sua divisão, números e medidas, medicina e os animais, plantas e minerais do povo Macondense. Assim como, a sua Língua e Literaturas (contos) e Jogos (adivinhas).

A publicação resulta da reedição das obras originais de 1964 - resultante das campanhas de pesquisa etnográfica levadas a cabo pela Missão de Estudos das Minorias Étnicas no Norte da Província de Moçambique.

Em 2013, com o XXIII Encontro da AULP na Universidade Federal de Minas Gerais, no campus Pampulha, a Editora UFMG optou por relançar a primeira biografia de um dos personagens mais importantes da história de Minas Gerais: o escultor barroco Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Foi assim reeditado a obra *“Traços biográficos relativos ao finado Antônio Francisco Lisboa, distinto escultor mineiro, mais conhecido pelo apelido de Aleijadinho”*.

Reeditado por ser um livro alusivo à cultura e história do lugar sediado para o Encontro, os traços biográficos relativos ao finado Antônio Francisco Lisboa, distinto escultor mineiro, mais conhecido pelo apelido de Aleijadinho, foram escritos em 1858 pelo professor, promotor e deputado provincial mineiro Rodrigo José Ferreira Bretas, que narra o drama e os sofrimentos vividos pelo artista para materializar a sua obra.

“A nossa cultura é plural e as obras de Aleijadinho retratam a junção da nossa herança lusa, africana e autóctone. Queríamos um livro sobre um artista que nos representasse. Essa biografia que a Editora UFMG relança é pouco conhecida, mas muito interessante. O prefácio do crítico cultural Silviano Santiago contextualiza a obra e a importância do Aleijadinho para o século XVIII”, explicou o diretor da Editora, Wander Melo Miranda.

A obra ganhou um ensaio fotográfico produzido por Jomar Bragança, que retrata diversas criações do escultor encontradas em museus e cidades históricas mineiras, como a escultura do profeta Ezequiel que integra o património cultural de Congonhas do Campo. O livro tem também um significado especial para a Editora por ser a milésima publicação de seu catálogo.

Antônio Francisco Lisboa, Aleijadinho, foi um importante escultor, entalhador e arquiteto do Brasil colonial. Toda a sua obra, entre talha, projetos arquitetônicos, relevos e estatuária, foi realizada em Minas Gerais, especialmente nas cidades de Ouro Preto, Sabará, São João del-Rei e Congonhas. Os principais monumentos que contêm as suas obras são a Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto e o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos. Com um estilo relacionado ao Barroco e ao Rococó, é considerado pela crítica brasileira como o maior expoente da arte colonial no Brasil.

No XXIV Encontro da AULP, em Macau, 2014, são publicados três livros: “*O lúdico na história do oriente português*”, “*The Art of Modern Portuguese Cuisine*” e “*A Misericórdia de Macau (Séculos XVI a XIX)*”.

“*O lúdico na história do oriente português*” escrito por Cândido do Carmo Azevedo, ex-Estado Português da Índia e atual professor coordenador do Instituto Politécnico de Macau, é um livro que “convida-nos a uma viagem. Uma viagem a efetuar pelos diversos itinerários geográficos, culturais e sociais em que se cumpriram a diáspora, a errância e a peregrinação portuguesas no Oriente. Navegando através do tempo, apresenta mosaicos reveladores dos escolhos, dos possíveis e impossíveis da miscigenação lúdica, como espelho das diferenças e assimilações no contexto mais abrangente. (...) Por tudo isto, o livro e o seu autor merecem o nosso aplauso, apreço e reconhecimento; merecem, sobremaneira, que os acompanhem com atenção desperta e consciência inquieta na esplendorosa viagem que nos proporcionam.” - Jorge Olímpico Bento, Professor Catedrático da Universidade do Porto.

“*The Art of Modern Portuguese Cuisine*”, é uma obra publicada originalmente em 2010 pelo Instituto de Formação Turística de Macau, com introdução da Dra. Fanny Vong, prefácio de David Wong e receitas de David Wong, Dell Griffin, Wong Man Su, Cheang Chi Sam e IFT Kitchen Associates. Um livro de receitas educacional com base em ingredientes tradicionais portugueses e especiarias das colónias apresentados de uma forma moderna.

Por fim, “*A Misericórdia de Macau (Séculos XVI a XIX)*”, escrito por Leonor Diaz de Seabra, sendo uma publicação conjunta da Universidade de Macau e da Universidade do Porto, com uma tiragem de 500 exemplares, cada um com 692 páginas. O livro corresponde á tese de Doutoramento no Ramo de Conhecimento de História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no dia 22 de Janeiro de 2007.

Mais recentemente, em 2015, a AULP reeditou “*A ilha do fogo e as suas erupções*”. Esta obra fac-similada é fruto do marcante contributo do Professor Orlando Ribeiro para o conhecimento aprofundado sobre a erupção vulcânica na ilha do fogo e a sua geografia. A Professora Doutora Suzane Daveau e o Professor Doutor António Ribeiro autorizaram a realização esta edição, tendo ficado o prefácio escrito por Professor Doutor José Madeira.

Esta edição aparece por sugestão da Universidade de Cabo Verde (Uni-CV), pela atualidade face à recente erupção do vulcão da Ilha do Fogo em novembro de 2014, sendo pertinente a concretização deste projeto editorial por ocasião do XXV Encontro da AULP - em Cabo Verde, entre 15 e 17 de julho de 2015, - com o tema “Novos desafios para o Ensino Superior após os objetivos de desenvolvimento do milénio (ODM)”.

Trata-se de uma obra ímpar sobre a geografia e geologia de uma das mais emblemáticas ilhas de Cabo Verde, escrita, na sequência da erupção de 1951, pelo insigne geógrafo português. Durante os dois períodos que passou na ilha do Fogo, uma curta estada no decurso da erupção e um período mais dilatado em finais de 1952 e início de 1953, Orlando Ribeiro compilou importantíssimo acervo de informação que não se restringiu apenas aos aspetos geológicos e eruptivos, mas também á geografia física e humana daquela ilha.

O conteúdo desta obra encontra-se dividido em duas partes; a primeira trata da Geografia da ilha do Fogo, a segunda da história eruptiva da ilha, incluindo a descrição das observações efetuadas durante e após o final da erupção de 1951. Os dois temas estão ilustrados por figuras e esquemas intertexto e por um importante conjunto de fotografias reunidas em estampas no final do livro.

Ainda hoje, sessenta anos após ter sido escrita, a Ilha do Fogo e as suas erupções continua a ser uma obra de referência para quem se interesse pela ilha do Fogo, quer sejam geógrafos, geólogos ou público em geral.

Em 2016, ano em que a AULP comemora os 30 anos de atividade, são editadas duas obras comemorativas por ocasião do XXVI Encontro da AULP em Díli, Timor-Leste. “*Timor-Leste: Identidade e Território*” é uma memória que recorda a história do país através de um artigo escrito para a ocasião pelo investigador Fernando Augusto de Figueiredo, que tem dedicado grande parte da sua vida académica a estudar o país e a sua história. É recordado neste texto os reinos timorenses, a presença portuguesa no país, as problemáticas associadas à fronteira marítima, bem como os acontecimentos mais relevantes que levaram a bom porto a independência de Timor-Leste a 20 de maio de 2002.

Oferecido a todos os membros e participantes do Encontro, a este opúsculo junta-se ainda a relevante Planta das Operações na Pedra do Cailaco, [CA. 1727], cedida pelo Arquivo Histórico Ultramarino, que se traduz num desenho anexo a uma carta enviada pelo governador de Timor, António Moniz de Macedo, para o vice-rei de Goa, Saldanha da Gama, em 30 de Abril de 1727. Um valioso documento para a história do país, reproduzido no primeiro Encontro da AULP em Timor.

“*Virtudes de algumas plantas, folhas, frutas, cascas e raízes de diferentes árvores e arbustos da Ilha de Timor*” é uma obra fac-similada, cujo códice é um documento ímpar para a História Natural de Timor-Leste, com desenhos

aguarelados que acompanham a descrição exaustiva das plantas referenciadas e a listagem de remédios que delas podem ser obtidos e que eram usados pelas gentes de Timor. Escrito e desenhado em longas folhas de papel de arroz por Frei Alberto de S. Thomaz, missionário em Timor no ano de 1749, este é um manuscrito de 64 páginas belamente ilustrado que enaltece as qualidades de etnógrafo e de naturalista do autor. Escrito entre 1788 e 1800, encontra-se conservado e guardado no Arquivo Histórico Ultramarino de Portugal.

Acompanhando a descrição das imagens, está uma lista de remédios criada por sucessivas gerações timorenses que podem ser obtidos através das plantas representadas. São 32 desenhos de plantas medicinais, acompanhadas de uma exposição ou descrição de cada uma delas. “(...) *Nódoas, pisaduras, feridas, chagas, inchações, dores de corpo e de cabeça, defluxões e catarrais, febres e obstruções, indigestões, disenterias, flatos e torpores de barriga, esquinências pedras na via, gonorreias ou supressão do mês e das urinas, postemas, fraturas, ausência de tato, membros gretados, hidropézias, urinas sanguinolentas, olhos inflamados e “câmaras de sangue”, bexigas, hemorroidas, envenenamentos, picadas de cobra, e mesmo para os nado-mortos na barriga das mães (...)*”.

No final do códice está presente uma legenda desses textos, resultado de uma leitura cuidada. Nem sempre o escriba se deixou ler e a evolução da língua não facilitou a tarefa, pelo que na legenda ainda surgem algumas interrogações que todavia são uma evolução da leitura da edição do Ministério de Ultramar de 1969, que serviu de base para esta legenda.

O valor deste documento raro do século XVIII, é ampliado ao referir-se a uma ilha do arquipélago de Sonda ainda hoje com tantos mistérios a desvendar para várias ciências. Documentos dessa época, e referentes à botânica dessa zona do globo, são raros e daí o grande interesse que merecem estes desenhos das plantas de Timor.

De Angola ao Brasil, de Cabo Verde a Portugal e passando por Macau, estas edições de manifesta riqueza cultural, contribuem para engrandecer o panorama literário e científico nos países onde se fala a língua portuguesa. Escolhidos na sua maioria pelos países de acolhimento do Encontro, a AULP serve, assim, os interesses da comunidade científica.

Prémio Fernão Mendes Pinto, uma iniciativa da AULP

João Guerreiro

Professor da Universidade do Algarve e antigo Presidente da AULP

O Prémio Fernão Mendes Pinto foi instituído pela Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) em 2008. Correspondeu a uma componente de uma estratégia mais vasta, desenvolvida por esta Associação, no sentido de criar mecanismos efetivos de relacionamento entre as comunidades académicas e científicas de língua portuguesa. Abrangia não só os países da CPLP como também os Departamentos de cultura portuguesa ou hispânica existentes em universidades por esse mundo fora.

As relações entre universidades dos oito países de língua portuguesa avançavam então com significativo dinamismo, valorizando sobretudo os projetos bilaterais. A adoção por parte de Portugal da reforma de Bolonha introduziu algumas dificuldades nesse relacionamento, pois os cursos de licenciatura passaram a ter uma estrutura diferente dos existentes no Brasil e nos países africanos. No plano das pós-graduações e do intercâmbio de professores e investigadores, a cooperação tinha contudo condições para avançar. Mas dificilmente se conseguia conceber programas que pudessem animar conjuntamente a constelação das universidades destes países. Os próprios Governos quedavam-se então em Declarações de intenção, sem adotarem programas concretos de cooperação.

No âmbito do que a AULP podia fazer, foi lançada uma iniciativa que teve como objetivo fomentar esse reencontro coletivo. E lançou-se o Prémio Fernão Mendes Pinto.

Não foi inocente a escolha do patrono do Prémio. Personagem exótico e utópico da contra-cultura de Quinhentos, Fernão Mendes Pinto percorreu diversos cantos do mundo correspondentes à diáspora portuguesa de então. Descreveu realidades diferentes, relacionou atividades e culturas, caracterizou personagens e profissões, quantificou mercadorias, rendimentos e edificações, denegriu os cobiosos e os aventureiros, em transbordantes descrições que, como refere Eduardo Prado Coelho, “conta, mas conta apenas o essencial do essencial, deixando de lado o que poderia ser o pormenor, ou ainda o pormenor do pormenor”. Características que quase se poderiam esperar de uma dissertação académica.

Fernão Mendes Pinto circulou pelo mundo, valorizou culturas e civilizações, descreveu hábitos e preceitos, comparou comportamentos e registou toda essa experiência na obra da sua vida: Peregrinação.

Daí o simbolismo que se pretendeu dar a este Prémio, escolhendo para patrono um personagem que conheceu mundo, que apreciou culturas diversas, que se interessou pela essência das coisas e dos fenómenos (sobretudo humanos) e que não evitou manifestar-se em contra-corrente em relação ao ambiente intelectual prevalecente na sua época.

São também características das teses universitárias, resultantes de processos de construção de conhecimento, muitas vezes em rutura com o senso comum, de explicação de novos aspetos da realidade ou de descobertas inovadoras nos domínios da vida e da tecnologia.

O Secretariado Executivo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e o Instituto Camões apoiaram desde a primeira hora o Prémio, alocando uma verba para o Prémio (CPLP) e criando condições para a edição do texto premiado (IC).

O Prémio foi criado com uma periodicidade anual e propôs-se avaliar dissertações e teses apresentadas em provas académicas no ano imediatamente anterior ao ano a que o Prémio diz respeito. Obriga à apresentação do texto em língua portuguesa e privilegia as teses que resultem de cooperação entre universidades e equipas de investigação, ou que se baseiem em percursos cooperativos de iniciação à investigação científica realizados em duas ou mais universidades de países distintos. Desta forma se pretendia fomentar a colaboração entre universidades de países diferentes, sendo até critério preferencial as candidaturas que resultavam justamente dessas colaborações.

É reconhecidamente uma iniciativa de alcance limitado, mas contribui para colocar em confronto universidades, áreas científicas e nalguns casos linhas de investigação não convergentes.

As ciências sociais e humanas tem sido naturalmente o domínio dominante das candidaturas apresentadas. Literaturas, Língua e Cultura de Expressão Portuguesa, Ciência Política e Relações Internacionais, História, Artes, Comunicação e Informação, Geografia e Desenvolvimento são as áreas científicas hegemónicas, embora comecem a aparecer teses nas áreas das ciências naturais e das ciências da vida.

A diversidade de temas coloca também problemas que que respeita às avaliações. Partia-se do princípio de que não se iria proceder a uma avaliação dos vários aspetos que são abordados nas provas públicas. As teses tinham passado já por esse crivo académico e foram aí aprovadas. A avaliação que se pretendia fazer incluía outros critérios que deveriam incidir na originalidade dos temas, nas relações interculturais que promove, na partilha de boas práticas, na originalidade das conclusões, nas recomendações e, naturalmente, na relevância do tema. E, como já se afirmou, na prática de relacionamento entre universidades e equipas que poderá ter facilitado o trabalho de investigação que deu origem à tese.

Por estes motivos, a avaliação no âmbito do Prémio não é tarefa fácil. A decisão tomada pelo Conselho de Administração da AULP permitiu definir um modelo que remete a avaliação de cada tese para dois membros pertencentes a diferentes comunidades académicas, defendendo adicionalmente que um dos avaliadores não deveria ser de país onde a tese tivesse sido apresentada. É um figurino que corresponde a um quadro prudente e favorável a uma avaliação independente.

Depois de um ano excepcional, no qual foram admitidas 73 candidaturas (2011), o Prémio tem aceiteado anualmente 25 a 35 candidaturas, normalmente com uma maior expressão das universidades brasileiras e portuguesas. Outras candidaturas começam a aparecer, designadamente de universidades moçambicanas.

O vencedor do Prémio é, sempre que possível, anunciado nos Encontros Anuais da AULP, o que permite uma projeção pública do trabalho, do seu autor e das universidades que ficaram associadas à sua concretização.

A estratégia de encontrar mecanismos de cooperação multilateral é fundamental. O Brasil lançou há cerca de três anos um Programa orientado para a cooperação com os países africanos de língua portuguesa e Portugal tinha, num momento anterior, dinamizado a criação de um Centro UNESCO orientado para as pós-graduações de estudantes dos países da CPLP. Iniciativas que não esgotam o trabalho que é necessário desenvolver para emprestar coerência, exigência e qualidade à comunidade académica de língua portuguesa.

IV - MEMÓRIAS

Locais e publicações

Encontros AULP

- 1º - **1989** (Lisboa, Portugal)
- 2º - **1990** (Évora, Portugal) - “Ciência e Tecnologia nos Processos de Desenvolvimento”
- 3º - **1992** (Estoril, Portugal) - “Ciência e Tecnologia nos Processos de Desenvolvimento: os Recursos e as Infraestruturas”
- 4º - **1994** (Estoril, Portugal) - “Gestão dos recursos humanos no ensino superior, os recursos naturais, as infraestruturas e o desenvolvimento bem como o turismo como factor de desenvolvimento”
- 5º - **1995** (Recife, Brasil) - “Sistema de Ensino no Processo de Desenvolvimento”
- 6º - **1996** (Lisboa, Portugal) - “Da Associação das Universidades à Universidade dos Povos de Língua Portuguesa” (Versão não publicada)
- 7º - **1997** (Rio de Janeiro, Brasil)
- 8º - **1998** (Macau) - “O Ensino do Português como língua estrangeira”
- 9º - **1999** (Maputo, Moçambique) - “Universidade e Mudança”
- 10º - **2000** (Ponta Delgada, Lisboa) - “O Ensino Superior na Sociedade do Século XXI”
- 11º - **2001** (Viseu, Portugal) - “Novas Políticas para o Ensino Superior”
- 12º - **2002** (Luanda, Angola) - “Financiamento do Ensino Superior”; “Do Reconhecimento à Mobilidade”; “Ensino Superior e Organizações Profissionais”; “Questões da Língua e das Culturas”
- 13º - **2003** (Macau) - “Espaço Lusófono do Ensino Superior e Investigação”
- 14º - **2004** (São Paulo, Brasil) - “Espaço Lusófono do Conhecimento”
- 15º - **2005** (Lisboa, Portugal) - “Novos Desafios no Espaço do Ensino e Investigação dos Países de Língua Portuguesa”
- 16º - **2006** (Macau) - “Organização do Espaço de Ensino Superior e Investigação dos Países de Língua Portuguesa”
- 17º - **2007** (Cidade da Praia, Cabo Verde) - “A Universidade em Rede”
- 18º - **2008** (Brasília, Brasil) - “Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento”
- 19º - **2009** (Luanda, Angola) - “Direito, Cidadania e Desenvolvimento”
- 20º - **2010** (Macau) - “A China, Macau e os Países de Língua Portuguesa”

21° - **2011** (Bragança, Portugal) - “Novas Formas de Cooperação: Espaços de Convergência nos Países Lusófonos”

22° - **2012** (Maputo, Moçambique) - “Ensino Superior e Investigação Científica no Espaço da CPLP”

23° - **2013** (Belo Horizonte, Brasil) - “Cooperação e Desenvolvimento nos Países de Língua Portuguesa – o Papel das Universidades”

24° - **2014** (Macau, RAEM) - “A importância da divulgação das línguas portuguesa e chinesa para a colaboração académica no ensino superior”

25° - **2015** (Cidade Velha, Cabo Verde) - “Novos desafios para o Ensino Superior após os objetivos de desenvolvimento do milénio (ODM)”

26° - **2016** (Dili, Timor-Leste) - “Rotas de Signos: mobilidade académica e globalização no espaço da CPLP e Macau” (em edição)

Presidências AULP

Triénio	Presidência	Secretário-Geral
1986-1989	Universidade Técnica de Lisboa (Portugal) <i>António Simões Lopes</i>	Manuel Coelho da Silva
1989-1993	Universidade Federal do Maranhão (Brasil) <i>Jerônimo Pinheiro (3 meses)</i>	
	Universidade Técnica de Lisboa (Portugal) <i>António Simões Lopes</i>	
1993-1996	Universidade Técnica de Lisboa (Portugal) <i>António Simões Lopes</i>	
1996-1999	Universidade de Caxias do Sul (Brasil) <i>Ruy Pauletti</i>	
1999-2002	Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique) <i>Brazão Mazula</i>	
2002-2005	Universidade Agostinho Neto (Angola) <i>João Sebastião Teta</i>	José Alarcão Troni
2005-2008	Universidade do Algarve (Portugal) <i>Adriano Pimpão e João Pinto Guerreiro</i>	Cristina Montalvão Sarmento
2009-2011	Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil) <i>Ronaldo Tadêu Pena e Clélio Campolina Diniz</i>	Secretária-Executiva Teresa Botelho
2011-2014	Universidade Lúrio (Moçambique) <i>Jorge Ferrão</i>	Cristina Montalvão Sarmento
2014-2017	Universidade de Macau <i>Rui Martins</i>	

Índices da Revista Internacional em Língua Portuguesa

Iª Série

Nº 1, Julho de 1989

Editorial

Nota Prévia

O FOCO – O 1.º Encontro da AULP

Lista de participantes

Abertura (António Simões Lopes)

Comunicações

1. Problemas da língua

Falar crioulo e falar português em Cabo Verde

Dulce Fanha

A variação do português por dentro do português

Perpétua Gonçalves

O paradoxo da variação: aspetos do português europeu

Isabel Faria, Inês Duarte

Diversidade linguística brasileira e ensino do português

Rosa M. e Silva

Para uma gramática do português falado

Ataliba T. de Castilho

Questões da editoração universitária no Brasil

Estela Abreu

Problemas da editoração em língua portuguesa e a formação do público leitor

Lígia Vassalo

Os meandros da cumplicidade crioula

João Pontífice

2. O conhecimento das Culturas – Literatura

Os problemas da língua e os conhecimentos culturais

Jorge Ampa

Jaime Batalha Reis e o Brasil

Elza Miné

Cumprimentos às minhas mães! Língua e cultura na literatura

Bento Sítio

A restauração do equilíbrio perdido

Gilberto Matuse

3. O conhecimento das culturas – História-Antropologia

Relações interculturais

Manuel Pires de Andrade

Identidade e ideologia étnica dos negros em Salvador

Jeferson Bacelar

Fronteiras de papel

João de Oliveira Fo.

4. Relatos sobre o ensino da língua e das culturas

Relatório quanto aos conhecimentos da língua portuguesa

U.F.E.S

Mesa Redonda – O ensino do português em países africanos

Sessão de encerramento

A língua portuguesa no mundo
José Augusto Seabra

Conclusões

Notícias

O que é a AULP?

A língua portuguesa presente em Paris
A primeira Expolíngua em Lisboa
Reunião de Ministros da Educação
Projeto de cooperação entre a U.L. e a E.F.P.E.S.

Nº 2, Dezembro de 1989

Editorial

O FOCO – Ouvir e Falar

1. Criatividade

Português, língua de experimentar poesia
E. Melo e Castro

Poesia e invenção Linguística
Nuno Júdice

Falar sem vício de palavras
Alberto Pimenta

Estratégias do discurso. O caso do discurso publicitário
Adriano D. Rodrigues

Situação linguística em Moçambique – Opções de escrita
Perpétua Gonçalves

Cartas, uma escrita para ser ouvida
Lourenço do Rosário

2. Oralidade e Grafias

Como escrever o oral?
F. Bacelar, L. Chacoto, P. Neto

Crioulo de Cabo Verde: proposta de grafia
Dulce Fanha

“Escreva como você fala” – Análise da expressão escrita a nível da ortografia
Judith Freitas

Falar, escrever, ler ouvir
M. Raquel Delgado Martins

Literacia e alfabetização
Inês Sim-Sim

Analfabeto: ser ou não ser
Lurdes Marcelo

Aprender a ler e a escrever, algumas implicações
Maria Armanda Costa

“Rua Sésamo”: a televisão propulsora da língua portuguesa
M. Emilia Brederode Santos

Contexto linguístico-cultural de crianças do meio popular e sua alfabetização
Erimita Motta

O discurso de crianças e adolescentes de uma comunidade afro-bahiana e suas relações com a escola oficial
Iracema Luiza de Souza

Alfabetização na zona rural da Bahia: amor ou compromisso?

Ana M. de Carvalho Luz

Recensões

Gramática da Língua Portuguesa

Dicionário Cokwe-Português

Ouvir Falar. Introdução à Fonética do Português

A Conjura

O Canto do Ossôbó

Maria

Os Trabalhos e os Dias

O Neo-Realismo Literário Português

Notícias

Em busca do romanceliro na Bahia

I Congresso de escritores de língua portuguesa

I Simpósio internacional sobre cultura angolana

I Expolíngua-Portugal

5º Encontro da A.P.L.

Colóquio internacional “Língua portuguesa – que futuro?”

A língua portuguesa e a tradução

Agenda

Colóquio de terminologia científica e técnica

IX Congresso da ALFAL

Nº 3, Junho de 1990

Editorial

O FOCO – Português – Língua Estrangeira

1. Perspetivas

Português – uma língua estrangeira

Maria de Lurdes Crispim

Quando o português foi a língua mundial

Manuel Ferreira

Língua(s) e cultura(s)

M. Raquel Delgado Martins

Da pesquisa á pedagogia: ensino português a estrangeiros

Francisco Gomes de Matos

Uma lata de coisa

Maria Antónia Mota

Português para estrangeiros: da linguística á metodologia

Vera Lúcia L. Moura

A língua portuguesa como língua estrangeira

M. Lúcia Garcia Marques

Dia a Dia, um método possível

Isabel Leiria

A Gramática: a quantas andamos?

Raquel Ramalhe

Trilhas, notícia de uma pesquisa

Denise Scheyerl et alii

2. Situações

O ensino do português a estrangeiros na Faculdade de Letras de Lisboa

Isabel Leiria

O português no Brasil: como lucrar mais aplicando a competência linguística á vida real

Vera M. C. Caldas

O ensino do português na Galiza

Maria de Lurdes Carita

Estrasburgo: O português na universidade (uma) iniciação

António J. Souto Marques

Português, língua de segunda?

M. Helena Santos Silva

O ensino do português na Hungria

Maria Laura Areias

O ensino do português na Universidade de Salzburgo

Maria Helena Pecante

Trajectum do português na Universidade de Utreque

Luísa Coelho

Um curso de língua portuguesa em Perugia

Vera lúcia de Oliveira

3. Relatório

O ensino do português no estrangeiro

Grupo de Trabalho da CRSE

Recensões

Notícias e Problemas da Pátria da Língua

Por Cima de Toda a Folha

Falar Contigo

50 Poetas Africanos

A Língua Portuguesa no Mundo

Fotografias Sociolinguísticas

Sintaxe Portuguesa – Metodologia e Funções

Coleção Repensado a Língua Portuguesa

Tradição Gramatical e Gramática Tradicional

Notícias

Elena Wolf – a amiga soviética

Um adeus para Elena Wolf

Reviver a poesia portuguesa em terras belgas

Associação Brasileira de Linguística e Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo: vinte anos

Projeto de gramática do português falado

Algumas publicações brasileiras sobre a língua portuguesa

A propósito do Boletim da CNALP

2º Encontro da AULP

Agenda

II Simpósio Latino-Americano de Terminologia

Expolíngua -- Portugal 90

Nº 4, Janeiro de 1991

Editorial

O FOCO – Linguística e ensino de línguas

Linguística, investigação linguística e ensino da língua

André Eliseu

Que gramática ensinar, quando e porquê?

Rosa Virgínia M. e Silva

Linguística e ensino da língua materna

Maria Isabel Pereira

A pedagogia do epilinguismo no ensino de português, ilustrada com exemplos fonéticos

Luiz Carlos Cagliari

Linguística aplicada e ensino português como língua materna no Brasil

John R. Schmitz

O ensino da gramática

Maria Helena M. Neves

Quantificadores e ensino da língua oficial em Moçambique

M. José Albarran Carvalho

Descrição da norma linguística culta e sua aplicação pedagógica

Judith Freitas

Um desafio ao professor de português: como avaliar produtos lexicográficos e terminográficos

Francisco Gomes de Matos

A prática da redação em escolas do 1º Grau: uma metodologia linguístico-pedagógica

Nelly Carvalho

Alfabetização em português – como linguística tem ajudado

Suzana d'Ávila

Reflexão em redor do misterioso processo de desenvolvimento/aprendizagem de uma língua estrangeira

Isabel Alarcão

A língua portuguesa no ensino

Fernanda Pontífice

Operações linguísticas presentes nas reescritas de textos

Raquel Salek Fiad

Ideias

O verso no romance de tradição brasileira

Doralice F. X. Alcoforado

Eugénio de Andrade: a “arte de ser” em linguagem

M. Fátima R. S. Brito

A edição crítica de Fernando Pessoa

Luiz Fagundes Duarte

Insularidade e literatura, o mar e a originalidade da literatura santomense

Inocência Mata

Recensões

Dicionário de Termos Linguísticos

Iniciação à Fonética e à Fonologia

Iniciação à Sintaxe do Português

Iniciação à Comédia

Iniciação à Semântica

O Aspeto em Português

Notícias

IX Congresso Internacional da ALFAL

VI Encontro da A.P.L

Encontro sobre Anáfora

O Dicionário PatRom

Nº 5 e 6, Dezembro de 1991

Editorial

O FOCO – Viagens no português

Empréstimos: uma questão linguística e/ou político-cultural

Suzana A. Marcelino Cardoso

A vogal pretônica: contato e interferência

Leda Bisol

Alfa proteticum em português e noutras línguas românticas

Erik Thau-Knudsen

Influência do árabe na língua portuguesa

Eva M. von Kemnitz

O japonês em situação de pseudo-imersão: o uso dos pronomes pessoais

Maria E. Sukuzi

O português de contato no parque indígena do Xingu

Charlotte Emmerich

Breve nota sobre a concordância nominal de número no português do Brasil

Alberto Mussa

A palavra e sua imagem: a “língua angola” revisitada

Ordep Serra

Interferência e variante linguística: algumas considerações sociolinguísticas sobre o português falado em Moçambique

João Gomes da Silva

Empréstimos lexicais do português no tsonga

Bento Sítio

A situação da língua portuguesa na Guiné Bissau

Hildo Honório do Couto

Alguns dados sobre o léxico chinês de origem portuguesa e lexicografia sino-portuguesa e vice-versa

Jin Gui Ping

Os vocábulos de origem africana no espaço literário de língua portuguesa: expressão de variantes

Valdete Pinheiro Santos

Quimbundismos no português literário

M. António F. de Oliveira

Um caso de bilinguismo literário

Francisco Soares

Ideias

Notas sobre o ensino do português em Angola – rumos e desvios

Ana Maria Martinho

Projeto de gramática do português falado

Ataliba T. de Castilho

Português positivo; comunicação construtiva em língua portuguesa

Francisco Gomes de Matos

Conceito de pronome – os pronomes pessoais

José Augusto Carvalho

Um instrumento de trabalho para o tradutor: o dicionário técnico

Celina Sheinowitz

As distâncias sociais e a linguagem: uma abordagem sociolinguística de um conto de Mário Dionísio

Nelly Medeiros de Carvalho

O mundo sem fronteiras de Ruy Duarte de Carvalho

Vera Lúcia de Oliveira

As malhas que o Império tece

Eneida Leal Cunha

O conto negro brasileiro contemporâneo entre a ficção e a realidade. O exemplo de Oswald de Camargo

Moema Parente Augel

Traduções de oriki – iorubá-português

Ordep Serra

Lewis Carol, inventor de verdades

José Augusto Carvalho

Recensões

Gramática do português falado
A linguagem dos idosos
O português arcaico. Fonologia

Notícias

Luís Filipe Lindley Cintra (Notícia biobibliográfica)
A língua e a liberdade
Para a história da linguística na Faculdade de Letras de Lisboa.
Entrevista com Luís Filipe Lindley Cintra
Bibliografia de Luís F. Lindley Cintra

Nº 7, Julho de 1992

Editorial

O FOCO – Política da língua e políticas culturais

A irradiação internacional da língua portuguesa: Uma prioridade da política cultural externa
José Augusto Seabra

O português, língua de comunicação internacional
Eduardo Prado Coelho

Em defesa de uma política da língua portuguesa
António Simões Lopes

Para uma política da língua portuguesa
Associação Portuguesa de Linguística

O último reduto
Jacinto Baptista

Para uma nova política linguística da Comunidade Europeia
Fernando Cristóvão

A diplomacia cultural e a diplomacia: a política portuguesa de celebração de acordos culturais bilaterais
Armando Marques Guedes

A Biblioteca Nacional e a língua portuguesa
M.ª Leonor Machado de Sousa

Política da língua e sistema educativo
M.ª Raquel Delgado Martins

Educação bidialectal – O que é? É possível?
Stella Maris Bortoni

Para uma política de língua: projetos
Centro de linguística da Universidade de Lisboa

A língua portuguesa no centro do furação
LUSA

Língua portuguesa e informática
Instituto de Linguística Teórica e Computacional

O cientista de língua portuguesa e seus direitos linguísticos
Francisco Gomes de Matos

Alfabetização na Amazônia indígena
Adair Pimentel Palacio

Os professores indígenas e o cumprimento da Constituição
Ruth Maria Fonini Monserrat

As políticas de segregação e a resistência negra
América Cesar, Jônatas Conceição Silva

O património negro no Brasil – a invenção de uma política
Ordep Serra

Ideias

Desenvolvimento das capacidades comunicativas no domínio da oralidade numa língua estrangeira

Maria Joana Pimentel do Rosário

Preposições: porque são difíceis para os aprendizes estrangeiros?

Eunice Ribeiro Henriques

Recensões

Luz negra

Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito-Verbo em Português

Estudos em Prosódia

Dicionário de Termos Linguísticos

Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem

Livro de Estilo e Prontuário da LUSA

Sintaxe e Semântica do Português

Curso de História da Língua Portuguesa

Fonética, Fonologia e Morfologia do Português

202, Champs-Élysées

Hora di Bai

Notícias

Manuel Ferreira: África no coração da escrita

Anotações a propósito de Manuel Ferreira

No passamento de Manuel Ferreira

Images Réciproques France-Portugal

O Português, Língua de Comunicação Internacional

Colóquio sobre o Ensino do Português nos Países da Comunidade

15th Glow Colloquium 1992

Workshop sobre o Português

Encontro Regional da Associação Portuguesa de Linguística

Museu Maguta reúne a cultura e a história dos índios Ticuna

Nº 8, Março de 1993

Editorial

O FOCO – Língua, línguas. Como falam os escritores.

Fernando Pessoa e a língua portuguesa

Luísa Medeiros

Florbela por Teresa Veiga: um “terno julgamento”

Margarida Braga Neves

Do inventário à invenção: a trajetória do conceito de romance em Alves Redol Francisco Ferreira de Lima

Imagem-texto na obra de Alexandre O’NEILL

Laurinda Bom

Maria Gabriela Llansol

Maria Fernanda Abreu

Engano

Hélia Correia

Prosa moçambicana ou as falas resgatadas?

Francisco P.S. Noa

Como falam os jovens escritores guineenses

João António Sá

“Roçar a língua de Luís de Camões”

Isabel Fraústo

Ideias

Uma novela exemplar do romantismo em Portugal

Idácio Tavares

Ferdinand Denis e os negros da Bahia

Celina de Araújo Scheinowitz

Língua e mudanças sociais – algumas reflexões sobre o caso de Moçambique

Hildizina Norberto Dias

Baiano nacional: participantes culturais e pauta nacional

Maria de Azevedo Brandão

História e imaginário – a cruz e o pau-brasil no século XVII

Eneida Leal Cunha

Recensões

De letra em Riste

Para a Didática do Português: Seis Estudos de Linguística

Estética da Saudade em Teixeira de Pascoaes

Notícias

Manuel de Paiva Boléo (1904-1992)

Homenagem a Irene Lisboa

Congresso Internacional da Língua Portuguesa Migrante

Seminário Sobre o Ensino da Língua Portuguesa em África (1904-1992)

Encontro sobre Literatura para Crianças

Expolíngua 92

Colóquio sobre o Ensino do Português nos países da Comunidade

Ao Encontro d'Éça de Queirós

Jorge Ampa

Nº 9, Julho de 1993

Editorial

O FOCO – Literatura Oral/Literatura Popular

Iria santa, Iria fidalga: treze séculos de uma tradição portuguesa

Maria del Rosário Albán

Tradição: a criação coletiva

Edil Silva Costa

As histórias dos outros e nossa

João Seabra Dinis

José Agripino de Paula : Pop-singularidade na literatura brasileira

Evelina Hoisel

Pedro Malasartes na tradição luso-brasileira

Braulio do Nascimento

Matrizes impressas da oralidade – conto russo em versão nordestina

Jerusa Pires Ferreira

Presença da literatura popular portuguesa

M. Viegas Guerreiro

Os géneros da literatura oral tradicional: contributo para a sua classificação

João David Pinto Correia

O romance na tradição portuguesa depois de José Leite de Vasconcelos: estádios de coleta

Maria Aliete Galhosz

Teatro popular

A. Machado Guerreiro

Adágios

Joaquim Lino da Silva

Bibliografia crítica de Adolfo Coelho

Maria Augusta G. Seabra Diniz

A tradição da reescritura: relações transtextuais na literatura de folheto

Idelette Muzart Fonseca dos Santos

Profecias apocalípticas dos folhetos de fim de mundo

Geralda Medeiros Nóbrega

O filho de Evangelista do Pavão Misterioso: a continuação como prática hipertextual na literatura de folhetos

Roberto da Silva

A virtude feminina: do texto medieval ao folheto

Wilma Martins de Mendonça

“Ali Báá e os quarenta ladrões” – das Mil e uma Noites ao folheto

M. Claurênia Abreu Silveira

Uma presença (ir)real no folheto

Maristela Barbosa de Mendonça

Getúlio Vargas em dois papéis

Arturo Gouveia de Araújo

Pícaros e malandros no cordel: uma galeria de tipos

Idelette Muzart Fonseca dos Santos

A poética popular dos Anos 50: um canto (partido) de esperança

Benjamin Abdala Junior

Ideias

Um rei na diáspora: diálogo com a nova poesia de Maianeto

Ordep Serra

Para um possível retrato de Alberto Luiz Baraúna

Lígia Guimarães Telles

Análise dos erros dos búlgaros que estudam a língua portuguesa (em relação á categoria semântica determinação)

Valentina Venkova

Recensões

Ciência Hoje, vol.15, n° 86

Linguística Aplicada

Quem é Quem na Pesquisa em Letras e Linguística no Brasil

Estudos Linguísticos e Literários – n° 11

Notícias

Retratos póstumos

Recolha de literatura oral em terras baianas: relato de uma experiência

II Colóquio sobre “literatura Infanto-Juvenil e o Ensino”

Um programa de pesquisa para a história da língua portuguesa

Em busca de vestígios de dialetos crioulos de base portuguesa em comunidades afro-brasileiras isoladas

N° 10, Dezembro de 1993

Editorial

O FOCO – A Criança e a Linguagem

Sobre o lugar da linguagem na constituição da criança

Maria Cecília Perroni

Aquisição da noção de “agente” e a produção de sujeitos sintáticos por crianças portuguesas até aos dois anos e meio

Isabel Hub Faria

Produção de frases com orações relativas – um estudo experimental com crianças dos três anos e meio aos oito anos e meio

Manuela Vasconcelos

Uma estratégia morfológica para a aquisição das líquidas portuguesas por uma criança bilingue

Eleonora Cavalcante Albano

Os processos de reduplicação e assimilação na fala infantil

Elizabeth Reis Teixeira

Sílaba e desenvolvimento fonológico: questões preliminares

Maria João Freitas

Aquisição e desenvolvimento das narrativas: estudos interlinguísticos

Hanna Jakubowicz Batoréo

Recensões

Gramática Funcional-Comunicativa do Português para Búlgaros

Gramática do Português Falado (vol. II)

Português Brasileiro: uma Viagem Diacrônica

Aprendendo Português do Brasil

Notícias

Associação Brasileira de Linguística

Encontro Regional da ALP – 1993

IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística

A NURC – BRASIL e o ensino de português a estrangeiros

Congresso Internacional sobre o Português

Primeiro Encontro de Lisboa sobre Linguagem Infantil

Nº 11, Julho de 1994

Editorial

O FOCO – A Criança e a Linguagem

“Meu pequenino, meu pequenininho porcalhãozinho!” Os diminutivos na linguagem das mães

Dília Ramos Pereira

A referência temporal na linguagem da criança

António Quintas Mendes

Da interação ao discurso no ensino de língua materna

Eleni Jacques Martins

A aquisição da linguagem e o ensino da língua materna

Josenia Vieira da Silva

A criança e o novo sentido da alfabetização no mundo-em-mudança

Nelly Novaes Coelho

Oficina da Aprendizagem: o ensino da língua nas séries iniciais do 1º grau

Denilda Moura

Aquisição do aspeto verbal por falantes não-nativos de português-europeu: o exemplo dos pretéritos perfeito e imperfeito

Isabel Leiria

Algumas observações sobre as capacidades intelectuais e comunicativas de alunos surdos da escola primária

Carla Ataíde Maciel

Jogos em dois tabuleiros

Orlando Garcia

Aquisição e mudança linguística; a proposta de Lightfoot

Ilza Ribeiro

Corpus de aquisição do português europeu: base de dados CHILDES

Isabel Hub Faria, Hanna Jakubowicz Batoréo

Recensões

Gramática e Pragmática Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português

O Conhecimento da Língua. Sua Natureza, Origem e Uso

Cadernos de Semântica

Introdução à Linguagem

Notícias

Agostinho da Silva
Comissão Promotora da Associação Internacional de Linguística do Português
Congresso Internacional sobre o Português
IV.º Simpósio Ibero-Americano de Terminologia e IV.º Assembleia da Rede Ibero-Americana de Terminologia (RITerm)
A Língua Usada em Alagoas
O ensino da Língua Portuguesa na Universidade de Edimburgo

Nº 12, Dezembro de 1994

Editorial

O FOCO – Norma e Variação do Português

Variantes nacionais do português: sobre a questão da definição do português do Brasil
Tânia Lobo

Variação e norma: elemento para caracterização sociolinguística do português do Brasil
Dante Lucchesi

Redes sociais em grandes cidades
Maria Cecília Mollica

Aspetos da concordância de número no português do Brasil
Maria Marta Pereira Scherre

Em torno de um velho tema: o cancelamento da marca de número na fala das comunidades rurais brasileiras
Sílvia Figueiredo Brandão

Inovação lexical nos textos de Mia Couto
Ana B. Gaspar, Ana Luísa Santos, Carla Ivone Diogo

Os bordões da língua falada, a norma e o uso
Maria Lúcia Garcia Marques

A escola, a gramática e a norma
Myriam Barbosa da Silva

Variação linguística e atividades de letramento em sala de aula
Stella Maris Bortoni

A variação do português falado em Moçambique: a escola como fator de cristalização
João Gomes da Silva

Norma padrão x identidade cultural: uma experiência em processo
América Lúcia César, Maria do Socorro Sepúlveda Netto

Retrospectiva da dialetologia portuguesa
Manuela Barros Ferreira

Diversidade de normas e transcrição de textos orais
Suzana Alice Marcelino Cardoso

A influência da idade e do sexo na variação lexical interna do dialeto da ilha do Corvo (Açores)
João Saramago

Ideias

Que forças movem essas mulheres
Eneida Leal Cunha

Angústia começa em Caetés
Francisco Ferreira de Lima

Um olhar crítico entre Brasil e a Inglaterra
Iria Alves

Mário Cesariny de Vasconcelos – Dilema consciente da criação inconsciente
Ildásio Tavares

Sobre o poema Menino de engenho de João Cabral de Melo Neto
Clara Maria Sarmento

Sobre a lírica de Mário António
Francisco Soares
A Semente do Capataz
Arturo Gouveia

Recensões

A dialetologia no Brasil
Linguagem e desenvolvimento
Pedagogia da Escrita. Perspetivas
Cadernos de Estudos Linguísticos n.º 23
Cadernos de Estudos Linguísticos n.º 25
A guerra até 1450
Vamos Lá (Português Básico); Vamos Ver (Português Avançado)

Notícias

I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística
X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística
Congresso Internacional “O Rosto Feminino da Expansão Portuguesa”
Congresso da Lusofonia – Unidos na Diversidade
Literatura na Guiné-Bissau
Como promover a língua portuguesa internacionalmente: uma lista para ação geolinguística e pedagógica

Nº 13, Julho de 1995

Editorial

O FOCO – Política da Língua

Entrevista com Fernandes Fafe
Entrevista com Solange Parvaux
Para uma Política Linguística
Maria Emília Ricardo Marques
O ensino da língua Portuguesa no contexto da emigração europeia
Piedade Gralha
O caso do português e das línguas indígenas de Moçambique
Gregório Firmino
Política de educação escolar indígena no Brasil
Raquel Figueiredo Alessandri Teixeira
Para uma política referente às línguas indígenas brasileiras
Adair Palácio, Aryon Rodrigues, Leopoldina Araújo, Marília Facó, Raquel Teixeira
Reflexões sobre o ensino e investigação da Afrolusitanística na Universidade de Leipzig
Mathias Perl

Ideias

Normas e Ensino
Maria Helena Ança
A linguagem introduz o Homem na existência
José Carlos Bastos Sant’Anna
A questão do exótico
Ordep J. Trindade Serra

Recensões

Para uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa (Maria Helena Mateus)
Temas de Fonologia (Maria João Freitas)
Áreas críticas da língua portuguesa (Madalena Colaço)
Teaching Beginning Literacy in the “Mother Tongue”: A Study of the Experimental Crioulo / Portuguese Primary Project in Guinea-Bissau (Johanes Augel)
Os crioulos portugueses do Oriente. Uma bibliografia. (Alan Baxter)

Notícias

O Presépio de Torga (Teresa Rita Lopes)
José de Azevedo Ferreira (Ivo Castro)
Dias de África
Formar Professores de Português, Hoje

N° 14, Dezembro de 1995

Editorial

O FOCO – “O Português no Mundo”

Que lugar para o Português no mundo moderno? (algumas considerações sobre a investigação e a difusão da língua)

Maria Helena Mira Mateus

Fernando Pessoa e a Lusofonia a Haver

Fernando Cristóvão

A língua portuguesa na grande aventura crioula

Mariana Ploae-Hamganu

Os crioulos portugueses do Oriente revisitados

Maria Isabel Tomás

De Goa a Macau: uma viagem em Português

Aloísio da Fonseca

A situação da língua portuguesa em Macau no período de transição

Maria José Grosso

O Português em Timor e o Português na Tailândia

Joana Vasconcelos

Oratura e ensino da língua oficial em Moçambique

Maria José Albrarran Carvalho

O Português no Senegal: presença cultural, ensino e formação de professores de Português

Ameth Kébé

Transmissão geracional irregular na história do Português brasileiro – divergências nas vertentes afro-brasileiras

Alan Baxter

Um panorama da dialetologia no Brasil

Carlota da Silveira Ferreira, Suzana Alice Marcelino Cardoso

Variação dialetal no Português do Brasil: aspetos fonéticos e morfossintáticos

Dinah Callou, Yonne Leite, João Morais

Contato linguístico e aquisição do Português

Cecília Mollica, Cláudia Roncarat, Christina Gomes, Nelize Omena

O Português na Argentina

José Luís Mendes d’Amaral

Estudo da língua e da cultura dos países lusófonos na Rússia

Marina A. Kossárik

Aspetos da situação do Português no Reino Unido

Carlos Rocha

O Português na Universidade de Granada

José António Sabio Pinilla

Contribuição para uma caracterização funcional dos relativos no Português falado

Jaromír Tláškal

Reflexões críticas sobre a investigação de lusismos

Dieter Messner

Mas afinal para que um linguística quer um corpus?

Giselle Machline de O. Silva

Recensões

Gramática Descritiva do Português

Francisco G. de Matos

Português para Estrangeiros – Interface com o Espanhol

Francisco Gomes de Mattos

Studies on the Acquisition of Portuguese

H. Batoréo

Dicionário sintático de verbos portugueses

Isabel Aldinhas Ferreira

Notícias

Doutoramento Honoris Causa pela Universidade de Lisboa da Professora Doutora Cleonice Berardinelli

- *Vânia Pinheiro Chaves*

Fernando Assis Pacheco - *Maria Fernanda de Abreu*

VI Congresso Luso-Espanhol de Línguas para Fins Específicos

XI Encontro Nacional da APL - *Maria Armanda Costa*

Lembrar Adolfo Coelho (1847-1919)

XIX Congresso Mundial da FILPLV

Encontro Internacional sobre Interfaces

Colóquio Literatura dos Descobrimentos - *João Louro*

Encontro Internacional sobre Análise do Discurso

V Simpósio Ibero-americano de Terminologia/Assembleia Geral da RITERM

Timor Timorense, com línguas, literaturas, lusofonia...

Nº 15, Junho de 1996

Editorial

O FOCO – “Linguagens científicas e técnicas”

Importancia de la terminologia en la fijación de la lengua: la planificación terminológica

Teresa Cabré

Terminologias em português: uma questão de sobrevivência

Manuel Célio Conceição

Un aperçu de la coopération internationale en terminologie

Daniel Prado

Perspetivas da atividade terminológica no Brasil

Enilde Faulstich

Projeto de política neológica para o português do Brasil

Ieda Maria Alves

Difusão da atividade terminológica em Portugal

Carla Sacadura Cabral e Cristina Palma

Unidade e variação na Língua portuguesa: a variação em terminologia

Maria José Bocorny Fianatto

Pertinência pragmática e nomenclatura de um dicionário terminológico

Ana Maria Becker Maciel

Informática no Português de Moçambique

Inês Machungo

Educação, matemática e linguagem natural: algumas inter-relações

Darlinda Moreira

A terminologia da publicidade

Nelly Carvalho

Desenho de um corpus linguístico

Ana Paula Marquez Neto

Vulgarização lexical e ampliação de sentido de alguns termos prefixados no português do Brasil

Waldenice Moreira Cano

Ideias

Mário de Andrade e a questão da identidade nacional: o Brasil visto de Paulicéia

Rita Olivieri

“O meu boato permanece”: Memorialismo em Graciliano Ramos

Maria da Conceição Paranhos

O destino e a lucidez da criação em Pessoa

Cid Seixas

Em busca do romanceiro: seis anos depois

Maria del Rosario S. Albán

A Quinta das Virtudes: a História na história

Carlos Nogueira

Recensões

Base metodológica para pesquisa em terminologia

Ligia Maria Café de Miranda

Literaturas africanas de expressão portuguesa

Francisco Soares

Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus

Evandro Silva Martins

Diccionari de la llengua catalana

Margarita Correia

Notícias

Vergílio Ferreira e a Arte - *Hélder Godinho*

David Mourão-Ferreira – clássico e inovador - *Urbano Tavares Rodrigues*

Sonetos de Camões em Búlgaro - *Henriqueta Costa Campos*

Curso “Terminologias Científicas e Técnicas”

A História das Linguagens Ibero-Românicas de Especialidade

A Psicolinguística no Limiar do Ano 2000

IV Congresso Internacional de Português-Língua Estrangeira

Seminário da SIPLE

Nº 16, Dezembro de 1996

Editorial

O FOCO – “O português nos meios de comunicação”

Convenções e desvios na língua portuguesa

João Andrade Peres

Variação linguística, média e preconceito linguístico

Mª Marta Pereira Scherre

O alvo errado

Wilton Fonseca

Pequeno romance das más notícias

Baptista-Bastos

As revistas semanais, história ou estória?

Cristina Teixeira Vieira de Melo

Televisão e confusão

Mário Castrim

Graças e desgraças da tradução para legendagem

Mª João da Rocha Afonso

Aspetos da produção textual em Ciência Hoje

Fabiane G. Cavalcanti e Isaltina Mello Gomes

Sedução e persuasão no discurso publicitário

Nelly Carvalho

Uso da mídia no ensino de Língua Portuguesa: uma experiência inovadora

M^a da Aparecida M. Pinilla, M^a Cristina Rigoni Costa e M^a Thereza I. de Oliveira

Os direitos linguísticos de profissionais de normas linguísticas nacionais e internacionais

Raül Avila

Ideias

Os provérbios Crioulos da Guiné-Bissau

Hildo Honório do Couto

“Do Irado Foge um pouco e do Inimigo de todo”

M^a José Albarran Carvalho

Anáforas em Relativas no Português do Brasil

M^a Cecília Mollica

A Terminologia Informática no Português do Brasileiro: da Adaptação à Transgressão

M^a Cecília Mollica

Uma Hipótese para a Explicação do Plural do Composto N+N Hifenizado do Português

Evandro Silva Martins

Recensões

Literaturas africanas de expressão portuguesa

Pires Laranjeira

Introdução à linguística geral e portuguesa

Clara Nunes Correia

Aspetos da coesão do texto – uma análise em editoriais jornalísticos

Francisco Gomes de Matos

Publicidade. A linguagem da sedução

Francisco Gomes de Matos

Atlas linguistique roman (ALiR) volume I

Ernestina Carrilho

Seta despedida

Urbano Tavares Rodrigues

O crioulo português da guiné-bissau

Wilson Trajano Filho

Notícias

Notícias da AULP - *António Simões Lopes*

Associação de Professores de Português

XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística

Seminário Nacional “Caminhos e Perspetivas para a Geolinguística no Brasil”

V Simpósio Ibero-Americano de Terminologia

2^os Encontros Interdisciplinares: O Conceito de Representação - *Maria de Lourdes Crispim*

Conferências ISEC

Língua e Cultura

ABRALIN – Associação Brasileira de Linguística

Português de Moçambique: uma variedade em formação

Romanceiro Ibérico na Bahia

Diversidade Linguística e Ensino

Nº 17, Julho de 1997

Editorial

O FOCO – “O português e a literatura infantil e juvenil”

Homenagem a Matilde Rosa Araújo (alguns poemas e um conto inédito)

Maria Augusta Seabra Diniz

Compor livros para crianças já não faz rir Lisboa inteira – A literatura infantil e juvenil em Portugal

Maria Emilia Traça

O ludismo em Ana Maria Machado (da literatura infantil brasileira após a década de 70)
Elizabeth Hazin

A Literatura para crianças: um mundo sem fronteiras
José António Gomes

A Literatura Infantil – espaço de prazer, espaço de descoberta
Rui P.M. Veloso

O desejo do nome: “A Botija de ouro” de Joel Rufino
Maria Antônia Ramos Coutinho

A propósito de literatura para crianças e jovens, de mão dada com Manuel António Pina
Maria do Sameiro Pedro

Uma tipografia que vendia gelados
Américo António Lindeza Diogo

A obra literária para crianças de Luísa Dacosta: o deslumbramento pela palavra
Violante Florêncio

Luísa Ducla Soares: a escrita/leitura como jogo
Glória Bastos

Rimas infantis: o recreio da Linguagem (cómico e nonsense nos “pilhas” – fórmulas de seleção)
Clara Maria Sarmento

Ideias

A estética oral e popular na poesia de Carlos Drummond de Andrade
Carlos Nogueira – Univ. do Porto

Húmus, aproximação e enquadramento
Ildásio Tavares – Instituto de Letras – UFBA

Deixis Temporal e Modos de Enunciação – Tempos do “Discurso” / Tempos da “Narração”
Carla Almeida

Ensino da escrita no 1º grau: as escolhas lexicais no continuum oral / escrito
Edmilson Luiz Rafael

Ensino do Léxico e dicionário básico da língua oficial de Moçambique – cores e idade
Maria José Albarran Carvalho

Recensões

Fronteiras, Educação e Integração
Ana Maria Carvalho

Pedagogia da positividade
Denise de Aragão Costa Martins

Estudos Linguísticos e Literários – UFBA /Brasil
Celina Scheinowitz

Dicionário Português-Búlgaro
Daniela Petrova

(De) que falamos?
Anabela Gonçalves

Notícias

AULP – Associação das Universidades de Língua Portuguesa

O IBBY, Alice Vieira e Henrique Cayatte (Candidatos aos Prémios Andersen 1998)

3º Encontros Luso-galaico-francófonos do livro infantil e juvenil

Literatura para a infância e leitura em algumas obras recentes

Primeira licenciada em Linguística/Português na Universidade Agostinho Neto (ISCED) – Luanda

Congresso de Linguística Cognitiva

Conferência de Linguística Cognitiva

Rail Lexic: Terminologia Ferroviária em CD-Rom

Dictionnaire bilingue Portugais-Fraçais – Vol. 1 Guiné-Bissau

Diccionario de Terminologia Energética

I Congresso da Sociedade Internacional de Português – Língua Estrangeira (SIPLE) Ensino – aprendizagem de PLE no limiar do Século XXI

APROLÍNGUAS – Associação Portuguesa de Professores de Línguas Estrangeiras do Ensino Superior
La Lusophonie – Voie/Voix Océaniques
Oitavo Colóquio de Gramática Generativa
XXII Colóquio Internacional de Linguística Funcional
III Leituras Camonianas – Colóquio de lusitanistas em Moscovo
VI Simpósio Ibero-Americano de Terminologia
VI Assembleia Geral da Rede Ibero-Americana de Terminologia

IIª Série

V.1 n.1, Dezembro de 2000

Editorial

Ingelore Scheunemann de Souza

Apresentação Liminar

José Augusto Seabra

Um relance sobre as relações diplomáticas Portugal/Brasil no V Centenário da Descoberta do Brasil

Francisco Knopfli

A Situação da Língua Portuguesa no Mundo

Hildo Honório do Couto

O registo de verbos, nomes e adjetivos num dicionário de usos do Português do Brasil

Sebastião Expedito Ignácio

Martim Afonso de Sousa, pionnier de la colonisation portugaise au Brésil

Anne-Marie Quint

Désignations croisées des habitants du Brésil à l'époque de la découverte

Colette Callier-Boisvertehess

O Brasil de Antônio Vieira: cenário do V Império

Valdmir Francisco Muraro

A Inquisição portuguesa à luz de novos estudos

Anita Novinsky

Um olhar português sobre a cidade de Pelotas

Mário Osório Magalhães

Ovídio em terra brasileira: as “metamorfoses” de Cruz e Silva

Maria Helena da Rocha Pereira

A Independência do Brasil e os paradoxos liberais

Norma Tasca

Livros e leituras no Brasil colonial

Maria Beatriz Nizza da Silva

Sampaio Bruno, o Brasil e a República

José Augusto Seabra

Ressonâncias em Portugal da implementação da República no Brasil (1889-1895)

Eduardo C. Cordeiro Gonçalves

Intercâmbio filosófico luso-brasileiro

Antonio Paim

Meio século de diálogo filosófico luso-brasileiro

António Braz Teixeira

As Filosofias brasileira e portuguesa depois de 1950

Constança Marcondes Cesar

Perspetivas da cultura brasileira

Miguel Reale

Bruno e Euclides da Cunha no contexto do positivismo finissecular

Joaquim Domingues

O Intercâmbio Latino Americano: um descobrimento

José Santiago Naud

Relações de um poeta brasileiro com a cultura japonesa

Haroldo de Campos

Do Brasil no imaginário escatológico ao imaginário escatológico brasileiro

Paulo Alexandre Esteves Borges

Memória das Grandes Navegações no Folclore Brasileiro

Roberto Emerson Câmara Benjamin

Os ciganos no Brasil

Ático Vilas Boas da Mota

Um exemplo de frutuosa colaboração científica entre Portugal e o Brasil: a petrologia e a geoquímica orgânica

M. J. Lemos de Sousa

Da aplicabilidade do método fenomenológico às ciências humanas

Eduardo Abranches de Soveral

Geologia de carvão no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Ensino e Pesquisa

Zuleika Carretta Corrêa da Silva

Razões de mercado, razões de estado

Luiz Nazário

A crônica entre o jornalismo e a literatura

Carlos Jorge Apell

Casimiro de Abreu o poeta de Primaveras

Paulo Samuel

“A Águia”, Jaime Cortesão e o Brasil

Alfredo Ribeiro dos Santos

O diálogo luso-brasileiro na Revista de Portugal (1937-1940)

Clara Rocha

A ponte cultural Romênia – Brasil

Micaela Ghitecu

O Centro Internacional de Latinidade Léopold Senghor

José Ribeiro Ferreira

V.1 n.2, Abril de 2002

Editorial

Apresentação liminar

José Augusto Seabra

Lições Africanas. Uma proposta para o novo milénio

Paulo Feytor Pinto

A Língua Portuguesa em África

Maria Helena Ançã

Angola – Língua oficial e línguas nacionais

Sebastião Coelho

África e lusofonia(s): que possibilidades?

José Octávio Serra Van – Dúnem

O bilinguismo e o multiculturalismo – A realidade sociocultural que não devemos ocultar

Filipe Zau

Cabo Verde: la diversidade confluyente

Miriam Victoria Gomes

A função da Universidade num contexto de reconstrução e modernização

José Gonçalves

Educar para eliminar a pobreza – reflexões sobre a educação em Angola

Celestina Basto de Abreu

Tradição ecuménica é a nossa herança

José Santiago Naud

A língua na poesia portuguesa (dos Cancioneiros galaico-portugueses á Modernidade)

José Augusto Seabra

Os diversos cursos e recursos da poesia dos PALOP

Xosé Luís Garcia

Breve antologia dos poetas africanos de língua portuguesa

Xosé Luís Garcia

Trobadores: linguaxe e nación

Rodolfo Alonso

A geração da Utopia de Pepetela ou a recuperação da história e a (re)escrita do passado

Rui Manuel Vicente de Azevedo

Conto maconde de tema universal

Manuel Viegas Guerreiro

Osfalação di Angola

Sebastião Coelho

V.1 n.3, Novembro de 2004

Editorial

Nota de Abertura

IN MEMORIAM do professor José Augusto Seabra

Curriculum Vitae

Manuel C. da Silva

Apresentação limiar

José Augusto Seabra

Alocação em Macau às Universidades de Língua Portuguesa

José Augusto Seabra

Lusofonia, Língua Portuguesa e Estratégia Geopolítica

Fernando dos Santos Neves

O Português, Língua de Futuro – do Ocidente ao Oriente

Lino Moreira da Silva

Situação Atual e Perspetivas da Língua Portuguesa nos Países de Matriz Chinesa

Jaime Nuno Cepeda Coelho

Língua Portuguesa em Timor Leste: uma Língua Adormecida

Regina Helena Pires de Brito

Os Avós de Barra e os avós de Baía

J. Chrys Chrystello

Visão de Afonso de Albuquerque

José Augusto Seabra

Três Poemas Orientais

Milton Torres

Sequências Goesas

Liberto Cruz

Três Poemas

Teresa Rita Lopes

Camões, Couto e a Índia

António Coimbra Martins

Mosaico Indiano

Luís Gaspar da Silva

Por quê os Sinos Dobram

Maria José Miranda

Uma Figura mais de Silêncio: o Japão Íntimo de Armando Martins Janeira

Fernando Reyno

Variação sobre uma Ideia de Oriente

Carlos João Correia

Budismo e Identidade Pessoal

Paulo A. E. Borges

Afinidades com o Oriente: Taoísmo e Budismo-Zen pensados por Agostinho da Silva

Rosana Isabel Brázio Valente

Balanço de um encontro a haver: Notas sobre a presença do Oriente no Ocidente

Rui Lopo

Entre o Oriente e o Ocidente – o inviável regresso e a via a cumprir

Renato Epifânio

Quadros de uma exposição ideal do Oriente na Literatura Portuguesa

José Eduardo dos Reis

Conversão e Conversibilidade: Um esboço sobre a convivência, o diálogo e as disputas no Oriente, ao tempo de D. Gaspar de Leão

Ricardo Ventura

Li Bai e Lao Tse (Tradução inéditas de Agostinho da Silva)

Manuel Pina

IIIª Série

N.º 21, Setembro de 2008

Agricultura e Desenvolvimento Rural

Editorial

Apresentação

As Metamorfoses do Mundo Rural

João Pinto Guerreiro

Nota dos Editores

Izabel Cristina Takitane e Fernando Oliveira Baptista

AGRICULTURA E DESENVOLVIMENTO RURAL

Angola: Agriculturas e Desenvolvimento Rural

João Ferreira da Costa Neto

Revisitando o Mundo Rural Cabo-verdiano ou a Invenção de uma Realidade Perdida!

Cláudio Furtado

Agricultura de Moçambique Pós-Independência: Da Experiência Socialista à Recuperação do Modelo Colonial

João Mosca

Características e Desafios do Agronegócio Brasileiro

Alexandre Mendonça de Barros

Agricultura Familiar e o Desenvolvimento Sustentável: o Caso da Produção de Biodiesel no Brasil

Maura Seiko Esperancini, Izabel Cristina Takitane e Osmoar de Carvalho Bueno

Sanidade Animal no Brasil e o Desenvolvimento da Agropecuária

Paulo Francisco Domingues

Unidades de Paisagem, Agricultura Multifuncional e o Desenvolvimento Rural. Em Busca de uma Nova Governança Agro-Rural

António Covas

COOPERAÇÃO ACADÉMICA

Ensino Superior de Ciências Agrárias em Língua Portuguesa em Timor-Leste

Carlos Cabral e Luís Pinto de Andrade

Resumos/Abstracts

Editores/Autores

N.º22, Setembro de 2009
A Gestão da Água e dos Recursos Hídricos

Editorial

Apresentação

A Gestão da Água e dos Recursos Hídricos para o Desenvolvimento
Cristina Montalvão Sarmento, João Pinto Guerreiro e Ronaldo Tadêu Pena

FUNDAMENTOS COMUNS

Água e Saúde Humana
José Galizia Tundisi

O Direito Humano à Água à Luz do Comentário Geral número 15 do Comité dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais da ONU
Paulo Canelas de Castro

Água: Importância e Problemáticas para a Saúde
Carlos Eduardo de Mattos Bicudo

PARTICULARIDADES REGIONAIS

Eco-hidrologia em Estuários e Zonas Costeiras: o caso do Estuário de Guadiana
Luis Chicharo, Alexandra Chicharo e Radhouan Bem-Hamadou

Gestão Intrigada de Bacias Hidrográficas: o caso concreto de Angola
Manuel Quintino

Estratégias para a Gestão Sustentável dos Recursos Hídricos da Guiné-Bissau
Valdemar Rodrigues, Henriques Coelho e Adelino Soares

Evolução do Uso, Conhecimento e Gestão da Água nas Últimas Décadas do Século XX no sul de Portugal
José Paulo Monteiro

DESENVOLVIMENTOS TÉCNICOS

Estudo de Viabilidade de Aplicação da Moringa Oleifera no Tratamento de Água para Consumo Humano
Ana Teresa Ribeiro, Anabela Leitão e Rui Boaventura

Destoxificação/Desinfecção Solar da Água
Vítor Jorge Pais e Rui Boaventura

COOPERAÇÃO INTEGRADORA

Parcerias com as Autoridades Locais na Melhoria dos Serviços de Abastimento de Água às Zonas Peri-urbanas: A Campanha Piloto de Ligação por Águas de Moçambique no Bairro Costa do Sol
Valentina Zuin e Odete Muximpua

Desenvolvimento Sustentável na África Lusófona: uma Reflexão
Valdemar Rodrigues

Resumos/Abstracts

Autores

N.º23, Setembro de 2010
Cidades e Metrópoles

Editorial

APRESENTAÇÃO

Cidades e Metrópoles
Clélio Diniz Campolina

Nota do Editor
Roberto Luís de Melo Monte-Mór

CIDADE E HISTÓRIA

Portugal, Brasil, Brasília: Notas sobre Estratégias

António Carlos Carpinteiro

Evolução Urbana de Macau e Cenários para o Século XXI

Francisco Vízeu Pinheiro

História, Migração e Cidade: Dimensões da Política Urbana na Ilha de São Vicente em Cabo Verde (1980-2000)

Artur Monteiro Bento

O Urbano da Cidade Mineradora: o Caso da Formação Espacial das Vilas do Ouro em Minas Gerais (Brasil) no Século XVIII

Alexandre Mendes Cunha

CIDADE E CULTURA

Cartografias do Desejo: a Cidade como Espaço do Outro (e alguns apontamentos sobre a cidade no cinema moçambicano)

Mirian Tavares e Sílvia Vieira

O Projeto de Augusto Bastos: uma Antecipação do Futuro Urbanístico

Cátia Miriam Costa

Leiria Torguiana: no Rasto de Rodrigues Lobo e de Eça de Queiroz)

Luís Martins Fernandes

A Cidade de Clarice

Roberto Sarmiento Lima

CIDADES: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

América Latina: entre o Panejamento Urbano e o Planeta Favela

Marcelo Mari

Gestão Integrada de Grandes Espaços Urbanos – uma reflexão Transatlântica

Luiz Oosterbeek, Inguelore Scheunemann, Pierluigi Rosina, Aline Tristão, Rita Anastácio, André Guimarães e Filipe Duarte Santos

Família de Maputo: Processos de Mobilidade e Transformações Urbanas

Ana Bénard da Costa

Urbanização e Segregação Social: Trabalho e Condições de Moradia numa Metrópole da Amazônia Brasileira, Belém/PA

Sandra Helena Ribeiro Cruz, Edna Maria Ramos de Castro e Maria Elvira Rocha de Sá

O Medo nas Ruas da Metrópole

José Sterza Justo e Kuana Barreiro Anglés Arrigo

Cidades e Metrópoles – Prós e Contras Ambientais

João Manuel Seródio de Almeida

Hortas Urbanas e Sustentabilidade das Cidades – uma Breve Historiografia da Cidade do Salvador, Bahia, Brasil

Lídice Almeida Arlego Paraguassú

As Políticas de Gestão do Pós-Consumo de Embalagens em Áreas Metropolitanas: Lisboa (Portugal) e São Paulo (Brasil)

Ana Tereza Caceres Cortez

Brasil! Mostra a tua Cara. Breves Considerações sobre a Urbanização Brasileira Recente

Ester Limonad

Quo Vadis Olissipona

Pedro George

Resumos/Abstracts

Autores

N.º24, 2011

Migrações

APRESENTAÇÃO

Migrações

Jorge Ferrão

Nota dos editores

João Peixoto e Duval Fernandes

PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Migração, remessas e desenvolvimento em África: o caso dos países de língua portuguesa

Nancy Tolentino, Carlos Rocha, Corsino Tolentino e João Peixoto

ANGOLA

A noção de subalternidade e a distribuição étnica de Angola

Helder Bahu

BRASIL

Brasil: país de imigração?

Neide Lopes Patarra e Duval Fernandes

Refugiados africanos em São Paulo, Brasil: espaços da migração

Rosana Baeninger e Roberta Guimarães Peres

CABO VERDE

Novas práticas no campo social da diáspora cabo-verdiana:

as remessas e a mobilidade transnacional de via múltipla

Iolanda Évora

GUINÉ-BISSAU

Migração e desenvolvimento na Guiné-Bissau:

experiências e controvérsias dos actores envolvidos no processo

João Ribeiro Butiam Có

Mobilidade e migrações na Guiné-Bissau: dinâmicas históricas e determinantes estruturais

Alexandre Abreu

MOÇAMBIQUE

Migração indocumentada de Moçambique para a África do Sul:

impacto socioeconómico nas comunidades de origem

Manuel G. Mendes de Araújo e Ramos C. Muanamoha

Causas, consequências e padrões da migração internacional

de Moçambique: questões emergentes no espaço da lusofonia

Inês M. Raimundo

PORTUGAL

A evolução do sistema migratório lusófono. Uma análise a partir da imigração e emigração portuguesa

José Carlos Marques e Pedro Góis

As políticas de imigração em Portugal. Contextos e protagonistas

Ana Paula Beja Horta

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

O meio insular, a emigração e a diáspora são-tomenses

Augusto Nascimento

ESTUDOS E NOTAS

MACAU

Breves considerações sobre as migrações e os trabalhadores não residentes em Macau

Ho Chi Un

TIMOR-LESTE

Migração laboral em Timor-Leste

Augusto Soares e Jenice Fernandes

N.º25, 2012
Segurança Alimentar

APRESENTAÇÃO

Segurança Alimentar
Embaixador Murade Isaac Miguigy Murargy
Nota dos Editores
Bernardo Pacheco de Carvalho, João Mosca e Walter Belik

ANGOLA

Efeitos Económicos da Estiagem em Angola: Experiência e Acções Recentes
David Tunga

BRASIL

Pobreza Rural e Segurança Alimentar no Brasil. Evolução recente
António César Ortega
Planejamento e Resultados da Política de Segurança Alimentar no Brasil
Walter Belik

CABO VERDE

Segurança Alimentar em Cabo Verde: Contribuições da ANSA nos últimos dez anos- 2002 a 2012
Bernardo Pacheco de Carvalho e Miguel Monteiro

GUINÉ-BISSAU

A Segurança Alimentar e a Importância da Cultura do Caju na Guiné-Bissau
Bernardo Pacheco de Carvalho e Henrique Mendes

MOÇAMBIQUE

Grandes Projectos e Segurança Alimentar em Moçambique
João Mosca e Tomás Selemane

PORTUGAL

Segurança Alimentar
Pedro Falcato, Raquel Rosa e Rui Almeida

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Consumo Alimentar, Cadeias de Valor e Funcionamento do Mercado. Estudo de Caso para a Segurança Alimentar em São Tomé e Príncipe
Bernardo Pacheco de Carvalho e Severino Espirito Santo

N.º26, 2013
Turismo

APRESENTAÇÃO

Turismo do espaço da comunidade dos países de língua portuguesa: uma abordagem sobre a perspectiva da AULP
Jorge Ferrão
Nota dos editores
João Albino Silva e Francisco Anjos
O turismo no espaço da lusofonia: realidades e prospetiva
João Albino Silva, Francisco Anjos, Jorge Umbelino e Alexandre Panosso

ANGOLA

Aplicação de métodos de gestão eficiente no cluster Cabo Ledo
Alba Fernández Alonso
Turismo de Angola
Januário Marra

BRASIL

Políticas públicas no turismo no Brasil

Mário Carlos Beni

O desempenho organizacional das redes hoteleiras no Brasil

Jéssica Vieira de Souza Meira e Sara Joana Gadotti dos Anjos

CABO VERDE

Atitude dos residentes face ao desenvolvimento do turismo em Cabo Verde: uma análise de segmentação

Manuel Alector Ribeiro e Patrícia Oom do Valle

GUINÉ-BISSAU

Turismo na Guiné-Bissau: paradoxos e perspectivas para um país em conflito

Maria Helena Mattos Barbosa dos Santos, Thiago Allis, Jorge Joaquim Cá e Cipriano Correia Landim

MACAU

A Flor de Lotus totalmente desabrochada: análise e perspectivas do turismo de Macau

Weibing Max Zhao, Weng Hang Frances Kong e King Lok Philip Chan

MOÇAMBIQUE

Turismo em Moçambique: trajectórias, tendências e desafios

Helsio Amiro Azevedo

PORTUGAL

O rejuvenescimento de um destino turístico maduro - o caso de Portimão, Algarve

Adão Flores

O enoturista em Portugal: um contributo para a sua caracterização

Edgar Lameiras e Julio da Costa Mendes

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

São Tomé e Príncipe e os desafios do turismo sustentável: o caso do ilhéu das rolas

Eugénio Neves

TIMOR-LESTE

A opinião das empresas turísticas sobre o turismo em Timor-Leste

Manuel Vong e Patrícia Oom do Valle

Resumos/Abstracts

Autores

RILP N.º27 2014

Mar

APRESENTAÇÃO

Rui Martins, Cristina Montalvão Sarmiento e Pandora Guimarães

ANGOLA

Angola no contexto integrado entre habitats e ecossistemas marinhos e costeiros: usos e serviços da biodiversidade

Carmen Van-Dûnem Santos

BRASIL

As pequenas ilhas do arquipélago de Santa Catarina: Brasil

Eduardo Juan Soriano-Sierra

CABO VERDE

Os corais em Cabo Verde: um património a proteger

Evandro P. Lopes, Rui Freitas e Osvaldina Silva

GUINÉ-BISSAU

Paisagens, pescas e pescadores no litoral da Guiné-Bissau

Raul Mendes Fernandes

MACAU

Navios e Marinheiros da Armada Portuguesa em Macau no Século XX. Achegas para uma justa homenagem

Jorge A. H. Rangel

MOÇAMBIQUE

A biodiversidade marinha no norte de Moçambique no contexto da exploração do gás natural

Isabel Marques da Silva

PORTUGAL

Para um futuro regime dos recursos genéticos marinhos – o caso dos Açores

Maria Inês Gameiro

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

A comunidade marítima de São Tomé e Príncipe e o tramento domiciliar de água

Dudene Vaz Lima

TIMOR-LESTE

A delimitação da plataforma continental do mar de Timor e o Tribunal Internacional de Justiça

Francisco Pereira Coutinho

Resumos/Abstracts

Autores

RILP N.º28/29 2015

Rotas e Mercadores

APRESENTAÇÃO DO EDITOR CIENTÍFICO

Júlia Ferreira Furtado

PRODUTOS

Rotas de expansão marítima portuguesa e signo de um Timor sândalo com gente de culturas

Vicente Paulino

O azeite de baleia e a rota direta entre o Rio de Janeiro e os Açores nos finais de setecentos e início de oitocentos

Margarida Vaz do Rego Machado

S. Tomé e Príncipe nas rotas do cacau: consequências e gestão de espaços rurais e urbanos no tempo pós-colonial

Maria Nazaré Ceita

A rota africana da expansão marítima portuguesa e o interesse comercial pelo reino de Ndongo no século XVI

Odílio Fernandes

Veredas dos livros: América ibérica e Europa, séculos XVI-XVIII

Mariana Sales

Rotas de saberes entre Europa e américas e a edição de livros técnicos de agricultura no mundo luso-brasileiro do século XVIII e início do século XIX

José Newton Coelho Meneses

AGENTES

Mercadores italianos na Lisboa de quinhentos. Redes comerciais e estratégias mercantis.

Nunziatella Alessandrini

Mecanismos de governança no comércio do açúcar: Brasil, Portugal e Países Baixos (1595-1618)

Daniel Strum

Fluxos de ouro no século XVIII: grupo mercantil e gestão da distância

Leonor Freire Costa e Maria Manuela Rocha

Pero Vaz de Siqueira: mercador e armador nas rotas orientais

Leonora Díaz de Seabra e Maria de Deus Manso

Rota da escravatura e cabo-verdianidade

Lourenço Gomes

As rotas da Rainha Achivanjila: género e resistência à escravatura no norte de Moçambique, finais do século XIX e princípios do século XX

Benigna Zimba

“Dos progressos que fazem a agricultura”: produção de arroz e trabalhadores da África ocidental para o norte da América portuguesa (1770-1800)

Reinaldo dos Santos Barroso Junior

RESUMOS/ABSTRACTS

AUTORES - BIOGRAFIAS

RILP N.º30 2016

30 anos a construir redes de ensino superior em português

INTRODUÇÃO

30 anos a construir redes de ensino superior em português

Rui Martins e Cristina Montalvão Sarmento

I - IDENTIDADE

A institucionalização da AULP

1. O primeiro Secretário-Geral da AULP (1986-2002)

Manuel Coelho da Silva

2. Três anos como Secretário-Geral da AULP (2002/2005). O resto da minha vida como militante da construção do ELCO – Espaço Lusófono do Conhecimento

José Alarcão Troni

3. A vida associativa e o Secretariado Geral da AULP (2006-2010; 2014-2016)

Cristina Montalvão Sarmento

II - TESTEMUNHOS

O impacto das presidências

1. Da Europa: os esforços portugueses

Adriano Pimpão

João Guerreiro

2. O impulso da América do Sul: o Brasil

Clélio Campolina Diniz

3. Empenho africano: Angola, Cabo Verde e Moçambique

João Sebastião Teta

António Correia e Silva

Jorge Ferrão

Judite Nascimento

4. Os encontros no sul da China e a atual presidência da AULP da RAEM, China

Rui Martins e Jorge Rangel

5. A experiência do sudoeste asiático - Timor-Leste

Francisco Martins

III - CONTRIBUTOS CIENTÍFICOS

As edições e os projetos associativos

1. A história e registo dos encontros da AULP: Atas

Cristina Montalvão Sarmento e Pandora Guimarães

2. A Revista Internacional em Língua Portuguesa: da língua à cultura científica

Cristina Montalvão Sarmento

3. A recuperação da cultura científica: obras comemorativas

Pandora Guimarães

4. Prémio Fernão Mendes Pinto, uma iniciativa da AULP

João Guerreiro

IV - MEMÓRIAS

Locais e publicações

1. Encontros AULP

Portugal (1989 - Lisboa; 1990 - Évora; 1992 - Estoril; 1994 - Estoril; 1996 - Lisboa; 2000 - Ponta Delgada; 2001 - Viseu; 2005 - Lisboa; 2011 - Bragança); Brasil (1995 - Recife; 1997 - Rio de Janeiro; 2004 - São Paulo; 2008 - Brasília; 2013 - Belo Horizonte); África (1999 - Moçambique; 2002 - Angola; 2007 - Cabo Verde; 2009 - Angola; 2012 - Moçambique; 2015 - Cabo-Verde); Macau (1998/2003/2006/2010/2014))

2. Presidências AULP

3. Índices da Revista Internacional em Língua Portuguesa

Normas de publicação

A Revista Internacional em Língua Portuguesa (RILP) surgiu como manifestação do desejo de interconhecimento e de intercâmbio de todos os que, na América, na Europa e na África falam português no seu quotidiano, e se preocupam com a sua utilização e o seu ensino. A revista surge como um modo de aproximar as culturas que na língua portuguesa encontram expressão, ou que a moldam para se exprimirem.

Com uma tiragem anual de 300 exemplares, e editada desde 1989, é uma publicação interdisciplinar da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) que circula a nível nacional e internacional, com especial destaque nos países de língua oficial portuguesa e Macau (RAEM), através das instituições de ensino superior membros da AULP e centros de investigação com interesse no domínio científico da revista.

Normas para Autores:

1. Os artigos submetidos a apreciação têm de ser originais e inéditos. Uma vez submetidos os artigos ao processo de avaliação da RILP, em momento algum poderão ser submetidos a outras revistas. Os textos têm de ser obrigatoriamente apresentados em língua portuguesa e devem respeitar as normas referentes ao acordo ortográfico de 2009.
2. Os artigos devem ter preferencialmente até 10.000 palavras, incluindo notas, bibliografia e quadros. Os textos devem ser entregues num documento em formato Word (ou compatível), estilo de letra Times New Roman, tamanho 12, espaçamento a um e meio.
3. Os artigos devem ser acompanhados de um resumo de cerca de 150 palavras – com uma versão em português e outra em inglês – de quatro a seis palavras-chave e de um ficheiro em formato Word (ou compatível) com os dados de identificação do autor (instituição, categoria, áreas de especialização e elementos de contacto eletrónico).
4. As ilustrações, quadros, figuras e mapas deverão ser numerados e enviados em ficheiro à parte em formato jpeg ou png. O autor deve ainda indicar os locais onde os mesmos devem ser inseridos.
5. As citações de fontes alheias têm de respeitar a legislação em vigor relativa aos direitos de autor.
6. A RILP segue as normas de referenciação bibliográfica contidas na 16ª edição do manual de citação de Chicago (Chicago Manual of Style. 2010. 16th ed. Chicago: University of Chicago Press). As referências bibliográficas dos textos em língua portuguesa, castelhana, francesa e italiana deverão preferencialmente, ser inseridas em notas de rodapé de página. As referências bibliográficas dos textos em língua inglesa deverão ser inseridas em corpo de texto, ambas respeitando as normas de citação adotadas.
7. Os textos submetidos serão, num primeiro momento, analisados pelo conselho editorial, podendo ser rejeitados ou submetidos a processo de arbitragem científica. Os artigos aceites serão, em seguida, submetidos a um ou dois árbitros, através de um sistema de revisão cega de pares. A decisão final sobre a publicação do artigo proposto, num dos números da RILP, será tomada pelo Conselho Editorial, considerando os pareceres dos árbitros.
8. Os autores, individuais ou coletivos, dos artigos publicados conferem à RILP o exclusivo direito de publicação, podendo o artigo sofrer alterações e revisões de forma, ou propósito de adequá-lo ao estilo editorial da RILP.
9. Os autores, individuais ou coletivos, dos artigos publicados na RILP receberão dois exemplares da revista cada. Se solicitado, poderá também ser disponibilizada uma cópia em formato PDF.

Os artigos e as dúvidas deverão ser submetidos para RILP@AULP.ORG.

A *Revista Internacional em Língua Portuguesa* (RILP) vem sendo publicada desde o início da fundação da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) em 1986, e tem sido o meio da expressão da sociedade científica que se expressa em português. Esta revista é um caso nacional único de internacionalização do centro linguístico original, o português, para o universo multilateral das culturas que lhe foram sendo historicamente associadas, alheia às variações políticas que o tempo impõe. Implícita está a consciência do grau de reconhecimento e influência internacional que as políticas de língua promovem para determinadas línguas ou podem promover para a língua portuguesa. Ao completar trinta anos de existência a AULP publica este número comemorativo, que visa marcar o fim da III série, abrindo a Revista à chamada livre de artigos no âmbito internacional. A historiografia institucional permitirá aos vindouros dispor de informação que vai estando dispersa e tenderá a ultrapassar as limitações da nossa própria humanidade sempre restrita comparada com o tempo que uma ideia que ganha corpo institucional pode durar. Aos 30 anos a AULP ganhou vida própria e não obstante algumas dificuldades de percurso tem sabido acompanhar o tempo e a dinâmica que este determina, augurando-se uma continuidade frutuosa para o projeto que lhe está implícito: a criação de uma rede de conhecimento ao nível do ensino superior ancorada na partilha de uma língua comum e das diversas culturas que lhe foram sendo associadas.